



# CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura  
**memória e muitos tempos**

Anais do evento



*Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901*

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (1. : 8-12 set  
2014 : Pelotas)

Anais do...: memórias e muitos tempos [recurso eletrônico] /  
1. Congresso de Extensão e Cultura da UFPel ; org. Francisca  
Ferreira Michelin, João Fernando Igansi Nunes, Denise Mar-  
cos Bussoletti. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2015. 810p. : il.

Modo de acesso: <[wp.ufpel.edu.br/congressoextensao](http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao)>

**ISSN: 2359-6686**

1.Extensão. 2.Cultura. 3.Universidade. I.Michelin, Francisca  
Ferreira. II.Nunes, João Fernando Igansi. III.Bussoletti, Deni-  
se Marcos. IV.Título.

CDD: 378.175



# CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura  
**memória e muitos tempos**

**Prof. Mauro Augusto Burkert Del Pino**  
**Prof<sup>a</sup>. Denise Marcos Bussoletti**  
*Comitê Executivo*

**Prof. Adalberto dos Santos Júnior**  
**Prof. Carlos Alberto Oliveira da Silva**  
**Prof<sup>a</sup>. Celina Maria Britto Correa**  
**Prof<sup>a</sup>. Denise Marcos Bussoletti**  
**Prof. Evandro Piva**  
**Prof<sup>a</sup>. Francisca Ferreira Michelin**  
**Prof. José Everton da Silva Rozzini**  
**Prof<sup>a</sup>. Márcia Alves da Silva**  
**Prof<sup>a</sup>. Nórís Mara Martins Pacheco Leal**  
*Coordenadores*

**Joice Soares**  
*Secretária do CEC*

**Maria Jandira Salum**  
**Taís Ulrich Fonseca**  
**Mateus Schmeckel Mota**  
**Thayse Pereira Siqueira**  
**Claudia de Oliveira Farias**  
**Camila da Silva Corrêa**  
**Gabriela Bacelo Heidrich**  
**Glauco Roberto Munsberg dos Santos**  
**Isadora Peixoto Pickersgill**  
**Juliana Caroline da Silva**  
**Luis Renato Macedo Sanches**  
**Priscilla Santana do Espírito Santo**  
**Renan Bandeira Curi Halal**  
**Thiago das Neves Lopes**  
**William Lobato**  
**Vinícius Camargo Zientarski**  
*Comissão Organizadora*

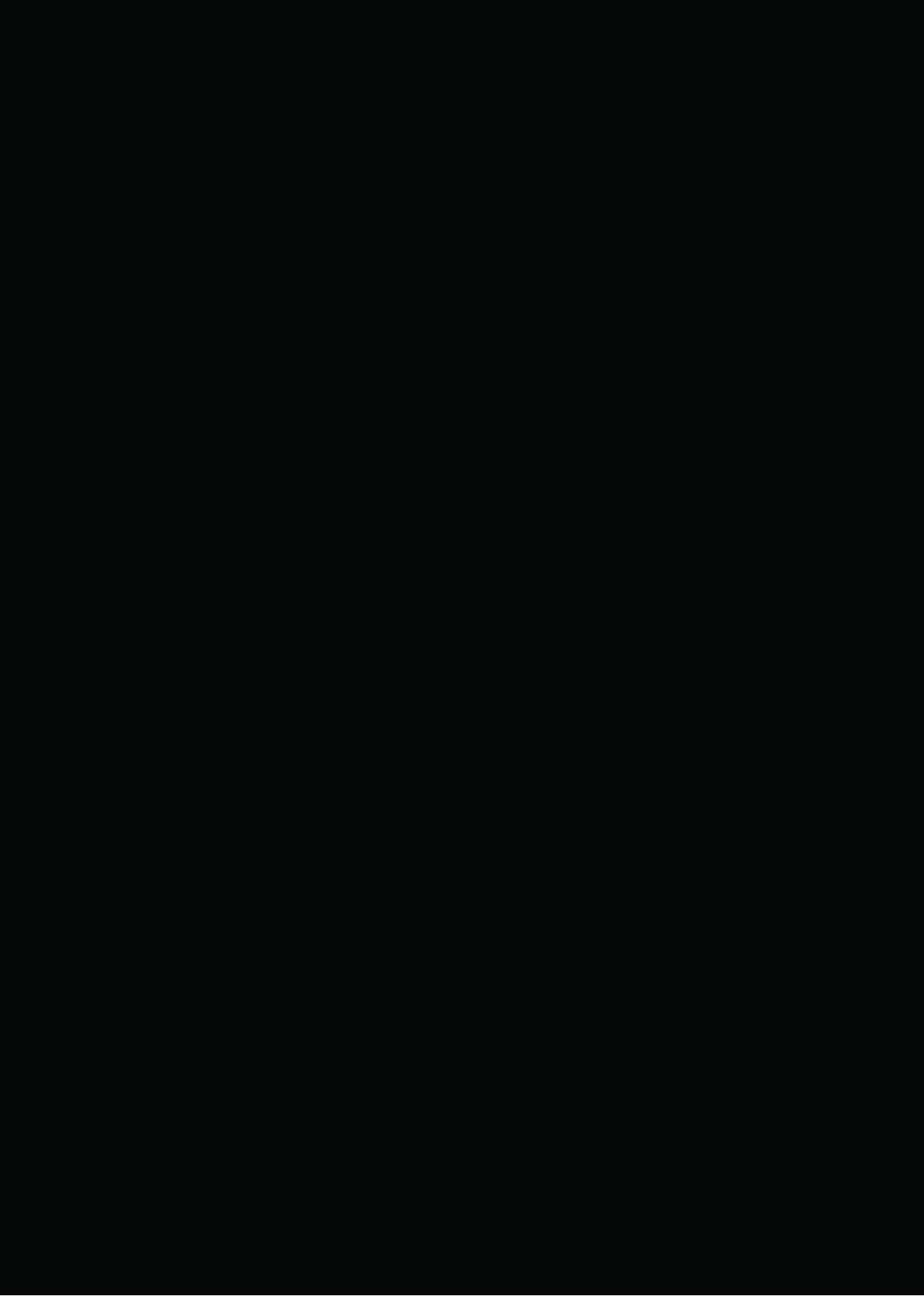
**Prof. João Fernando Igansi Nunes**  
*Diretor de Arte*

**PET Artes Visuais**  
*Identidade visual do CEC 2014*

**Pedro Pazitto Galhardi**  
*Designer Gráfico e Editorial do CEC 2014*

**Aline Alvarez**  
*Designer Digital do CEC 2014*

**Tuany Borges**  
*Editoração Eletrônica dos Anais do CEC 2015*





# CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura  
**memória e muitos tempos**

## **Comitê de apoio**

Adienez Nobre Parada Castro  
André Maragno  
Andreia Santos Peixoto  
Andressa Da Rocha Bastos  
Andressa Pedreira Fraga  
Bárbara Ponzilacqua Silva  
Bianca Lemons  
Bruna Madruga Pires  
Camila Beatriz Bonatto  
Camila Cardoso Neves  
Carla Simone Da Silva Mota  
Carolina Da Motta Tavares  
Carolina Ortiz Machado  
Chayane De Souza Vianna  
Claudio Puccinelli Pickersgill Filho  
Cristina Campos  
Cristina Vilela Acosta  
Daniel Krolow Retzlaff  
Daniele Bonow Robledo  
Daniele Vítor Barboza  
Darlan Radtke Bergmann  
Ediléia Strelow Leal  
Eliana Menezes De Souza  
Elizenda Roschildt  
Elliott Centeno  
Emily Costa Silveira  
Gabriela Gonzalez Peronti  
Gabriela Soares Waichel  
Gentil Siqueira  
Glauco Roberto Munsberg  
Ildaiane Pintanela Vergara  
Isabela Mazzini  
Isadora Augusta Da Silveira  
Izadora Peixoto Pickersgill  
Jana Paim  
Jessica Oliveira De Souza  
João Pedro Rodrigues Da Conceição  
Juane Leivas Oliviera  
Juliana Balota Gomes  
Juliana Caroline Da Silva  
Juliana Silva Ribeiro  
Kelen Daiane Ferreira Escalante  
Kelly Karine Maldaner  
Kethelyn Giulian Pedebos Oliveira  
Kevin Borges Garcia  
Kevin Veloso Almeida Lorgani  
Larissa Baladam  
Léticia Da Silva Souza  
Léticia Ribeiro  
Lieni Fredo Herreira  
Luis Henrique Porto Oliveira  
Maibi Da Silva Macedo  
Luísa Martins Miler  
Maitê Lemes Curtinaz  
Manuella Dos Santos Garcia Vanti Carvalho  
Maraisa Carine Born  
Maria Cristina Pedrozo  
Mariane Da Silva Bélem  
Mariane Fernandes Safons  
Marilene Brum Bohner  
Marili Gomes Pedrozo  
Marisa Peres Leonetti  
Martha Alves  
Matheus Neiverth  
Melissa Quatrin  
Midiã Reichow Dos Santos  
Milena Oliviera Do Espírito Santo  
Milena Vaz Da Silva  
Monaliza Da Costa  
Muriel Hammes Afonso  
Nizéli Cazarotto Barbosa  
Pablo Daniel Campos López  
Paloma Heine Quintas  
Pâmela Tanasovich Rosa Souza  
Paula Renata Carniel Quevedo  
Priscila Silveira Dos Santos  
Rafael De Moura Pernas  
Rafael Gonçalves Da Silveira  
Rafael Teixeira Chaves  
Rafaella Coi Araújo  
Raíra Pereira Velasques  
Reginaldo Dias Porto  
Rochele Valente Moura  
Rodrigo Fernandes Dos Santos  
Silvio César Silva  
Suelen Farias Pereira  
Tássia Maria Konzen  
Tatiane Müller  
Ticiane Pinto Garcia  
Vanessa Conrado  
Vanessa Corrêa  
Verônica Mendes Borges Barbosa  
Wagner Roveder  
Yuri Zivago Yung Grillo



# ● SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO, 9
- ÁREAS, 19
  - COMUNICAÇÃO, 21
  - CULTURA, 63
  - DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219
  - EDUCAÇÃO, 225
  - MEIO AMBIENTE, 405
  - SAÚDE, 467
    - TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723
    - TRABALHO, 783





● APRESENTAÇÃO, 9





## Memória e muitos tempos

O que foi  
e  
o que é  
como se sempre fosse  
no campo sem fronteira  
e na fronteira sem limites

*Aldyr Garcia Schlee*

Ao adotar como tema do I Congresso de Extensão e Cultura “a memória e seus muitos tempos” a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura busca alcançar a emoção verdadeira que nos faz celebrar os 45 anos da UFPel como um excepcional acontecimento. Esta é a matriz da identidade deste evento, não somente como um desejo de encontro com cada gesto e cada ação que fizeram parte da nossa história, mas também como uma celebração ativa de nossos rastros, como cintilações instigantes na direção de um outro tempo que também é o futuro.

Cabe a extensão universitária o exercício da memória como expressão daquilo que foi, daquilo que é, como se sempre fosse. A realização deste I Congresso de Extensão e Cultura se revela assim como um marco sintetizador de nossas raízes e horizontes.

Que os próximos anos traduzam tempos e realidades onde a universidade, e a extensão pela sua missão e compromisso, cada vez mais contribuam na construção de laços com a sociedade e com a produção de valores e conhecimentos incansavelmente inseridos na paisagem de uma fronteira sem limites. Resta ainda desejar que a leitura das próximas páginas propicie ao leitor a experiência, pelas linhas e entrelinhas, de tudo isto. Boa leitura!

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti  
*Pró-Reitora de Extensão e Cultura  
Universidade Federal de Pelotas*



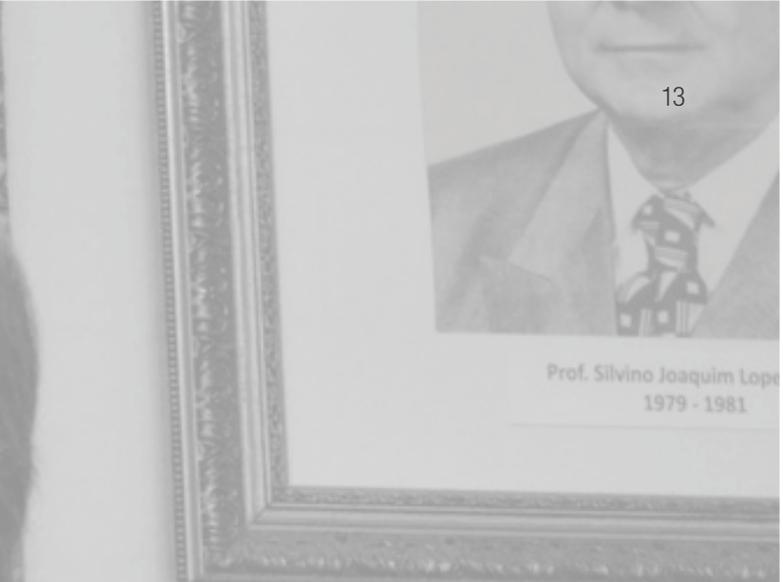
Profª. Gilda Maciel

*Aldyr Garcia Schlee (Jaguarão/RS, 1934)*

Escritor, jornalista, tradutor, desenhista, foi professor da Universidade Federal de Pelotas, onde atuou como Pró-Reitor de Extensão e Cultura no período de 1989 a 1992. Também como docente atuou na UFRGS e PUCRS. Doutor em Ciências Humanas com graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS, é um intelectual com expressiva trajetória em pesquisa. Como escritor, sua obra é reconhecida pela intensa e premiada produção literária. Recebeu o prêmio da Bienal Nestlé de Literatura Brasileira por duas vezes e cinco vezes o Prêmio Açorianos de Literatura, entre outros. Como jornalista, igualmente sua trajetória foi intensa: redator e planejador gráfico do jornal Última Hora, criou o jornal Gazeta Pelotense, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 1963 e foi fundador da Faculdade de Jornalismo da UCPel, tendo sido expulso durante a ditadura militar no Brasil, quando foi preso e respondeu a processos por subversão. Como desenhista, seu grande destaque foi a criação do uniforme verde e amarelo da seleção brasileira de futebol, que venceu o concurso promovido pelo jornal carioca Correio da Manhã em 1953 e, após, oficializado pela Confederação Brasileira de Desportos tornando-se conhecido como a Camisa Canarinho.



Prof. Victalino Trindade  
1974 - 1977

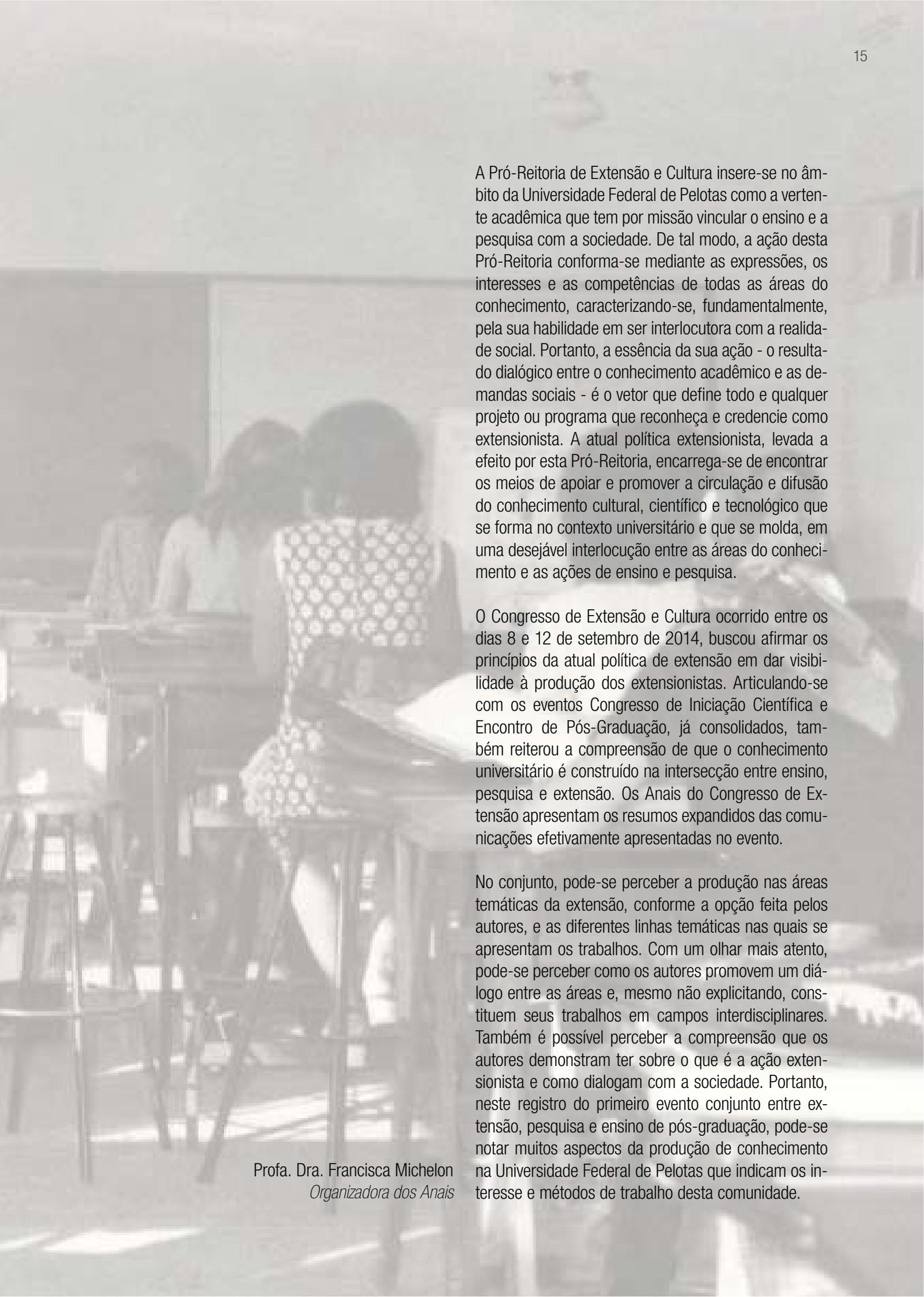


Prof. Silvino Joaquim L.  
1979 - 1981

### **Prêmio de Extensão Aldyr Garcia Schlee**

A inspiração para instituir o Prêmio de Extensão com o nome do literato Aldyr Garcia Schlee veio de um contexto no qual a trajetória profissional deste intelectual ilumina a grandeza do conceito de extensão universitária que se tem neste momento, sem, de modo algum, fazer dele genérico e despersonalizado. Contribuiu para a escolha ter sido este professor Pró-reitor de Extensão durante a primeira gestão eleita por voto da comunidade universitária nesta instituição. De igual natureza é a motivação que fez instituir o prêmio em si, entendendo-o para além do destaque, como um sinalizador dos valores que se desejam enquanto metas: a compreensão de que a universidade é uma instituição que produz conhecimento necessário, de que este conhecimento é de todos que o necessitam e de que é um meio para que se chegue a tempos mais solidários. Portanto, mais do que premiar extensionistas, artistas, agentes culturais, projetos e programas de extensão que sejam significativos dentro dos critérios da Política Nacional de Extensão, deseja-se lançar luz nas ações que tenham impacto cultural e social. Pretende-se que este prêmio realce ideias, obras e iniciativas que atuem como extrovertores do conhecimento técnico, científico, cultural e artístico ou que impactem a realidade estética, simbólica e social. Deseja-se, também, que faça jus, este prêmio, ao nome que leva, sinalizando a força do excelente intelecto quando praticado por um coração movido pela atenção ao humano.



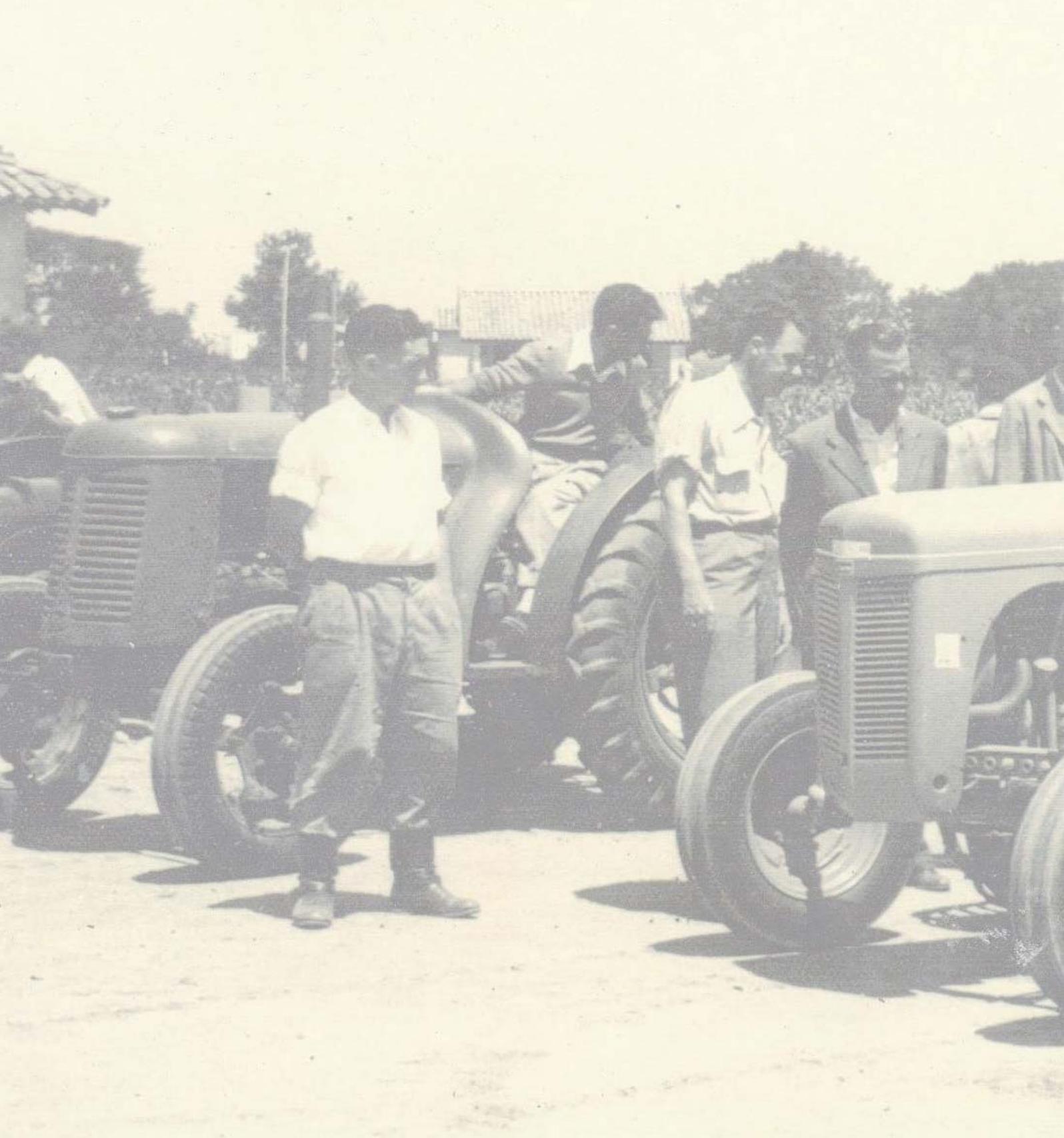


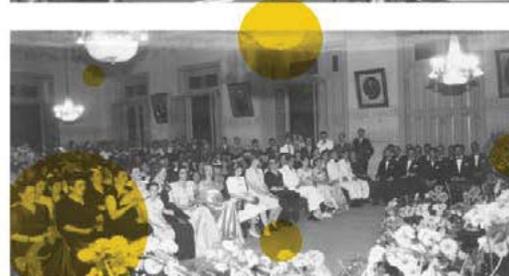
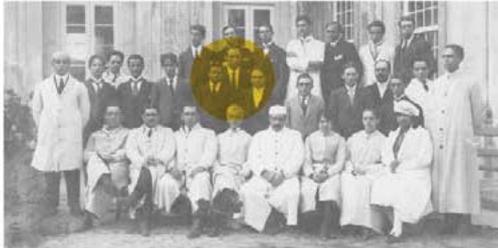
A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura insere-se no âmbito da Universidade Federal de Pelotas como a vertente acadêmica que tem por missão vincular o ensino e a pesquisa com a sociedade. De tal modo, a ação desta Pró-Reitoria conforma-se mediante as expressões, os interesses e as competências de todas as áreas do conhecimento, caracterizando-se, fundamentalmente, pela sua habilidade em ser interlocutora com a realidade social. Portanto, a essência da sua ação - o resultado dialógico entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais - é o vetor que define todo e qualquer projeto ou programa que reconheça e credencie como extensionista. A atual política extensionista, levada a efeito por esta Pró-Reitoria, encarrega-se de encontrar os meios de apoiar e promover a circulação e difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico que se forma no contexto universitário e que se molda, em uma desejável interlocução entre as áreas do conhecimento e as ações de ensino e pesquisa.

O Congresso de Extensão e Cultura ocorrido entre os dias 8 e 12 de setembro de 2014, buscou afirmar os princípios da atual política de extensão em dar visibilidade à produção dos extensionistas. Articulando-se com os eventos Congresso de Iniciação Científica e Encontro de Pós-Graduação, já consolidados, também reiterou a compreensão de que o conhecimento universitário é construído na intersecção entre ensino, pesquisa e extensão. Os Anais do Congresso de Extensão apresentam os resumos expandidos das comunicações efetivamente apresentadas no evento.

No conjunto, pode-se perceber a produção nas áreas temáticas da extensão, conforme a opção feita pelos autores, e as diferentes linhas temáticas nas quais se apresentam os trabalhos. Com um olhar mais atento, pode-se perceber como os autores promovem um diálogo entre as áreas e, mesmo não explicitando, constituem seus trabalhos em campos interdisciplinares. Também é possível perceber a compreensão que os autores demonstram ter sobre o que é a ação extensionista e como dialogam com a sociedade. Portanto, neste registro do primeiro evento conjunto entre extensão, pesquisa e ensino de pós-graduação, pode-se notar muitos aspectos da produção de conhecimento na Universidade Federal de Pelotas que indicam os interesses e métodos de trabalho desta comunidade.

Profa. Dra. Francisca Michelon  
*Organizadora dos Anais*





## do Todo para a Parte - da Parte para o Todo

A memória, prática do sujeito interfaceado entre a essência do Eu “je” legado por Edmond Couchot (2004) e o seu coletivo, está para o compartilhamento latente de outros tempos e assim, de muitas memórias tais como as que se manifestam nesses traços gráficos. Como profere Guattari (2001), os rastros habitam as máquinas sistêmicas e são desejosos de quem os operam em escrita e leitura.

CEC escreve-se com o tipo Bebas Neue Regular. Extremamente geométrica, atribui caráter de precisão pela simetria e regularidade. A partir da tipografia Simplifica somada a Bree Serif, ambas na variação regular, enunciam-se as características retóricas de uma escrita clara, limpa e graciosa que dão forma ao lettering. Seus pesos/contrastes dividem a leitura caracterizando evento e temática.

Como exegese sígnica de um sistema de ordem própria e categorias específicas, a sintaxe visual do primeiro Congresso de Extensão e Cultura apresenta esta configuração gestáltica: o todo não é a soma das partes, seus resultados nascem das relações complexas que se estabelecem entre si. A partir da fotografia museificada, desvela cenas de trabalho, convivência social e contextos de produção coletiva que formatam vetores para uma narrativa de valores técnicos e de afetos. Afetos de quem recorda, afetos de quem conhece e assim, reconhece o imaginado mundo do passado. São como janelas evoluídas do quadro da pintura, fendas para outros tempos, expandindo os limites do espaço vivido para as experiências compartilhadas. Projeção que sugere orbita, sua identidade visual é composição de narrativa fílmica: carece do tempo percorrido para a leitura aleatória entre os espaços que pulsam seus próprios contextos. CEC - memórias e outros tempos é representado aqui como fluxos sem ordem externa, que são acionados e devem ser lidos.

Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes  
Coordenador do projeto de Identidade Visual





## ● ÁREAS, 19

- COMUNICAÇÃO, 21
- CULTURA, 63
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219
- EDUCAÇÃO, 225
- MEIO AMBIENTE, 405
- SAÚDE, 467
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723
- TRABALHO, 783





● ÁREAS, 19



● CULTURA, 63





# 4º SEMINÁRIO DE INTERIORES – TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS / COR / MOBILIÁRIOS / LINGUAGEM DOS ESPAÇOS INTERIORS / REPRESENTAÇÃO

*MENDES, Bruna da Rosa*

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo, bolsista do PET-Arquitetura/UFPel

*FONSECA, Leandro Ferreira*

Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo, bolsista do PET-Arquitetura/UFPel

*ORTEGA, Camila Parolin*

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo, ex-bolsista do PET-Arquitetura/UFPel

*VITALINO, Thamara Brugnhago*

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo, ex-bolsista do PET-Arquitetura/UFPel

*FARIA, Ana Paula Neto de*

Professora na FAUrb/UFPel, tutora do grupo PET Arquitetura/UFPel.

O presente trabalho relata a experiência de organização e realização do 4º Seminário de Interiores, evento com caráter de extensão e cultura, que visou a divulgação de saberes na área de arquitetura de interiores para a comunidade acadêmica, profissionais arquitetos e áreas afins, assim como leigos interessados no assunto. O evento foi organizado pelo Grupo PET-Arquitetura e ocorreu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, no mês de novembro de 2013.

A meta geral do 4º Seminário de Interiores foi definida como expandir os conhecimentos específicos da área de arquitetura de interiores para uma plataforma mais intuitiva e prática, assim como incorporar aspectos mais culturais relativos ao tema. Neste sentido, as atividades propostas tiveram um caráter mais dinâmico, com a realização de oficinas, projeção de filmes, e mesas redondas, além das palestras. O novo formato teve por objetivos ampliar o público alvo e promover uma abordagem multidisciplinar sobre o tema. As primeiras edições do Seminário de Interiores tiveram por objetivo suprir uma deficiência curricular da Faculdade de Arquitetura da UFPel, que não contava com esse conteúdo no seu currículo. Essa realidade se alterou com a mudança curricular do curso, e o Seminário pode se voltar para temáticas específicas e para um público mais abrangente. Nesta última edição optou-se por uma temática abrangente, possibilitando a construção do conhecimento com profissionais de outras áreas como o cinema, etc.

## Metodologia

A organização do Seminário iniciou com a definição de suas metas e objetivos, assim como sua temática geral e a estratégia a ser empregada para atingir os objetivos propostos. Optou-se por dar um caráter mais cultural ao evento e com isso ampliar o público a ser atingido. Neste sentido, a temática geral proposta foi o da transformação dos ambientes, surgindo como subtemas diversos componentes capazes de induzir as transformações e com isso alterar a percepção dos

usuários. Definiu-se como estratégia geral do evento a realização de atividades participativas que permitissem ao público, sem conhecimentos anteriores na área, adquirissem habilidades e saberes vinculados à arquitetura de interiores.

Com base nas metas e objetivos traçados, o grupo iniciou a busca por colaboradores qualificados que se encaixassem no perfil esperado, tivessem disponibilidade e demonstrassem interesse em participar do evento dentro das modalidades propostas. A data do evento foi definida com base na disponibilidade dos colaboradores elencados e da disponibilidade de espaço físico dentro da FAUrb para a execução das atividades propostas.

A etapa seguinte de trabalho foi de elaboração do material de divulgação e a realização da divulgação no âmbito municipal. Esta divulgação foi feita por meio das redes sociais e postagens em sites de acesso por parte do público alvo, também foram espalhados cartazes em locais de acesso por parte de um público mais restrito, como nos cursos de áreas afins na UFPel, UCPel e IFsul.

A realização do evento contou com o trabalho de todo o Grupo PET-Arquitetura. Nesta etapa a coordenação das atividades, o atendimento ao público e colaboradores, assim como a preparação dos espaços antes de cada atividade e sua arrumação ao final, estavam entre as tarefas principais.

Após o encerramento do evento, o grupo PET-Arquitetura realizou em reunião a avaliação do evento. Foram temas da avaliação: a organização do evento, o andamento das atividades e a aceitação do público.

## Resultados

A realização do 4º Seminário de Interiores requereu um esforço por parte de todo o Grupo PET-Arquitetura para a sua realização. A quantidade de questões a serem resolvidas ao longo de todo o processo, antes e durante o evento, envolveu todos os membros do Grupo. Assim, para o bom andamento dos trabalhos houve uma divisão de tarefas.

A temática escolhida e a estratégia adotada de oferecer maior quantidade de atividades participativas e abordagens multidisciplinares mostraram-se adequadas. O número de Inscrições para essas atividades foi acima da expectativa e houve necessidade de abrir vagas extras nas oficinas. A avaliação informal por parte dos participantes e colaboradores também foi positiva.



Figura 1: Cartaz de divulgação da programação geral do 4º Seminário de Interiores

Fonte: Shirley dos Santos, 2013

As atividades participativas realizadas foram duas oficinas e uma sessão de cinema com mesa redonda. As oficinas tiveram como temas o uso da cor em ambientes internos e a disposição de mobiliário em ambientes residenciais. A primeira oficina trabalhou com a harmonização de cores, texturas e padronagens por meio de justaposição de recortes de imagens de revistas e retalhos de tecidos, etc. Já a segunda oficina buscou introduzir as noções de escala e de organização de mobiliário por meio de um jogo de recortar e colar. Imagens de diversos tipos de mobiliários e acessórios utilitários e decorativos deveriam ser dispostos dentro de ambientes previamente definidos.

A mesa redonda e sessão de cinema contou com a colaboração de profissionais da área do cinema conjuntamente com arquitetos. Nesta atividade foram mostradas cenas de filmes de diversos gêneros e épocas e foi discutida a mensagem vinculada ao filme e suas repercussões nos cenários criados para o mesmo. As relações entre cores, iluminação, disposição de objetos, tipos de mobiliário, etc. com as ideias, sensações e sentimentos sendo vinculados no filme foi amplamente debatido entre os participantes da mesa e destes com o público presente.



Figura 2: Cartazes de divulgação das Oficinas  
Fonte: Shirley dos Santos, 2013



Figura 3: Cartazes de divulgação da Mesa Redonda e Cinema  
Fonte: Shirley dos Santos, 2013

Além das atividades mais participativas também foram realizadas palestras com temas variados. A palestra de abertura contou com a colaboração de uma ex-bolsista PET- Arquitetura que possui forte atuação no mercado de trabalho de Porto Alegre. O tema "Transformação dos espaços" abordou a importância de transformar cada ambiente em um espaço prazeroso, agradável para o usuário e adequado para a função abrigada. O relato de experiências vividas e dos desafios de quem trabalha com arquitetura de interiores deram o tom particular a esta palestra. As demais pa-

lestras tiveram como temas aspectos mais particulares da arquitetura de interiores. Foram temas desta edição do evento: os tipos de mobiliários prontos no mercado; o tema residencial; e a representação gráfica de ambientes internos. Todas as palestras foram pautadas pela explanação acessível ao leigo e pela exposição de exemplos práticos e amostragem de materiais.



Figura 4: Cartazes de divulgação das Palestras  
Fonte: Shirley dos Santos, 2013

A presença de público nesta edição do evento foi bastante significativa e a meta de atingir um público maior foi realizado com sucesso. No entanto, o perfil do público atingido foi mais restrito do que aquele para o qual o evento foi pensado. Houve a participação de alunos de outras instituições que possuem cursos em áreas afins, assim como de profissionais atuantes no mercado. Porém a meta de atender a um público leigo não foi atingida. Os problemas no atendimento a este objetivo podem estar vinculadas ao modo de divulgação utilizado para o evento e foram alvo de reflexão por parte do Grupo.



Figura 5: Fotografia do evento na palestra de abertura do dia 30 de outubro

Fonte: Shirley dos Santos, 2013



Figura 6: Fotografia das Oficinas  
Fonte: Shirley dos Santos, 2013

## Referências eletrônicas

*Projeto pedagógico do curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.* Disponível em <[http://faurb.ufpel.edu.br/Documentos/PPP/UFPEL\\_FAURB\\_PP\\_2011.pdf](http://faurb.ufpel.edu.br/Documentos/PPP/UFPEL_FAURB_PP_2011.pdf)>. Acesso em 30 de julho de 2014.

SESCOOP. *Construção Participativa.* 2007. Disponível em <[http://www.ocb.org.br/gerenciador/ba/arquivos/05\\_guiametodologico\\_modeloa5.pdf](http://www.ocb.org.br/gerenciador/ba/arquivos/05_guiametodologico_modeloa5.pdf)>. Acesso em: 04 de agosto de 2014.

## Conclusão

A realização de eventos de formação continuada têm se mostrado de grande interesse para estudantes e profissionais da área de arquitetura e outras áreas afins. A necessidade de manter-se atualizado e suprir antigas deficiências na formação acadêmica parecem motivar esse interesse. O desafio proposto por esta edição do Seminário de Interiores, de abordar o assunto de um ponto de vista multidisciplinar, foi atingido. Houve a colaboração de profissionais de outras áreas nos debates e participando do evento. No entanto, o desafio de tornar o evento de interesse para um público mais diversificado não se consolidou. Novos esforços devem ser tentados para atingir essa meta.

## Referências

THIOLLENT, Michel; ARAÚJO Targino; SOARES, Rosa Leonôra. (coord.) *Metodologia e experiências em projetos de extensão.* Niterói-RJ : EDUFF, 2000.

GIACAGLIA, Maria Cecília. *Organização de eventos: teoria e prática.* São Paulo: Thomson Learning, 2006.

# A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DE UM BACHAREL EM MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O CORAL DA UFPel

*RODRIGUES, Nilton Vargas*

Aluno do Bacharelado em Música – Piano/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

*SILVA, Carlos Alberto Oliveira da*

Professor do Departamento de Música/CA/UFPel, coordenador

O Coral da Universidade Federal de Pelotas, programa de extensão da Coordenadoria de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura/UFPel, iniciou suas atividades em 1973 sob a regência do maestro Romeu Tagnin. Foram também regentes do Coral da UFPel as maestrinas: Luci Ferreira Luff, Sônia André Cava de Oliveira, Elaci Elza Schneider, Magali Richter e Anni Gerda Albert de Moraes. Desde junho de 2005 é regido pelo Prof. Carlos Alberto Oliveira e a partir do ano de 2009 o Prof. Jonas Klug encarregou-se da preparação vocal.

Desde sua fundação o Coral da UFPel vem se destacando na produção e divulgação da atividade coral na comunidade universitária, na cidade de Pelotas, no Estado e no País, participando ativamente de festivais e encontros como: ECUG's – Encontro de Coros Universitários Gaúchos, Festival de Coros do Rio Grande do Sul, concertos natalinos, eventos culturais, solenidades oficiais e concertos comunitários. Possui em sua discografia a gravação de um disco em 1977 e de um CD em 2001, onde registrou dois momentos de sua trajetória com repertório variado indo desde a música renascentista até a contemporânea e abrangendo diversos gêneros como: sacro, profano, popular e erudito. O coral já se apresentou em diversas cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Uruguai, São Paulo e Distrito Federal.

Tem como objetivo integralizar universidade e sociedade através da música, especificamente pela prática coletiva que é o canto coral, levando a música à comunidade e também incluindo a música da sociedade na produção acadêmica, articulando os saberes de dentro e de fora da Universidade.

Atualmente o coral continua trabalhando na renovação e no aprimoramento do seu repertório e da sua performance, contando com músicas de variados estilos. Além disso, o grupo renova constantemente o seu corpo de coralistas, que abrange desde acadêmicos dos cursos de Música da UFPel até pessoas da comunidade pelotense em geral, passando por professores e funcionários técnicoadministrativos da Universidade, bem como acadêmicos dos mais variados cursos de graduação e pós-graduação.

## Metodologia

Como bolsista PROBEC/UFPel, desempenho a função de pianista acompanhador do Coral da UFPel, participando de ensaios parciais e gerais com o grupo, apresentações diversas, preparação das partes de acompanhamento e, eventualmente, da elaboração dos arranjos do coral e sugerindo músicas para o repertório do mesmo. Para a realização das tarefas de acompanhamento do grupo, faz-se mister a prática de música em conjunto, à qual nós – acadêmicos do bacharelado em música – temos acesso pela disciplina de Música de Câmara, obrigatória no currículo dos cursos de performance (instrumentos e canto), de acordo com os projetos pedagógicos desses cursos (CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA UFPEL, 2014). Também são extremamente importantes os conhecimentos das disciplinas de Harmonia, Teoria e Percepção Musical, História da Música e – notadamente – da disciplina prática de Piano.

Já as participações em apresentações requerem – ainda que não obrigatoriamente – experiência de palco, prática em performances públicas, a fim de conferir maior segurança e fluidez às interpretações. Por fim, a sugestão de repertório e a colaboração em arranjos, demandam conhecimentos específicos de formação complementar – além daquela estipulada como obrigatória pelo currículo do Bacharelado em Música – por exemplo, através das disciplinas de Arranjo (optativas) (idem, ibidem) e de pesquisas autônomas em conteúdos diversos, tais como composição, arranjo, escuta de repertório e apreensão de estilos variados.

## Resultados

Desde 2010 trabalhando com o Coral da UFPel, pude testemunhar e participar da obtenção dos seguintes resultados, frutos das diversas atividades do programa: colaboração na formação de dezenas de discentes dos cursos de Música da UFPel; realização de dezenas de concertos em Pelotas; preparação de dezenas de obras para o repertório, em diversos gêneros e de variados períodos; realização e/ou

participações em diversas apresentações fora da cidade de Pelotas; musicalização de dezenas de cidadãos da comunidade em geral; co-organização de edições da ACOPEL – Audição de Corais Pelotenses; participação no 6º ENACOPI – Encontro Nacional de Corais de Piracicaba-SP; participação em todas as

edições realizadas até então do Encontro Binacional de Coros de Rio Branco-Jaguarão; participação em encontros e festivais de corais realizados nas cidades de Arroio dos Ratos, Pedro Osório, Imigrante, Tubarão-SC; diversos concertos em parceria com o Coral Vozes do Rio Grande, na cidade homônima e também em Pelotas; realização de vários concertos em parceria com o programa de extensão da Universidade Federal de Pelotas “Doce Flauta de Pelotas”; concerto na 4ª Semana de Museus de São Leopoldo.

## Conclusão

Como resultado das ações do Coral da UFPel, é possível apontar muito fácil e diretamente para a colaboração na formação de discentes dos cursos de Música da Universidade. Funcionando como um laboratório para as práticas de regência, canto coral, canto solo, acompanhamento instrumental, prática de música de câmara (através do trabalho conjunto com grupos instrumentais da universidade), regência e arranjo, o coral tem formado agentes disseminadores do canto coral em variadas comunidades. Pode-se citar, por exemplo, o caso do Bacharel em Música – Canto pela UFPel, Yimi Walter Premazzi Júnior. Hoje mestrando em Ciências Musicais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e regente do Coral Municipal de Tramandaí, Yimi foi coralista do Coral da UFPel, através do qual também teve oportunidade de trabalhar repertório como solista e praticar regência. Outro exemplo similar é minha própria experiência. Trabalhando com o Coral da UFPel desde 2010, nesse período tive lições valiosas de trabalho em grupo, técnica vocal, regência e arranjo. Graças a essa experiência, hoje conduzo um trabalho de formação do coral municipal de Herval, cidade onde leciono música através do canto, piano e teoria musical.

Para o restante da comunidade acadêmica e pelotense, o coral tem sido um disseminador da música como um todo, de sua valorização, divulgação da apreciação musical como arte, formação de público e mesmo divulgação do canto coral e da prática de música em geral como possíveis atividades ocupacionais. Tal repercussão se dá pela postura do programa, que engloba membros da comunidade em suas atividades, formando-os coralistas, ou seja, muitas vezes um cidadão que conheceu o coral assistindo a uma apresentação acaba ingressando no grupo, se tornando propriamente um agente disseminador musical,

---

retroalimentando aquele ciclo que o fez interessar-se pela música, pelo canto coral. O papel extensionista do Coral da UFPel também se manifesta através dos diversos concertos realizados pelo grupo, tais como os Concertos Anuais, a série de Concertos Didáticos, os tradicionais Concertos Natalinos e as várias apresentações em solenidades e eventos ligados à Universidade Federal de Pelotas ou mesmo a outras instituições. Desde que acompanho o Coral da UFPel o grupo já realizou dezenas de apresentações de diversos caracteres em cidades que incluem Pelotas, Pedro Osório, Rio Grande, Herval, Jaguarão, Rio Branco (Uruguai), Treinta Y Tres (Uruguai), Imigrante, Arroio dos Ratos, Tubarão-SC, Piracicaba-SP, dentre outras localidades. As passagens e apresentações do coral por tantos lugares – levando o nome da Universidade Federal de Pelotas e a proposta da Extensão como setor de suma importância em uma universidade – reforçam a importância desse programa e não deixam dúvida quanto à sua eficácia em articular Universidade e sociedade.

### **Referências eletrônicas**

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA UFPEL. *Projetos Pedagógicos*. Disponível em: < <http://conservatorio.ufpel.edu.br/page14/page56/page56.html> > Acesso em: 09 ago 2014



# A OFICINA DE TRADUÇÃO LITERÁRIA E A ABORDAGEM DOS GÊNEROS LITERÁRIOS, TEORIAS E EXPERIÊNCIA PRÁTICA DA TRADUÇÃO

*CUADROS, Lóren Cristine Ferreira*

Aluna do Bacharelado em Letras – Tradução Inglês Português/UFPel, bolsista PROBIC-FAPERGS

*VIÉGAS-FARIA, Beatriz*

Professora do Centro de Letras e Comunicação/UFPel, orientadora

*TENFEN, Juliana Steil*

Professora do Centro de Letras e Comunicação/UFPel, coordenadora

Realizada por duas professoras do Bacharelado em Letras – Tradução Inglês/Português da Universidade Federal de Pelotas, a Oficina de Tradução Literária foi um projeto de extensão realizado aos sábados entre os meses de maio e julho de 2014 que teve como objetivo a divulgação da tradução literária como tópico acadêmico e de sua prática quer para fins comerciais ou de pesquisa. Durante a realização do curso foram também abordadas as proposições de importantes autores que compõem o aporte teórico que serve de base para os estudos realizados nessa área.

No dia 10 de maio, foi realizado no Campus Porto um teste que objetivou a seleção de estudantes que possuíssem as habilidades de escrita e o domínio das línguas materna e estrangeira (inglês) necessários à participação no projeto de extensão. O teste foi composto pela tradução de um excerto literário do inglês para o português e pela redação em português de um texto de cunho criativo descrevendo o enredo de um filme da preferência do candidato.

A Oficina visou incluir gêneros literários diversos, tomando como foco principal de cada aula a tradução de um tipo diferente de texto. Ademais, os estudantes puderam contar com o auxílio da monitora Lóren Cristine Ferreira Cuadros, graduanda do 7º semestre do Bacharelado em Tradução, que também se responsabilizou por ministrar a aula final do curso. O tema dessa última lição foi a tradução de radioteatro, uma das áreas estudadas pela discente em seus trabalhos de pesquisa. Encontram-se discernidos no quadro abaixo as datas em que ocorreram os encontros da Oficina de Tradução Literária e os tópicos abordados em cada uma das aulas que a compuseram:

17 de maio	Narrativa
24 de maio	Narrativa curta
31 de maio	Teatro
07 de junho	Poesia
14 de junho	Roteiro de cinema
28 de junho	Literatura infantil
05 de julho	Literatura juvenil
12 de julho	HQ / Graphic novel
19 de julho	Letra de música
26 de julho	Radioteatro

## Metodologia

A Oficina de Tradução Literária foi organizada em aulas com quatro (4) horas de duração, ministradas aos sábados, das 8h às 12h, ao longo de dez (10) semanas no período que se estendeu de 17 de maio a 26 de julho de 2014 (com exceção do dia 21 de junho). As aulas teórico-práticas que compuseram o curso foram ministradas na Bibliotheca Pública Pelotense.

Como mencionado anteriormente, diferentes gêneros literários foram abordados em cada semana e estes foram escolhidos devido ao elevado nível de complexidade tradutória que apresentam. Assim, a cada semana, um texto (ou excerto) diferente foi traduzido pela turma durante a parte prática da aula.

Cada lição foi dividida em duas seções: num primeiro momento, foram conduzidas discussões teóricas nas quais foram introduzidos à turma conceitos essenciais relacionados ao gênero estudado em cada semana e às implicações de sua tradução para o português brasileiro – sobretudo os principais problemas tradutórios.

Já na segunda metade das aulas, teve lugar a prática de tradução dos textos préselecionados para cada lição. Para tanto, além dos dois computadores disponibilizados pelas coordenadoras da Oficina a fim de facilitar as pesquisas, os alunos se responsabilizaram por trazer também seus próprios computadores para que pudessem fazer uso de dicionários, glossários, ferramentas de busca e de tradução automática disponíveis na Internet.

Os textos escolhidos foram traduzidos do inglês para o português pelos alunos, contando com o auxílio da monitora do curso e da coordenadora presente em cada uma das aulas. Ao final de cada lição, foi realizada uma análise coletiva durante a qual os alunos puderam ler suas traduções para o grupo, expor dúvidas e apresentar suas soluções tradutórias para trechos de particular complexidade.

Tal metodologia permitiu não só a troca de conhecimentos entre os integrantes da Oficina – uma vez que a observação das soluções encontradas pelos colegas, somada às sugestões dadas por eles e ao apoio das coordenadoras e da monitora levou os alunos a aperfeiçoarem suas traduções – mas também a aplicação prática dos conceitos abordados na primeira parte de cada aula.

## Resultados

Além de fomentar o aprimoramento das técnicas tradutórias de discentes advindos da grande área de Linguística, Letras e Artes, a realização da Oficina de Tradução Literária permitiu também a introdução de estudantes de outras áreas do conhecimento ao universo da tradução de textos literários. Iniciativas como essa tem grande importância para a expansão da disciplina de Estudos da Tradução e para a evolução das pesquisas relacionadas à ela, visto que a introdução de novos alunos às teorias elaboradas nesse âmbito contribui para o surgimento de novos estudos e para o avanço daqueles atualmente em desenvolvimento.

Ademais, também a tradução como atividade prática e sua relação com o aporte teórico que vem sendo construído desde o surgimento da disciplina nos anos 70 ganham destaque, pois, a prática tradutória – sobretudo quando há a oportunidade de discutir opiniões e esclarecer dúvidas – origina questões a respeito da aplicação das proposições teóricas que podem ser resolvidas de uma forma observável. Essas discussões levam os estudantes a aperfeiçoarem suas traduções e a compreenderem a dimensão da tradução interlinguística como atividade criativa ao transporem por si mesmos as barreiras tradutórias encontradas.

Além disso, outras noções tais como a definição de gênero literário, questões relativas a cada um dos gêneros abordados, particularidades de autores estudados e outros conceitos associados à tradução (tais como as modalidades de tradução intralinguística e intersemiótica) foram também abordados nas aulas ministradas durante a Oficina. A realização do curso serviu ainda para integrar parte dos estudos conduzidos no projeto de pesquisa “Tradução Teatral”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Beatriz Viégas-Faria.

## Conclusão

Contribuindo para a expansão da cultura através do contato com obras literárias de língua inglesa e com as teorias da tradução, a Oficina serviu para impulsionar a difusão da tradução literária e dos conceitos que a cercam entre os discentes advindos de áreas distintas daquelas que têm relação direta com os Estudos da Tradução. Além disso, os futuros tradutores com formação nessa área específica tiveram a oportunidade de aprimorar suas habilidades através do compartilhamento de conhecimentos.

---

Também o aspecto da oposição entre a tradução literária vista como tópico acadêmico – incluindo-se nessa parte as expectativas dos tradutores e o estado da arte dessa atividade – e sua prática no contexto do sistema literário brasileiro foram questões destacadas durante o curso. Tal abordagem foi elaborada de modo a chamar a atenção para a importância desse tipo de tradução como forma de escrita criativa e para os pontos ainda pouco explorados dessa área. Considerando-se os bons resultados obtidos, uma segunda edição da Oficina de Tradução Literária deverá ser realizada no ano de 2015.

## Referências

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BASSNETT, S. *Translation studies*. London/New York: Routledge, 2002.

CALABRIA, C.S.A. *Tradução de letras de músicas: a prática de três versionistas*. Juiz de Fora, 2009. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês). Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/bachareladotradingles/files/2011/02/Claudio.pdf> > Acesso em 14 de julho de 2014.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 2000.

ECO, U. *Quase a Mesma Coisa: Experiências de Tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011.

PAVIS, P. *O teatro no cruzamento de culturas*. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. Tradução de J. Guinsburg e M. L. Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SEARLE, J.R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis: Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.



# AÇÕES MULTIDISCIPLINARES COM ARTE E ENGENHARIA DIGITAL

## *PERDIGÃO, Thiago Costa*

Aluno do Bacharelado em composição musical/UFPeI,  
bolsista PROEX/UFPeI

## *TAVARES, Reginaldo*

Professor do Departamento de engenharia/CENG UFPeI,  
orientador

O presente projeto consiste na invenção e realização de um sistema artístico- tecnológico amplamente inovador – cujos pormenores serão descritos na “metodologia”. O objetivo é criar um sistema onde atuem conjuntamente um músico ao piano elétrico, uma vídeo de uma peça teatral criada, luzes, amplificadores de sons e computadores programados, todos interligados segundo critérios estritos. Há certa complexidade no sistema como um todo, uma vez que um dos fundamentos do projeto é precisamente a junção das várias artes e ciências: teatro, música, filme, poesia, computação e engenharia. Assim, eis a ideia inovadora mais fundamental da obra: até então, na arte, não foi possível que algo imagético extraído diretamente da música, interferisse, concretamente, ao vivo no drama teatral para o qual ela própria foi criada – justamente o que é proposto aqui – donde se pode ainda concluir, facilmente, a grande importância do projeto, bem como seu impacto extensionista, uma vez que tal ideia inovadora, bem como sua concretização efetiva, é de interesse tanto acadêmico (meio interessado em questões científicas), como do restante da população em geral (interessada em arte sobretudo).

Até o momento foram concluídos a escrita da peça teatral, a composição musical para a mesma peça, a contratação de um ator para interpretar a peça e de um especialista em vídeo para filmá-la, bem como a inicialização dos ensaios da mesma peça e a seleção dos softwares e hardwares a serem utilizados; também experimentações com luzes, projetores e vidros também foram elaboradas, no laboratório do Centro de Artes da UFPEL.

## **Metodologia**

Inicialmente, foi separado entre os dois integrantes do projeto seus respectivos afazeres: a parte artística, da escrita da peça teatral e da criação das músicas, bem como a interpretação ao piano elétrico, foi deixada a cargo do orientando Thiago Perdigão; enquanto, por outro lado, as questões científicas, de ordem matemática, lógica e computacional, ficaram sob responsabilidade do orientador Reginaldo Tavares, e alguns assistentes esporádicos em caso de necessidade, não vinculados diretamente ao projeto em questão. O trabalho de ambos componentes ainda não

foram finalizados por completo. Assim, o que se seguirá serão os tópicos metodológicos definidos pelos dois membros juntos, durante reuniões, anteriormente à confecção efetiva do trabalho, sendo portanto de ordem abstrata.

O projeto em questão pode ser resumido da seguinte forma, segundo seus objetivos e ideias fundamentais: uma peça teatral criada é filmada, sendo então captados tanto a imagem quanto o áudio da peça. Dois projetores lançam a filmagem em determinada superfície, podendo ainda ser trabalhado imagens extáticas e em movimento, que alternam entre si, de acordo com a movimentação em certos trechos da peça – a qual, portanto, deve conter diálogos, por sua vez filmados separadamente, que possam ser, cada um separadamente, projetados por um dos projetores, criando assim uma relação de complementariedade entre as duas projeções diferentes da mesma peça. Uma trilha musical é composta para a peça que, quando na forma de vídeo, tem sua imagem alterada (e talvez distorcida) pela própria música que a acompanha, seguindo tempo e notas exatas – música esta tocada por um intérprete (no caso um pianista, sendo o instrumento um piano elétrico). Assim, determinadas informações advindas da música serão captadas e alteradas por um processador computacional, segundo leis e funções lógicas específicas, e o resultado disso, por sua vez, é transmitido à imagem oriunda do projetor (ligado a um computador), sendo portanto aquilo que determina as alterações na imagem do vídeo. Amplificadores variados, postos em locais diversos, de maneira a causar um peculiar senso de espacialidade do público, são a fonte sonora total. No entanto, por meio de cada amplificador específico é emitido algo diferente: por exemplo, dois amplificadores repartem entre si cada lado do estéreo do som do piano; em outro o som da filmagem do teatro; etc. Também luzes têm um papel decisivo no trabalho: junto ao projetor, elas são emitidas diretamente sobre a imagem do vídeo, modificando-o. Aquilo que determina suas mudanças de cor (podendo ser implementada ainda a mudança de intensidade) é precisamente o ruído captado diretamente do ambiente (por parte de um microfone ou outro aparelho), cujas informações extraídas, de acordo com funções determinadas no processador, serão a fonte de semelhante processo. Desse modo, cada ambiente e cada público determina as mudanças específicas nas luzes, e, portanto, na imagem do vídeo – logo, também neste aspecto, a apresentação do trabalho jamais será idêntica, antes se modificando

de acordo com variáveis pertencentes a cada local e público diferentes. Por fim, todo o resultado até então causado (na esfera da música, luzes e vídeo) será, por sua vez, segundo outras funções e leis lógicas implementadas no processador, direcionado para o instrumento musical (piano elétrico), de modo que a variação desse resultado varie o timbre do instrumento (regulado para ter timbres limitados, e assim esteticamente coerentes, a fim de não causar mudanças abruptas) – portanto, de modo semelhante ao fato da música ou luz modificar a imagem. Uma das partes importantes da metodologia inicial do projeto foi destacar onde estavam as constantes no sistema a ser desenvolvido como um todo, já que o resultado disso forneceria-nos dados de muita importância. Deste modo, chegou-se aos seguintes resultados: por um lado temos três constantes: a música composta, a filmagem da peça teatral (incluindo seu som), e as funções e leis computacionais segundo as quais as variações serão promovidas; e, por outro lado, três variáveis: o timbre da música, a imagem do vídeo e as cores da luz projetadas sobre o vídeo. Tudo isso interno ao sistema. Já externo ao sistema, temos como constantes o intérprete musical e as aparelhagens e materiais utilizados na obra como um todo; e, como variáveis, o ambiente e o público – portanto os ruídos daí advindos.

Outra parte da metodologia empregada foi o estudo de autores que de alguma forma trabalharam com várias artes e ciências ao mesmo tempo. Assim, os dois autores que motivaram em parte o projeto foram Richard Wagner, o compositor e escritor alemão do século dezenove, com seu conceito de “obra de arte total”, em que reúne música, teatro, poesia e tecnologias no sentido de encenação e produções sonoras; e também Iannis Xenakis, compositor, matemático e arquiteto grego do século vinte, responsável pela junção de artes e ciências, como arquitetura, música, luzes e matemática, em obras de grande dimensão, chamadas Politopes. Eles foram, desta forma, apenas motivações iniciais, já que a ideia fundamental e elaboração do projeto, em si, é inédita – e por isso também sua metodologia não pôde ser encontrada a priori, mas vem sendo elaborada ao longo do processo.

## Resultados

Até o momento foi realizado concretamente, além da elaboração completa das ideias fundamentais que nortearão o projeto, feita através de inúmeras reu-

---

niões entre os membros, também a escrita da peça teatral, denominada Hamlet no espelho, bem como a entrega da peça a um ator teatral, que está ensaiando-a, sob direção do orientando Thiago Perdigão, que a escreveu. Também a trilha da peça musical, feita em páginas de partitura, foi concluída pelo mesmo. Na parte científico-experimental, foram feitos experimentos com vidros, luzes e projetores, sobretudo pelo orientador Reginaldo Tavares. Por fim, programas de computador a serem utilizados para a parte de programação também foram selecionados, bem como as demais tecnologias e hardwares, a participarem do sistema como um todo.

## Conclusão

Os resultados tidos até o momento foram favoráveis, e aconteceram como previstos. Eles serão o suporte para todo o restante das futuras ações, e por isso contém em si próprios demasiada importância. Apesar de ambiciosa ideia, pretende-se realizar o projeto até o final deste ano, para o quê os resultados até agora obtidos condizem com os objetivos iniciais, tornando a conclusão do projeto plausível.

## Referências eletrônicas

INTRODUÇÃO. In: *RIZÔMATA: uma introdução às raízes da música de Iannis Xenakis*. São Paulo: USP, 2006. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27140/tde-05072009-183519/publico/5062364.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2014.

PEREIRA, Sylmara Cintra; NORONHA, Márcio Pizarro. *Concepções de arte na obra-pensamento de Richard Wagner*. Jataí: Congresso História, 2008. Disponível em <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(77\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(77).pdf)>. Acesso em: 1 maio 2014.



# AFINIDADES ENTRE A ARTE E A ENGENHARIA: CONHECIMENTOS DA GRAVURA ARTÍSTICA APLICADOS NA GRAVAÇÃO DE PLACAS DE CIRCUITO IMPRESSO

*PINHO, Rafaella Canez de*

Aluna do curso de Engenharia de Controle e Automação/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

*TAVARES, Reginaldo da Nóbrega*

Professor do Centro de Engenharias/Ceng/UFPel, coordenador

*POHLMANN, Angela Raffin*

Professora do Centro de Artes/CA/UFPel, vice-coordenadora

Este trabalho descreve apenas uma das atividades desenvolvidas no projeto de extensão “Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital” que é a gravação de placas de circuito impresso (PCI). Este projeto de extensão está em andamento no Atelier de Gravura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2012. O principal objetivo das “Ações Multidisciplinares” é promover a integração e a difusão de conhecimentos entre professores, estudantes da UFPel e a comunidade escolar que fazem o projeto. As PCIs projetadas são utilizadas nos equipamentos construídos pelo projeto.

O projeto procura desenvolver experiências acadêmicas com os estudantes de graduação do Centro de Engenharias e do Centro de Artes. Estas experiências acadêmicas extra-curriculares combinam conhecimentos científicos e estéticos como, por exemplo, podemos destacar o objeto deste trabalho que é a gravação de PCIs através de procedimentos artísticos. As PCIs são usadas em diversos circuitos eletrônicos que compõem os equipamentos construídos pelo projeto.

Foram oferecidos cursos de extensão à comunidade para aprendizagem de procedimentos envolvidos na confecção de placas de circuito impresso (PCI), utilizadas na engenharia eletrônica e gravadas com os conhecimentos da área da gravura artística. Com a finalidade de abrir espaço para troca de experiências entre a universidade e a comunidade, estes cursos também possibilitaram maior integração entre os alunos do Centro de Artes e os do Centro de Engenharias da universidade.

## Metodologia

O curso foi realizado em encontros semanais com os participantes para estudo da teoria e da prática envolvidas na confecção e gravação de PCI. O projeto e a confecção das PCI foram realizados com programas gráficos e através de termo-transferências da imagem impressa sobre placas de fenolite próprias para PCI e uso de percloroeto de ferro para a gravação das trilhas na camada de cobre. A finalização das PCIs foi

feita com furadeira e soldas para complementação e montagem dos componentes eletrônicos da placa de circuito eletrônico.

As técnicas de gravura em metal envolvem diversos procedimentos que serão descritos abaixo: em primeiro lugar deverão ser removidas sujeiras, gorduras e marcas de oxidação da superfície da placa de fenolite. A limpeza pode ser feita com o uso de lixas, sal e vinagre. Para completar esta etapa é usado verniz líquido sobre a placa de modo que a camada de verniz fique fina e resistente. Em segundo lugar quando o verniz já estiver seco é desenhada a figura desejada. Em terceiro lugar acontece a gravação. As áreas de verniz removidas com a ponta-seca serão gravadas com banho de imersão em percloroeto de ferro, e, após a gravação, é feita a remoção total e final do verniz. Após a terceira etapa é possível visualizar a gravação do desenho feito sobre a matriz. Esta imagem é impressa com tintas específicas para gravura em um papel umedecido, utilizando prensa especial de dois cilindros e feltro apropriado para a transferência da imagem da matriz para o papel.

As PCIs podem ser gravadas da seguinte forma: em primeiro lugar o circuito deve ser desenhado. O desenho das trilhas é feito com auxílio de programas gráficos de computador, como, por exemplo, o Eagle (MEHL, s/d). Em segundo lugar o desenho deve ser transferido para a placa limpa. Em terceiro lugar, a placa é gravada removendo o cobre sem proteção com o emprego de percloroeto de ferro.

Por exemplo, o esquema elétrico da Figura 1 representa um amplificador de áudio. Este circuito pode ser retirado do data sheet (MANUAL LM386, s/d).

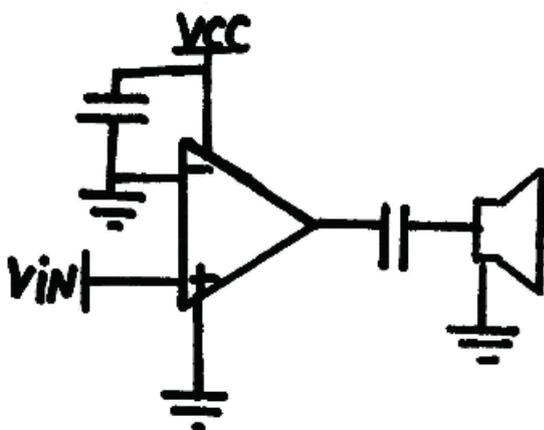


Figura 1: Imagem do amplificador de áudio  
Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do esquema elétrico serão projetadas as trilhas a serem gravadas na PCI de cobre. As trilhas conectam eletricamente dois ou mais dispositivos do circuito e as ilhas indicam os pontos da placa onde serão fixados e soldados os componentes do circuito, assim como mostrado na Figura 2. Esta figura mostra uma possível solução para o esquema elétrico da Figura 1.

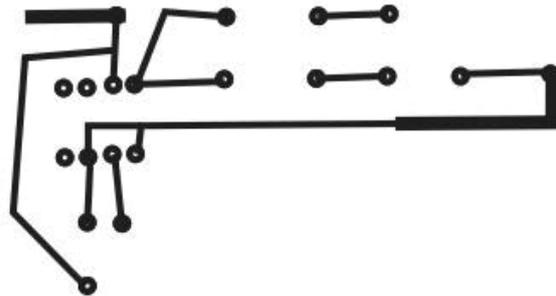


Figura 2: Desenho feito no programa Corel Draw  
Fonte: Elaborado pelo autor

Depois de feito e impresso, o desenho da trilhas e ilhas é transferido para uma placa de cobre através da prensagem térmica e corroída em percloroeto de ferro. O desenho protege as áreas que serão mantidas e o restante do cobre é corroído. Depois da corrosão, a placa é perfurada para a colocação dos componentes que serão soldados.

## Resultados

Estes procedimentos foram testados de diferentes maneiras tanto para a realização de gravuras em metal como também para a fabricação de PCIs. O curso proporcionou novas aprendizagens tanto para os participantes quanto para os estudantes que ministraram o curso de gravação de PCI. Como resultado das experiências práticas de projetar e fazer as PCIs, o grupo de estudantes emprega as PCIs nos equipamentos em construção e pode constatar o seu funcionamento.

## Conclusão

Este projeto tem oferecido uma oportunidade de praticar e aprender com experiências, além de abrir um espaço para o trabalho em grupo e compartilhar os conhecimentos entre aqueles que fazem o projeto. O trabalho conjunto entre os estudantes de diferentes cursos pode combinar inovação na produção de pla-

---

cas, pois o olhar científico do engenheiro se combina com o olhar do artista. A cada nova experiência é possível observar outras possibilidades de usar a gravura no trabalho com as PCI.

## Referências

MEHL, Ewaldo Luiz de Mattos. *Projeto de placas de circuito impresso com o software EAGLE*. Apostila da UFPR, s/d. Disponível em: <<http://www.eletrica.ufpr.br/mehl/pci/apostila1cc.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2014.

MANUAL LM386. Disponível em <<http://www.ti.com/lit/ds/symlink/lm386.pdf>>. Acesso em 30 de junho de 2014.



## AQUI É LUGAR DE GENTE BOA - A COMUNIDADE SE MOSTRA

### *MOURA, Rochele Valente*

Aluna do Bacharelado em MUSEOLOGIA/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

### *MAZZINI, Isabela da Silva*

Aluna do Curso de MUSEOLOGIA/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

### *OLIVEIRA, Caroline*

Aluna do Curso de MUSEOLOGIA/UFPEL, voluntária

### *LEMONS, Bianca*

Aluna do curso de Bacharelado em História/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

### *LEAL, Noris Mara Pacheco Martins*

Professor do curso de Museologia/ICH/UFPeI, orientador

Este trabalho busca mostrar o resultado das ações do Programa de Extensão de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo. Que surgiu a partir da solicitação das comunidades dos Bairros Balsa; Fátima; e Navegantes I, II, III, comunidades essas que se encontram situadas nas proximidades do Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, que por meio de suas associações de moradores buscaram a Universidade com a intenção de preservar suas memórias. A ideia de uma Exposição e um Catálogo de fotos sobre o patrimônio cultural da região do Anglo surgiu a fim de mostrar os resultados de oficinas ministradas pelos alunos bolsistas do programa. A primeira oficina foi realizada em parceria com a CUFA, com crianças participantes de um projeto mantido pela ONG CAPOCUFA. A segunda, a partir de textos produzidos por eles respondendo ao questionamento (O que tu achas importante no seu bairro?) e na terceira, foram oficina imagens coloridas, utilizando câmeras digitais. Como resultados e resposta a esse trabalho, foram produzidos pelo programa, um catálogo e uma exposição itinerante com painéis, onde são expostas as imagens da região e os textos dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, situada no Bairro Navegantes, na Cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul.



Figura 1: Fotografia de alunos da Escola Navegantes e alunos Extensionistas

Fonte: Fotografia Acervo do Programa de Preservação da Região do Anglo.

A primeira oficina de fotografia ministrada, contou com a presença de onze adolescentes, de 9 a 12 anos de idade, alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, que utilizando a técnica Pinhole, também conhecida como Furo de

Agulha, registraram imagens da região do entorno do Campus Anglo da UFPel. Em outro momento, fazendo uso de câmeras digitais, também registraram pontos importantes e de interesse no Bairro Navegantes, com o objetivo de revelar a comunidade através do olhar de quem faz parte de sua história, de seu cotidiano e tem suas memórias de vida diretamente ligadas ao lugar.

Como resultado obteve-se número de fotos suficiente para a confecção de um catálogo denominado “Aqui é lugar de gente boa: O patrimônio visto através de uma lata” e uma exposição itinerante também denominada “Aqui é lugar de gente boa”, cujo nome foi retirado do texto de um dos alunos, produzido para acompanhar as fotos e reforçar a ideia de mostrar o bairro através da perspectiva de seus moradores. O catálogo foi lançado no dia da solidariedade, promovido pela Escola Navegantes com a presença dos alunos, professores, familiares e demais membros da comunidade. Onde cada aluno recebeu exemplares do mesmo.



Figura 2: Oficina Pinhole

Fonte: Fotografia Acervo do Programa de Preservação da Região do Anglo.

## Resultados

É evidente que as comunidades de periferia não possuem o reconhecimento do seu patrimônio cultural, o qual é suscetível de alimentar seu sentimento de pertencimento e de ser utilizado como recurso para o desenvolvimento. “Por outro lado, suas memórias, suas histórias, seus saberes são a essência de seu capital cultural e social, pelos quais eles se distinguem

de outras comunidades para afirmar seus valores, sua autonomia, sua liberdade de decidir seu futuro”. (Varine, 2013, p. 5). Segundo Serén, a fotografia reproduz o mundo, inegavelmente, de forma mais precisa e minuciosa do que qualquer outra forma de representação.

Fotografar livremente o bairro proporcionou a essas crianças a oportunidade de mostrar como veem o lugar onde vivem e como relacionam suas memórias com cada rua que caminham, com a escola, locais de lazer e trabalho.

Soares (2009) diz que o ato de fotografar não requer o conhecimento amplo de elaborados conceitos e técnicas profissionais para um bom registro daquilo que se pretende fotografar. Nataniele de Moraes, no seu depoimento escrito para compor o catálogo, reforça essa ideia enquanto declara que “O meu bairro é muito legal, aqui a comunidade é sincera e muito feliz. Foi muito bom quando tiramos fotos da nossa comunidade, me senti uma fotógrafa e quando lerem o livro, as pessoas irão ver que nem tudo é ruim. Temos que aprender a valorizar o que a gente tem”.



Figura 3: Entrega do Catálogo a aluno participante das oficinas.

Fonte: Fotografia Acervo do Programa de Preservação da Região do Anglo.

## Conclusão

O termo Patrimônio Cultural analisado mais profundamente vê-se que engloba os termos de Patrimônio Histórico, Edificado, Arqueológico, Paisagístico, etc. E vai além do Material, incluindo nesta lista também o Imaterial ou Intangível que trata das práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas. Há certa dificuldade ao se tentar identificar o que é digno de ser patrimonializado, o que define, diferencia e influencia no modo de viver e de se relacionar de um determinado grupo social.

Ao analisar os objetos/paisagens escolhidos para serem registrados, nota-se uma complexidade no que pode ser considerado patrimônio ou de grande relevância para a vida das pessoas que residem no local. As fotografias revelam imagens de si próprias, dos amigos, de animais, escola, pracinha e até mesmo o lixo presente em algumas ruas. A Exposição Fotográfica e o Catálogo são ferramentas de comunicação que tornam públicas as atividades realizadas no bairro. Enquanto que o lançamento desse catálogo na escola com distribuição de exemplares e apresentação em Datashow para as crianças participantes das oficinas, familiares e amigos, dá um retorno do trabalho acadêmico à comunidade, que reforça a sua identidade e se compreende enquanto grupo social pertencente do mesmo cenário e usuários dos mesmos códigos.

## Referências

BAPTISTA, Jean; SILVA, Cláudia Feijó da (Orgs). *Práticas Comunitárias e Educativas em Memória e Museologia Social*. Rio Grande: Ed. da Furg, 2013

LEAL, Noris M.P.M. *Aqui é lugar de gente boa: O patrimônio visto através de uma lata*. Pelotas: Ed. UFPel 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Pensar grande o patrimônio cultural*. Lua Nova vol.3 n°2 São Paulo Dec. 1986

RODRIGUES, Donizete. *Patrimônio Cultural, Memória social e Identidade: Uma abordagem Antropológica*. Lisboa. Center of Research in Anthropology.

SOARES, Fernando Custódio; SUZUKI, Julio Cesar. *Fotografia e história oral: imagem e memória na pesquisa*

*com comunidades tradicionais*. V encontro de grupos de pesquisa. Agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais. UFSM 2009.

## Referências eletrônicas

SERÉN, Maria do Carmo. *A imagem fotográfica como agente ou armadilha de aprendizagem/interpretação*. Disponível em <[http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ES\\_C40\\_M\\_Seren\\_0.pdf](http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ES_C40_M_Seren_0.pdf)>. Acesso em 03 de agosto de 2014.



# CAIXA DE PANDORA: EXTENSÃO E PESQUISA

*SOARES, Diego dos Santos*

Bolsista CNPq, Centro de Artes UFPel

*SILVA, Ursula Rosa da*

Coordenadora e orientadora do projeto, Centro de Artes UFPel

O projeto de pesquisa Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres pensadoras vincula-se a ações extensionistas, desde 2009, voltando-se para palestras e conversas com comunidades de mulheres e em escolas, dando suporte que docentes possam tratar da temática de gênero nas salas de aula. No ano de 2014 o projeto está vinculado ao Programa PROEXT denominado Programa de Extensão GÊNERO, EDUCAÇÃO E ARTE: ARTESANIA, ARTE POPULAR E FORMAÇÃO EM OFICINAS DE CRIAÇÃO COLETIVA, realizado pelo Centro de Artes junto com a Faculdade de Educação da UFPel. O objetivo do projeto neste programa é o de promover oficinas de artes, palestras sobre história das mulheres para grupos de mulheres artesãs, da comunidade em geral, e de grupos em situação de vulnerabilidade social. Além disso, o compromisso do grupo é o de promover o SIGAM, Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória, como modo de debater as questões de gênero no âmbito da arte, educação e memória em âmbito nacional e internacional.

## Metodologia

O projeto Caixa de Pandora tem realizado as ações a partir de uma metodologia técnica para preparo do material das palestras, que envolve desde levantamento de textos ou ensaios relevantes produzidos por mulheres no século XX; levantamento de obras de arte representativas, feitas por mulheres ou em que mulheres são representadas no século XX; leitura para análise e compreensão das concepções e propostas das mulheres artistas e filósofas estudadas em forma de grupo de estudos; organização de banco de textos para palestra e debate com a comunidade. As oficinas e palestras se direcionam para o público em geral e para professores em escolas. O referencial teórico tem por base autoras como Michelle Perrot; Simone de Beauvoir; Hannah Arendt; Márcia Tiburi.

## Resultados

Até o momento foram desenvolvidas oficinas de cerâmica junto ao atelier do Centro de Artes, além de um ciclo de palestras promovidas nos meses de maio e junho, também no auditório do Centro de Artes. O

grupo de alunos e professores que participa do projeto tem feito textos para apresentação em eventos como foi o III Seminário de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos ocorrido em julho de 2014, na cidade de Vitória, Espírito Santo, além de outros eventos que ocorrerão no segundo semestre deste ano em São Paulo; Montevidéu e Montenegro. Em Pelotas, no mês de novembro, ocorrerá o IV SIGAM.

## Conclusões

Mostrar as contribuições femininas para a filosofia, a arte, a ciência e a literatura é uma das intenções deste estudo ao tratar do tema dentro da universidade e mais tarde até fazer essas ideias chegarem a alunos do ensino fundamental e médio, por meio da formação de professores, assim como contribuir para que mulheres, cada vez mais, tenham consciências de seu papel social e de seus direitos enquanto pessoas.

Este projeto pretende aproximar os contextos de produção intelectual e artística das mulheres, analisando a recepção de seus trabalhos e como estas foram consideradas cultural e historicamente, no âmbito de suas épocas, dentro do século XX. Apontando para a importância da produção artística e intelectual de algumas mulheres, no século XX, que se destacaram pelo caráter inovador ou polêmico de sua obra, abordamos a obra de mulheres que assumem em sua arte e teorias modos de vida próprios. Mulheres como Hannah Arendt, Frida Kalló, Simone de Beauvoir, com a especificidade de seus olhares sobre o mundo e seu pensamento influenciaram épocas, movimentaram seu meio, apresentaram novos caminhos para o “sexo frágil”, para além da distinção ou da discriminação que pesou sobre elas desde a Antiguidade grega aos nossos dias.

## Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.
- ARENDR, Hannah. Rahel Vamhegen. *A vida de uma alemã na época do romantismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- ARENDR, Hannah. *A Condição Humana*. 7 ed. São Paulo: Forense/Universitária, 1997.
- ARENDR, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Vol.1 Fatos e Mitos e Vol.2 A experiência vivida. São Paulo: Nova Fronteira, 1980, 3ª edição.
- BEAUVOIR, Simone. *Simone de Beauvoir Entrevista Jean-Paul Sartre*. Em: Emir Sader (org) *Vozes do Século*. Entrevistas da New Left Review. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- DINIZ, Carmen Regina Bauer. *Nos Descaminhos do Imaginário – a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas*. Dissertação de mestrado. Pós-graduação em Artes, UFRGS, 1996.
- FRICKER, Miranda Y HORNSBY, Jennifer. *Feminismo Y Filosofia. Un Compendio*. Barcelona: Idea Books, 2001.
- PIZAN, Cristina. *La Ciudad de las Damas*. Madri: Siruela, 2000. Biblioteca Medieval.
- SAU, Victoria. *Diccionario Ideológico Feminista*. Vol. 1 e 2. Barcelona: Icaria, 2000.
- SILVA, U. R. & LORETO, M. L. *A História da Arte em Pelotas – a pintura de 1870 a 1980*. Pelotas: EDUCAT, 1996.
- STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.) *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.
- TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali M. de.; EGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.
- WEIL, Simone. *A Gravidade e a Graça*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WUENSCH, Ana Miriam. *As Mulheres e a Filosofia, Apostila do Curso de Extensão “As Mulheres e a Filosofia III – Existem Filósofas?”*, CESPE, Universidade de Brasília, 2003.

# CARTOGRAFIA DA CULTURA FRONTEIRIÇA: ENTRE MAPAS E POLÍTICAS CULTURAIS

*MARCELINO, Bruno César Alves*

Aluno do 5º semestre do Bacharelado em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA, bolsista do PET Produção e Política Cultural/UNIPAMPA, coordenador do projeto

*MARCELINO, Isac Morais Lages*

Aluno do 1º semestre do Bacharelado em Produção e Política Cultural da UNIPAMPA

*CHATI, Gabriel Medeiros*

Professor e coordenador do Bacharelado em Produção e Política Cultural da UNIPAMPA campus Jaguarão, orientador

O projeto em questão está sendo executado pelo Instituto Conexão Sociocultural – entidade criada por estudantes do curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural, que agrega artistas, ativistas, técnicos e produtores em torno de ações voltadas para a promoção, expansão e difusão das políticas culturais através da elaboração e execução de projetos socioculturais – em parceria com a Universidade Federal do Pampa câmpus Jaguarão, tendo como principal produto um etnomapeamento das entidades e organizações socioculturais presentes na região da fronteira sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a partir dos municípios de Arroio Grande e Jaguarão.

O etnomapeamento consiste no registro das dinâmicas socioculturais da região da fronteira sul, e será compartilhado através da publicação de um livro em formato de ebook bem como na inserção das informações nos sistemas de informações e indicadores culturais em âmbito estadual e federal. O que se busca oferecer ao público são informações detalhadas sobre os circuitos culturais da região, promovendo o turismo cultural local, e subsidiando o Estado na elaboração de políticas públicas pertinentes aos segmentos culturais, através da formulação de diagnósticos do universo mapeado. Trabalhando com dados de forma visual e intuitiva, espera-se contribuir para a implementação de programas, projetos e ações que possam a curto, médio e longo prazo promover, valorizar e fomentar o desenvolvimento da cultura fronteiriça.

O projeto propõe realizar o levantamento de dados específicos da área cultural, tais como grupos artísticos em seus diferentes segmentos, espaços culturais, patrimônio material e imaterial, eventos permanentes, dentre outros, proporcionando o diagnóstico da cultura local que servirão de ferramentas técnicas para a elaboração e o desenvolvimento de projetos e práticas na área da cultura que sejam mais conectadas com cada realidade identificada. O produto final desse processo de pesquisa vai permitir identificar as demandas explícitas e “ocultas” de cada localidade, possibilitando ainda uma maior articulação entre os grupos e entidades culturais locais, que passarão a se conhecer melhor.

## Metodologia

A nossa metodologia de trabalho está baseada nos estudos vinculados aos indicadores culturais, ligada a produção e a difusão cultural a partir de grupos e associações culturais presentes nas áreas físicas da fronteira do estado do Rio Grande do Sul.

Estamos atualmente na etapa um de três etapas de trabalho, que compreende o levantamento e coleta de dados. Estamos buscando através dos cadastros existentes nas prefeituras, no Cadastro Estadual de Produtores Culturais da Secretaria de Estado da Cultura, Ministério da Cultura, entre outros, informações sobre a existência de grupos, coletivos, pontos de cultura, associações e demais entidades que darão suporte para a construção de um banco de dados inicial.

Na segunda etapa com base nas informações coletadas na primeira, realizaremos uma pesquisa de campo visitando os grupos e associações culturais mapeadas. Utilizaremos como método de estudo a aplicação de questionários para o corpo diretivo e para o público frequentador, priorizando as seguintes informações para a direção das entidades e grupos: localização e situação da sede do grupo; principais atividades artísticas e educacionais do grupo; principais parceiros e no que consistem essas parcerias; formação de profissionais no setor cultural e a forma de financiamento e de subsistência dos grupos. Objetivando traçar um perfil de como eles se conectam com outros grupos, a existência de outras conexões dentro de suas comunidades, a estrutura que dispõem estes grupos e como financiam e desenvolvem suas atividades.

Para o público frequentador dos grupos utilizaremos um questionário priorizando as seguintes informações: idade e nível escolar; forma de deslocamento até o grupo ou associação; inclusão digital através do uso do microcomputador e acesso à internet; importância das atividades dos grupos para a comunidade; frequência a equipamentos culturais como teatros, cinemas, museus, biblioteca, ctg's e eventos artísticos como shows e apresentações musicais. Objetivando observar o perfil da pessoa que este grupo atende, a importância das atividades dos grupos e a relação de acessibilidade tanto aos meios de comunicação quanto a equipamentos culturais.

A terceira etapa constitui-se na construção do banco de dados, que será gerado através das informações coletadas pelos questionários e vivências nos grupos, entidades e associações pesquisadas. O banco de

dados gerado será disponibilizado através da inserção dos dados nos sistemas de informações e indicadores culturais existentes em âmbito estadual e federal e na construção de um livro em formato de e-book, que conterá todas as informações adquiridas, como a quantidade de grupos culturais presentes na região, as atividades desenvolvidas por esses, os números de pessoas que trabalham nos grupos, as principais formas de divulgação adotadas pelos grupos, perfil das pessoas que frequentam os grupos, o custo que o grupo possui para executar suas atividades, a forma de captação dos recursos para execução das atividades, os bens culturais produzidos por eles entre outras informações.

Simultaneamente entre as etapas dois e três, realizaremos capacitações com os grupos pesquisados através da disponibilização de cursos presenciais ou a distância, seminários, palestras entre outros, por meio da parceria com a Universidade Federal do Pampa câmpus Jaguarão, que possibilitará o maior conhecimento e aquisição de experiência entre os agentes culturais e o público frequentador dos grupos e associações mapeados.

## Resultados

Queremos com este trabalho identificar e compreender como se dá a produção cultural dos grupos e entidades que estão projetados fisicamente nesse espaço ou território de fronteira. Levamos em conta que apesar da frequente socialização, das grandes relações sociais e do intenso intercâmbio cultural presente nas regiões de fronteiras, estamos falando de uma região que sofre uma grande exclusão dos circuitos culturais, uma região que não tem políticas voltadas às suas especificidades e que dialoguem com as recorrentes transformações e transmutações advindas dos seus atributos históricos, geográficos, econômicos, políticos e sociais. Devemos pensar antes de tudo que estamos estudando entidades que muitas vezes ocupam o lugar do Estado na promoção de políticas culturais e sociais e principalmente na disponibilização de espaços de socialização e de convivência.

Um mapeamento cultural deve se construir como uma ferramenta de promoção dos bens, serviços e das entidades culturais, e não como uma ferramenta de transferência desses dados para a lógica de mercado. "Os bancos e seus componentes categoriais são seleções que permitem criar mapas úteis de uma realidade

cada vez mais complexa e que nos permitam nela nos localizarmos de maneira pertinente, tomar decisões ou assumir posições.” (YÚDICE, 2003, p.174), devemos utilizar as informações obtidas com a pesquisa como uma forma de potencializar as ações das instituições, manifestações e os grupos socioculturais que estão ali presentes.

Utilizaremos a seguinte definição para nortear as premissas sobre etnomapeamentos:

Em linhas gerais os etnomapeamentos são estudos que partem da distinção entre grupos ou comunidades tradicionais que possuem uma especificidade sociocultural, a qual pode ser refletida na língua, na religião, nas maneiras de agir, nas instituições sociais ou nas distintas combinações desses fatores, expressando-se social e politicamente mediante uma identidade étnica. A identidade étnica surge do processo de auto-identificação (e não de fatores biológicos) dos respectivos membros do grupo étnico. Uma das bases materiais mais importantes de uma identidade étnica é seu território. Desta forma o território é o alicerce da sustentação física e da reprodução social, econômica e cultural de um grupo social (SOARES, 2010, p.14).

Iremos trabalhar no sentido de um etnomapeamento, que abarcará as diversas características de um grupo ou entidade cultural, partindo deste princípio, entendemos que é necessário uma vivência em cada grupo ou entidade cultural identificada, analisando e observando a fundo suas práticas e ações.

## Conclusão

Para que os governos em suas três instâncias – municipal, estadual, federal – e a sociedade civil articulada possam desenvolver ações e políticas públicas efetivas na área da cultura é preciso conhecer os grupos, entidades, aparelhos e agentes culturais que atuam nas cenas locais de cada município.

O projeto em questão vem ao encontro das metas do Plano Nacional de Cultura e em especial com o SNIIC - Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais que tem como objetivo permitir que os agentes culturais e a sociedade como um todo possam ter acesso a informações do segmento cultural em um único lugar, fazendo com que o

Brasil se equipare a outros países da América Latina e do mundo que já possuem banco de dados cul-

turais. Ao longo do projeto iremos disponibilizar cursos rápidos de capacitação nas áreas administrativas, da economia da cultura, elaboração e execução de projetos culturais entre outros que irão auxiliar na dinâmica de trabalho já praticada entre os grupos.

A intenção do projeto em seu primeiro ano é mapear e diagnosticar duas cidades, Jaguarão e Arroio Grande que estão presentes na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Cabe ressaltar que o projeto está sendo financiado com recursos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por meio da Secretaria de Estado da Cultura.

## Referências

- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A universidade do século XXI*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

## Referências eletrônicas

- ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidades. In LAGES Vinícios; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília DF: Sebrae, 2004. 350p. Disponível em <<http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/NT00031436.pdf>>. Acesso em 03 de julho de 2014.
- SOARES, Frederico dos Santos. *Mapeamento cultural: uma proposta de leitura do espaço*. Dissertação. Departamento de Geografia. Brasília: UNB, 2010. Disponível em <[http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6867](http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6867)>. Acesso em 03 de julho de 2014.
- YÚDICE, George. Para um banco de dados que sirva. In UNESCO (Org.). *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. 236p. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>>. Acesso em 03 de julho de 2014.



# CICLO DE HQ E CINEMA: GÊNERO NOS QUADRINHOS

*VELOZO, Vanessa Conrado*

Bolsista PROEXT/UFPeI

*SENNA, Nádía da Cruz*

Professora de ARTES VISUAIS/CEARTE-UFPEL, coordenadora

O texto apresenta o projeto de extensão Ciclo de HQ e Cinema, existente desde 2008 junto ao Centro de Artes da UFPeI, que nesse ano enfoca as questões de gênero presentes nos quadrinhos e em suas adaptações cinematográficas. Fundamentada nos estudos da professora Nádía Senna através da dissertação: *Deusas de papel: a trajetória feminina na HQ do ocidente (1999)*, que busca analisar a representação feminina no século XX, utilizando as personagens das Histórias em Quadrinhos como suporte de análise. Também uso como referencial o livro da escritora americana Trina Robbins e seu livro *From Girls to Grrrlz (1999)* que traz uma cronologia das personagens femininas de HQ, dos anos 40 até os 90, focando mudanças e reverberações junto ao público leitor de HQ. Também comparece a obra de Scott McCloud, *Desvendando Quadrinhos (1995)*, que elucida acerca da construção e dos códigos dessa linguagem narrativa. A pesquisa é um desdobramento do projeto e busca explicar, brevemente, sobre as controversas questões de representações de gênero nos quadrinhos, levantando interpretações e significados, para mostrar através de seus ícones e símbolos a capacidade de renovação ou manutenção de estereótipos. As narrativas visuais são compreendidas pelo seu viés ampliado, considerando aspectos artísticos, culturais, sociais e políticos. O projeto selecionou esse tema pelo debate que instaura em torno das práticas discursivas contemporâneas ampliando o diálogo acerca da representação feminina nas mídias.

## Metodologia

A metodologia segue materiais e métodos diferenciados, compreendendo diferentes etapas para a realização do trabalho. O projeto é composto por bolsistas, colaboradores e voluntários, como etapa inicial este grupo realiza pesquisas individuais para a seleção de obras e autores que possuem relação com a proposta e colaborariam para a formação da programação do Ciclo. Após essas pesquisas o grupo conversa através de mídias virtuais como por exemplo, o e-mail, para uma filtragem do material selecionado buscando definir os filmes que serão inclusos e os possíveis assuntos a serem abordados a partir dos mesmos. Quando definida a programação torna-se possível a criação do material de divulgação que é feito por um dos partici-

pantes e durante sua elaboração apresentada ao grupo para a definição de uma identidade visual. Nesta etapa são feitas uma série de experimentações no desejo do que através da imagem seja possível expressar uma série de informações contidas no ciclo e importantes que sejam esclarecidas ao público. Através de símbolos buscamos criar essa identidade que sucinta idéias das palavras-chaves relacionadas ao projeto como quadrinho, gênero e cinema.

Ao mesmo tempo em que a identidade visual é criada, os participantes realizam estudos e busca de material para ser apresentado nas exposições dos filmes, esses estudos são compartilhados através de mídias diversificadas. Quando aceito e finalizado o material de divulgação, ele é enviado para a gráfica ou usado para ilustração de textos de divulgação e convite do evento virtuais. O auditório para a realização do Ciclo é reservado e buscamos pessoas com disponibilidade relacionadas a pesquisa e/ou produção de histórias em quadrinhos para que estas sejam convidadas a realizar os debates nos dias da exibição dos filmes, é discutido entre os participantes e debatedores sobre os temas selecionados além do tipos de abordagem que podem ser realizadas com o público.

Nas exposições o bolsista fica encarregado de organizar e cuidar da parte de multimídia para o funcionamento do evento, além do controle de presença dos participantes e registro do evento. O debatedor normalmente traz algum material que colabora para a explanação sobre o conteúdo a ser abordado a fim de trazer informações que não estão contidas no filme ou que expande as discussões além do proposto pelo mesmo. Muitas vezes os colaboradores são os debatedores ou participam para ajudar a tornar mais dinâmica a interação com o público. No fim de cada sessão ou no encerramento do ciclo, o grupo se reúne para avaliar e relatar sobre os resultados obtidos e pensar em desdobramentos do projeto, incluindo pesquisa sobre continuidade e abordagens.

## Resultados

Como resultado relevante destacamos a participação do grupo nas sessões, fazendo avançar o debate, seja por trazerem experiências e observações com o intuito de reforçar o argumento levantado ou para refutá-lo. Recebemos um retorno positivo sobre o projeto, onde muitos participantes enaltecem a escassez e a importância de discussões sobre representações de

gênero dentro do ambiente da universidade. Cabe salientar que os convidados dessa etapa, são pesquisadores na área e trouxeram informações desconhecidas pela maioria do grupo, fazendo avançar o conhecimento em arte e cultura visual.

## Conclusão

O ciclo trouxe para o debate personagens e obras que repercutem no universo cultural feminino. Mostrando que muitas personagens são criadas a partir de estereótipos que não condizem com a realidade da mulher contemporânea mas que estas representações estão enraizadas no imaginário do público tornando difícil distinguir a sua própria imagem dos conceitos que lhe são ensinados, evidenciando a importância de trazer a tona estas questões e estabelecer de forma clara as significações que os tipos de personagens sugerem. Através deste trabalho também foi possível observar que novas formas de representações se relacionam com as mudanças ocorridas, incluindo a participação das próprias mulheres como autoras desses novos modos de ver e dar a ver o feminino.

## Referências

- MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Helcio Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995. 215p.
- ROBBINS, T. *From Girls to Grrlz: A history of women's comics from teens to zines*. San Francisco: Chronicles Books, 1999. 142 p.
- SENNA, N.C. *Deusas de Papel: A trajetória feminina na HQ do ocidente*. 1999. 329f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

# CONFRARIA DO FUXICO: UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE TROCA DE SABERES

*MARTINS, Felipe da S.*

Aluno da Licenciatura em Música/UFPeI, bolsista do PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares/UFPeI

*BUSSOLETTI, Denise M.*

Professora Associada FaE/UFPeI, coordenadora

Vem cá, vem cá vem ver, a pancada do pilão bater... assim se inicia mais uma oficina da Confraria do Fuxico, um projeto de extensão do PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares realizado em conjunto com a Mestra Griô Sirley Amaro.

A Mestra Griô Sirley Amaro é uma costureira aposentada da cidade de Pelotas, reconhecida como Mestra Griô no ano de 2007 pelo Ministério da Cultura através do Programa Cultura Viva dado seu envolvimento com a cultura popular, principalmente com a cultura negra pelotense. A Mestra desde então desenvolve oficinas de contação de histórias, que ela mesma denomina como “histórias de vivência e fundamento”, que passam todas as linguagens da arte. De acordo com PINHEIRO (2013, p. 22), os griôs são:

[...] animadores públicos, contadores de histórias, músicos, diplomatas, genealogistas ou poetas. Percorrem suas comunidades, regiões ou países, contando e cantando suas histórias, em buscas de informações para suas genealogias ou em alguma missão diplomática. [...] A prática griô tem forte tradição na África Ocidental, com destaque nas regiões do Mali, Senegal, Gambia e Guiné.

Diante desta riqueza de saberes um grupo de alunos do PET FRONTEIRAS: Práticas e Saberes Populares, convidou a Mestra para desenvolver um projeto nas escolas de Pelotas, utilizando a contação de histórias, a música e a literatura, e assim configurou-se a Confraria do Fuxico um espaço de troca, onde graduandos da UFPeI e a Mestra Griô se permitem coordenar juntos momentos de criação e contação de histórias, conforme a figura 1.



Figura 1: Oficina “Resgatando Africanidades”  
Fonte: Acervo NALS, 2013.

O projeto se iniciou no ano de 2013, e teve como objetivo levar às escolas públicas de Pelotas, um outro espaço de relação com a memória, a arte e a cultura. Nesta perspectiva foram realizadas inicialmente duas oficinas em uma escola municipal de Pelotas com alunos entre nove e dez anos. Entretanto, as ações do projeto se ampliaram para além dos muros escolares e ainda no mesmo ano realizamos uma oficina na Semana Acadêmica do curso de Ciências Sociais – UFPel e na 41ª Feira do Livro de Pelotas.

Já no ano de 2014 foi realizada uma oficina no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/Navegantes, na cidade de Pelotas que, permitiu uma interação jamais vista pelo grupo, pois o público desta oficina realizou uma performance que resultou numa integração total entre as crianças e adolescentes e um grupo de idosos atendidos pelo CRA, neste texto apresentarei um relato desta experiência.

## Metodologia

Ao planejarmos a oficina no CRAS/Navegantes, já sabíamos do público com o qual iríamos trabalhar, mas não foi possível durante o processo de planejamento perceber a dimensão que as relações e resultados do trabalho proporcionaríamos.

Todas as oficinas da Confraria do Fuxico se aparam na transmissão dos saberes pela oralidade, prática muito presente em diversas culturas populares do Brasil, especificamente na cultura afro-brasileira e por isso reconhecida como parte da metodologia Griô.

Antes que a Mestra entre no espaço onde a oficina ocorrerá, o “griô aprendiz”, apresenta aos participantes, já dispostos em um círculo, a mística que envolve a figura do mestre griô, e o que poderá acontecer na oficina que se precede, mas para que todo o “espetáculo” se inicie, é necessário que o todo o grupo cante para a chegada da mestra. Assim o griô aprendiz ensina uma pequena quadrinha de versos entoados, para que a mestra se apresente e prossiga com a oficina.

Todo o processo é conduzido através das histórias de “vivência e fundamento” da Mestra e as canções que embalam tais momentos. Assim a Mestra canta, dança e leva os participantes a reviverem tais momentos, permitindo assim que estes não fiquem perdidos na memória, mas, ao contrário, sejam celebrados através da memória como celebração e exercício.

## Resultados

No momento em que a Mestra entrou na sala onde a oficina no CRAS ocorreu, foi fácil perceber nos olhos e nos sorrisos de muitos dos participantes do grupo de idosos a empatia ao trabalho que acabará de se iniciar.

Muitos dos idosos daquele grupo já conheciam Dona Sirley, sua história, bem como a sua caminhada no carnaval pelotense, e assim algumas das histórias que Mestra havia selecionado para contar estavam não somente no passado dela, mas de alguns presentes naquela oficina.

A Mestra iniciou contando sobre sua ligação com a costura, e na oficina estavam presentes duas companheiras de trabalho do primeiro ateliê de costura que Dona Sirley trabalhou durante aproximadamente trinta anos.

Ao cantar uma marchinha do carnaval de sua infância, nas matines dos clubes negros pelotenses, a Mestra foi surpreendida por um pequeno baile de carnaval que se instaurou, pois vários participantes também entoaram marchinhas de seus bailes.

E a presença das crianças não se configurou como apenas observadores, pois logo em seguida contaram sobre os seus “atuais” bailes de carnaval, que são embalados, muitas vezes, por funks cariocas. Neste momento um dos idosos presentes pediu licença e junto com as crianças sob as palmas que entoavam a rítmica do funk dançaram junto no centro da roda de contação, conforme a figura 2.



Figura 2: Fotografia da oficina da Confraria do Fuxico no CRAS/Navegantes

Fonte: Acervo NALS, 2014

Ao compreendermos esta intervenção artística como um lugar de debate e de construção, percebemos então uma outra possibilidade de uma

---

permanente transformação vital, dos atores atendidos no CRAS-Navegantes e até mesmo dos propositores da oficinas diante da valorização da cultura de cada indivíduo presente neste contexto, corroborando com De HOLANADA CAVALVANTI (2014, p. 6), ao dizer que:

E foram estes momentos que transformaram esta oficina em um momento singular, pois mesmo considerando que em todas as oficinas da Confraria do Fuxico, a improvisação já se faz presente, entretanto nesta oficina, a própria Mestra se surpreendeu pelos caminhos que oficina tomou. Os participantes, por terem vivências próximas as da Mestra se permitiram estar também no lugar de propositores, fazendo com que suas vivências se mostrassem vivas nesta oficina. E as crianças que ali estavam também não foram somente espectadores passivos, mas sim, dentro de suas trajetórias, assumiram também o lugar de propositores de novos encontros, de novas vivências, não se prendendo as barreiras culturais da diferença de idade ou qualquer outra que pudesse de alguma forma se fazer presente.

## Conclusão

Percebemos que a cada encontro da Confraria do Fuxico, vivenciamos o que há de mais belo nas relações de ensino aprendizagem, a possibilidade da troca de saberes. São nestes momentos que a minha identidade docente se reafirma e se reconstrói, onde vivo outras formas de ensinar, de compartilhar que podem temporalmente ser consideradas como arcaicas ante ao avanço de novos meios tecnológicos, mas que se configuram tão qualificadoras quanto inovadoras nas práticas dos objetivos docentes.

## Referências

PINHEIRO, Cristiano Guedes, Narrativas de educação e resistência: a prática popular griô de Dona Sirley. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. UFPel, Pelotas, 2013.

## Referências eletrônicas

DE HOLANDA CAVALCANTI, Adriana. A batalha é do conhecimento, a estratégia é sensível e a arma é a música, 2014. Disponível em <<http://culturadigital.br>>. Acesso em 16 de agosto de 2014.



# CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM UM ACERVO ARQUEOLÓGICO: O EXEMPLO DO LEPAARQ-UFPEL

*XAVIER, Julia*

Aluna do Bacharelado de Conservação e Restauração da UFPEL, bolsista extensão PROBECLEPAARQ/UFPEL

*AGUIAR, Paula de*

Aluna do Bacharelado de Conservação e Restauração da UFPEL, bolsista CNPq- LEPAARQ/UFPEL

*SANTOS, Veronica Coffy B.*

Professora do Curso de Conservação e Restauo pela UFPEL. Pesquisadora do LEPAARQ

*CALDAS, Karen V.*

Professora do Curso de Conservação e Restauo pela UFPEL. Pesquisadora do LEPAARQ

*MILHEIRA, Rafael Guedes*

Professor do Departamento de Antropologia/ICH/UFPEL, coordenador do LEPAARQ-UFPEL

Este trabalho tem como objetivo exemplificar alguns dos problemas encontrados na conservação de artefatos arqueológicos, destacando alguns dos materiais do acervo sob a guarda do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL). Além disso, busca-se apresentar o trabalho de conservação preventiva que está sendo feito para melhor preservação desse material.

O LEPAARQ abriga um acervo arqueológico composto por materiais provenientes de escavações arqueológicas e doações de objetos por membros da comunidade local. Materiais esses relacionados a sítios arqueológicos pré-coloniais e históricos da região do município de Pelotas e municípios vizinhos. O acervo conta com aproximadamente 120 coleções arqueológicas compostas por variadas tipologias, tanto de sítios arqueológicos pré-coloniais, onde predominam materiais como fauna, cerâmica, lítico, ossos humanos, arqueobotânicos, como de sítios arqueológicos históricos, cujas tipologias mais frequentes são geralmente: vidro, fauna, cerâmica, metal, madeira, lítico, papel, têxtil, botões e diversos outros tipos de materiais orgânicos e inorgânicos. A pesquisa em extensão no LEPAARQ tem como o objetivo a aplicação de metodologias contemporâneas de conservação e restauro no acervo do laboratório, visando especialmente o monitoramento do estado de conservação e a conservação preventiva do mesmo, assim como o planejamento para eventuais intervenções de restauração a serem realizadas futuramente.

No seu contexto arqueológico original, as peças que compõem as coleções do LEPAARQ estiveram expostas a diversos tipos de ações químicas e físicas, relativas aos processos deposicionais e pós-deposicionais que conformaram o registro arqueológico. Essas ações tiveram impactos muitas vezes visíveis sobre as peças, gerando danos que podem causar uma patologia difícil de resolver. Estes problemas de conservação, além de terem sido gerados e agravados pelo contato das peças com o solo úmido e com as intempéries, podem ser potencializados pelas condições de armazenamento no acervo.

A fim de identificar os principais agentes de deterioração iniciou-se um diagnóstico do estado de conservação dos objetos. A conservação preventiva tem uma importância fundamental para essas ações de preservação. Segundo VASCONCELOS (2011) a especificidade dos bens arqueológicos é amplamente influenciada pelo seu local de guarda e o tamanho dessas coleções muitas vezes não possibilita o tratamento adequado em todas as peças.

Destaca-se a importância de uma classificação objetiva e clara dos objetos do acervo a fim de manter uma maior organização do mesmo, facilitando assim a sua preservação e o acesso às informações das coleções, o que tende a favorecer o desenvolvimento de pesquisa, conforme DIAS (2012).

## Metodologia

O LEPAARQ classifica os materiais de seu acervo de acordo com uma tabela sugerida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) onde, devido às especificidades dos materiais encontrados no acervo do laboratório, foi necessário acrescentar uma série de tipologias extras, tal como, a categoria de cachimbos.

Foram confeccionadas fichas de diagnóstico onde são apontados os principais danos e a patologia dos materiais, traçando-se, um perfil do estado de conservação geral do acervo, bem como criando embasamentos para futuras intervenções de restauração e maior entendimento dos agentes de deterioração das coleções arqueológicas. Essas fichas alimentam um banco de dados e são complementadas por fotos dos danos e das manifestações patológicas.

Para armazenar os materiais optou-se por separá-los por tipologias para garantir a melhor preservação das peças, pois alguns materiais estiveram em contato constante com outras tipologias, o que pode ter causado danos. Como no caso de algumas louças históricas da reserva que ficaram em contato com metais e é possível notar a presença de manchas de oxidação metálica. No caso do contato entre objetos metálicos de diferente reatividade essa degradação pode ser mais acentuada e provocar a corrosão de algumas peças, portanto, o acondicionamento deve considerar maiores cuidados.

A umidade e o clima estão sendo medidos com o datalogger, a fim de manter maior controle das alterações ambientais. O datalogger é um aparelho eletrô-

nico que mede a umidade e temperatura do ambiente em que se encontra em um intervalo de tempo previamente determinado. No LEPAARQ, esse aparelho foi inserido na sala de guarda da reserva técnica do laboratório e registra as alterações de quatro em quatro horas.

## Resultados

Com os dados iniciais do diagnóstico foram já tomadas algumas medidas preventivas. Em primeiro lugar, iniciou-se a troca de caixas de papelão que eram usadas no acervo. Essas caixas são consideradas inadequadas devido à alta acidez do papelão, por causa também do baixo controle de ambiência e do potencial que este material tem de sofrer um possível ataque de insetos e/ou roedores, que podem se alimentar dos materiais orgânicos do acervo. Nesse caso, optou-se por usar caixas de polietileno, ou seja, Marfinite, um material quimicamente estável que causa menor contato dos objetos do acervo com o ambiente, protegendo-o das possíveis alterações de umidade.

Os materiais que estão passando pelo recondicionamento foram embalados em papel seda desacidificado, a fim de evitar a abrasão das peças e uma maior deterioração do metal, seguindo as recomendações de LOGAN & SELWYN (2007). Em seguida, as peças foram separadas por tipologia e alocadas em sacos de poliéster, considerado um material quimicamente estável que não oferece riscos ao material a ser acondicionado, conforme TÉTREULT (2001). E, para possibilitar a identificação das peças no interior das embalagens, foram utilizadas etiquetas que contém informações referentes ao contexto arqueológico.

Os dados coletados com o datalogger no período de 09 a 21 de maio e de 10 de junho a 14 de julho demonstraram que a temperatura do espaço da reserva técnica do LEPAARQ se encontrava estável com variação de apenas 5°C. Enquanto a umidade apresentou variação de 6% e sua maior medição foi de 90,6%, estando acima do limite recomendado de 75%, de acordo com MICHALSKI (2009).

Há um aspecto importante do trabalho, que já vem dando bons resultados. Com a inserção de uma equipe de pesquisadores da área de Conservação e Restauro no LEPAARQ, um novo foco vem sendo direcionado ao acervo arqueológico. Novas técnicas e novos olhares são fundamentais para a qualificação desse espaço e do acervo lá depositado, o que aproxima profissionais

de várias áreas, potencializando ações interdisciplinares. Onde “...estabelecer um diálogo completamente aberto e enriquecedor entre arqueólogos e restauradores, na medida em que cada interlocutor opere dentro do respeito fundamental para os objetos e os trabalhos que estes conduzem” (CHAVINGNER, 1987).

## Conclusão

Através da proposta de diagnóstico dentro do Projeto de Extensão está sendo possível lançar um olhar da conservação nos objetos alocados no acervo do LEPAARQ. Dentro das coleções observadas, pode-se identificar alguns danos característicos de materiais que passaram por enterramentos, como a exsudação em metais, processo em que consiste na presença de pequenas gotículas transparentes no metal que são causadas pela alta umidade do ambiente (LOGAN & SELWYN, 2007). Porém, não é possível afirmar se os danos presentes no acervo são resultado do acondicionamento realizado pelo laboratório, pois também é possível que durante os processos deposicionais e pós-deposicionais no sítio arqueológico tenham causado danos às peças.

As ações de conservação preventiva que foram tomadas até então não garantem total estabilidade do acervo, tendo que se pensar na expansão das políticas de guarda. Como um monitoramento constante dos materiais em relação à temperatura e umidade, tendo em vista um maior controle ambiental. É preciso considerar que a conservação preventiva exige monitoramento constante, bem como manutenção dos materiais de guarda, onde esses deverão ser substituídos à medida que perdem as suas propriedades inócuas.

## Referências

CHAVINGNER, Françoise. Arqueología y Restauradores, Razones para la Colaboración. MASETT, Luisa (Org). *Arqueología, restauración y conservación: la conservación y la restauración hoy*. IBNT. Madrid, 2002. Pgs. 53-62.

DIAS, Marjore. *Registro e Documentação do Acervo do Sítio Arqueológico Ruínas da Estância do 28*. Anais do XIII Salão de Iniciação Científica – PUCRS. PUCRS. Santa Maria, 2012.

LOGAN, Judy; SELWYN, Lyndsie. *Mise en réserve des métaux*. In: *Notes de l'ICC*. Ottawa: Canadian Conservation Institute, 2007, v. 9, n.2. Disponível em <[hpt://www.cciicc.gc.ca/resources/ccinotesicc/9-2-fra.aspx](http://www.cciicc.gc.ca/resources/ccinotesicc/9-2-fra.aspx)>. Acesso em 7 de Agosto de 2014.

TÉTREAULT, Jean. Materiais de Exposição: Os bons os maus e os feios. (Org) MENDES, Marilka. *Conservação: conceitos e práticas*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2001. pg 95-112.

VASCONCELOS, Mara. *O Conservador na gestão de acervos arqueológicos: um estudo de caso do sítio Guarani PS-03 Totó (RS-Brasil)*. UFPEL. Pelotas, 2011.



# CONSTITUIÇÃO DE UM ACERVO DE RELATOS ORAIS PARA A FORMAÇÃO DE UM CENTRO DE CULTURA NO CLUBE CULTURAL “FICA AHÍ PARA IR DIZENDO”

*SANTOS, Mariangela Cristina Ales*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPEL, Bolsista PROBEC/UFPEL

*RUBERT, Rosane Aparecida*

Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL, orientador e coordenador.

O Projeto de Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo no seu Processo de Transformação em Centro de Cultura Afrobrasileira, tem por finalidade auxiliar na formação de um local de referência da memória e cultura negra na cidade de Pelotas. Este processo vem sendo feito respeitando os marcos das recentes legislações e paradigmas, internacional e nacional, de reconhecimento das manifestações expressivas da diáspora africana; de inclusão social por meio de intercâmbios qualitativos entre centros educacionais e grupos identitários e/ou de sociabilidade; da reconstituição e valorização das memórias e experiências de resistência ao preconceito racial; de preservação do patrimônio material e imaterial dos segmentos afro brasileiros.

A equipe, desde 2010, tem se envolvido nas seguintes atividades, levadas a termo em conjunto com integrantes do clube: elaboração de projetos para captação de recursos para melhoria da infra-estrutura no intuito de potencializar o caráter educacional, cultural e de sociabilidade daquele espaço; auxiliar na reativação do Ponto de Cultura do Clube, por meio do desenvolvimento de projetos e oficinas culturais com temáticas diversas; realização de um mapeamento das organizações lúdicas e religiosas, manifestações expressivas e/ou agentes culturais e portadores de saberes relacionados aos valores culturais afro brasileiros da região; reconstituição da memória do Clube e criação de exposições na forma de painéis, nos diversos ambientes da própria sede, de forma a estimular o diálogo entre as gerações sobre este importante espaço de sociabilidade e resistência cultural da comunidade afrodescendente pelotense; potencializar intercâmbios culturais e de conhecimento entre o Clube e organizações similares em âmbito regional e nacional, fortalecendo o Movimento Clubista; viabilizar a organização e conservação da memória material do clube; dentre outros.

Meu envolvimento como bolsista começou em maio deste ano, porém no segundo semestre de 2013 participei da organização do acervo midiático do Clube, como pré-requisito da disciplina optativa de Organização de Arquivos Históricos ofertada pelo Curso de

Bacharelado em História (ICH/UFPel). Meu interesse é colaborar com as atividades que competem à área Museológica como: pesquisar, coletar, catalogar e organizar o acervo, conhecendo e evidenciando a identidade cultural e social da comunidade negra, visando a acessibilidade da mesma a este material. A ênfase do meu trabalho tem sido, porém, o mapeamento das manifestações expressivas e portadores de saberes afro brasileiros.

De cordão carnavalesco à Clube Social, o Fica Ahi Pra Ir Dizendo obteve sua sede própria na década de 1950, com o intuito de proporcionar lazer e cultura para seus sócios, temas estes voltados para o firmamento da etnia negra e inserção desta comunidade no âmbito político-social pelotense. O Clube Fica Ahi realiza reuniões comunitárias entre os sócios, tais incluem: chás, jantares, bingos, bailes, grupos de dança afro, encontros políticos, eventos culturais, entre outros. Passou por reformas prediais nos últimos dois anos, estando no momento fechado ao público por estar ainda em adequação às normas de segurança. Com a perspectiva de reabrir ao público, está a reestruturar suas atividades, com possibilidades concretas de financiamento da infra-estrutura do Centro de Cultura por parte da Secretaria Estadual de Cultura, o que levará à reativação do Título de Ponto de Cultura já existente.

## Metodologia

Trabalhando por dois caminhos complementares, documental e iconográfico, o projeto tende a recompor a memória do Clube através de documentos históricos, objetos tridimensionais, pesquisas e relatos orais, gravados e transcritos, de sócios e colaboradores do Clube Cultural. No que tange à documentação, está em fase avançada de elaboração de um inventário do acervo físico e digital, com vistas a uma melhor organização e conservação dos mesmos.

Embora esteja colaborando nesta atividade, minha tarefa primordial, na equipe, é participar na elaboração de entrevistas abertas com representantes do universo afro brasileiro de Pelotas e região, especialmente antigos associados do Clube. As entrevistas são gravadas com mídia digital e transcritas. Posteriormente serão revisadas, catalogadas e, após anuência do(a) entrevistado(a), disponibilizadas no acervo de documentos do clube. A tônica do projeto é constituir um núcleo de memória que esteja inteiramente disponível e acessível à comunidade afrodescendente em primeiro lugar,

além de outros interessados na temática. A catalogação das entrevistas é realizada de acordo com eixos temáticos predefinidos, como: clubes sociais negros; organizações carnavalescas; universo religioso; portadores de saberes (músicos, artistas plásticos); etc.

Utilizar-se das reminiscências é um recurso indispensável para a composição do núcleo de memória do Clube Cultural Fica Ahi pra ir Dizendo, o qual fará parte do seu Centro de Cultura Afro Brasileira. Acrescentadas à documentação existente, por meio destes relatos orais, o Clube, assim como outras organizações, manifestações e personagens afrodescendentes da cidade e região ganham forma, musicalidade, profissões, tonalidades e intensidades diversas.

## Resultados

Até o presente momento, foram realizadas 13 entrevistas, todas já transcritas e em fase de revisão. Destas entrevistas, 9 são de pessoas vivenciaram o universo dos clubes sociais negros de Pelotas e região, sendo que algumas destas se destacam ainda por uma participação ativa em outros âmbitos, como por exemplo o universo carnavalesco, musical, de artes plásticas, etc. Duas pessoas entrevistadas focam o universo da religiosidade afro brasileira; uma, apenas o universo carnavalesco e a última refere-se a um artista plástico negro.

As reminiscências gravadas e transcritas, complementam e colaboram na organização temporal das outras informações contidas em documentos, além de ressaltar a importância para a sociedade negra de continuarmos este trabalho. Apontam ainda para o anseio dos associados do Clube Fica Ahi na renovação das suas atividades e funções, ressaltando a importância de um clube negro pelotense ser reconhecido como Ponto de Cultura Afro-brasileiro a nível nacional.

As diferentes narrativas transcritas, que revelam as vivências de cada entrevistado(a), reconstróem um clube das décadas passadas preocupado na sociabilidade e educação de seus associados, frequentado por membros de uma comunidade negra que tinham os espaços de sociabilidade da cidade fechados ou limitados à sua participação. A partir disso, podemos concluir a discriminação sofrida de cunho racial e classista no transcorrer do século XX. Como afirmam B. A. Loner e L. A.

Gill (1999, p.148), em seu artigo sobre os clubes negros pelotenses,

Esses grupos funcionavam como liderança de classe e de raça para os negros, E são deles as principais ações no sentido da melhoria das suas condições de vida, como, por exemplo, através da promoção de cursos de primeiras letras para associados e seus filhos.

Envolto no firmamento da etnia negra e suas influências através da historicidade do Clube e seus personagens, destaco alguns trechos de entrevistas das quais participei:

Tinham as festas de debutantes anualmente. Isso aí era uma coisa lindíssima que tinha! Não sei até que ano foi, mas sempre foi uma das melhores festas do Clube, a festa de debutante. Coroação da Rainha, os bailes de carnaval. O baile de carnaval terminava, quando terminava o pessoal dançava toda a volta da quadra aqui, de dia. Quando terminava era de dia!. (Sra. Maria Lúcia Soares, entrevista realizada em dezembro de 2013).

E aí o Clube funcionava todo o dia, até tarde da noite! As famílias ficavam, tinham mães que vinham pra cá com os filhos, fazer crochê, coisa e tal, bater papo. Tinha uma copa que funcionava todo o dia, faziam lanche, coisa e tal. O clube tinha uma vida! Porque naquela época, onde é que as famílias podiam frequentar? (...) Famosos músicos aqui foram negros. Esse maestro aí, que eu não estou lembrando, mas tranquilamente era da história do Fica Ahi, era um músico extraordinário. Teve um trompetista chamado Safeti que a minha mãe conheceu muito. (Sr. Solon Vieira, entrevista realizada em maio de 2014).

Estes relatos nos descrevem o cenário épico da cidade de Pelotas vivido por estes personagens, suas relações sociais, a formação e atividades qual eram envolvidos no Clube Fica Ahi, bem como firma a identidade coletiva destes cidadãos e a importância deste clube social permanecer em funcionamento, enfatizando suas raízes e preservando estas memórias.

## Conclusão

Como foi exposto, minhas atividades no projeto estão mais direcionadas para os objetivos de realização de um mapeamento das organizações lúdicas e religiosas, manifestações expressivas e/ou agentes culturais e portadores de saberes relacionados aos valores

culturais afro brasileiros da região e reconstituição da memória do Clube. A equipe está ciente de que o trabalho encontra-se ainda em um período inicial, pois há vários associados antigos do clube ainda não entrevistados, sem contar a rede de clubes sociais da região sobre o qual pretende-se debruçar. Cabe lembrar que o universo cultural afro de Pelotas e região é bastante complexo e enriquecedor, o que demandará um longo tempo para ser mapeado. Mesmo assim, as entrevistas transcritas já se revelam um recurso extremamente importante para a compreensão de todo este universo cultural.

No decorrer deste trabalho podemos observar a importância da revitalização do Clube Fica Ahi, como também a representatividade que este Clube possui para a comunidade negra pelotense. Perseverantes na luta contra a discriminação racial e enfatizando a valorização da cultura afrodescendente, o grupo que participa deste projeto juntamente com a direção do Clube, está a dedicar-se na implementação de frentes de trabalho baseadas em pesquisa, ensino, comunicação e preservação de bens tangíveis e intangíveis para preservação de uma memória coletiva.

A sociabilidade para os negros pelotenses qual o Clube se propôs ao longo de sua trajetória é visível nos relatos transcritos. Considerando o contexto sócio histórico, as reminiscências individuais e coletivas não somente reconstroem a trajetória do Clube Fica Ahi como também refletem nos acontecimentos políticos sociais de uma época.

## Referências

- LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. *Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas*. Estudos Ibero-Americanos, v. 35, n. 1, p.145-162, jan./ jun. 2009.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. 2011. 228f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos históricos, vol. 5, n.10, p.200-212, 1992.



# CURSO DE FOTOGRAFIA COM CÂMARA OBSCURA

## *BRUNO, Giuliana Bazarele Machado*

Aluna de Licenciatura em Artes Visuais/UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

## *SENNÁ, Nádia da Cruz*

Professora de Desenho da Figura Humana do Centro de Artes/UFPEL e Coordenadora do Programa Arte Inclusão e Cidadania

## *ANGELI, Juliana Corrêa Hermes*

Professora de Fotografia e de Produção Cultural do Centro de Artes/UFPel e coordenadora do projeto de extensão

O Curso de Fotografia com Câmara Obscura é um projeto de extensão do Centro de Artes da UFPel, que visa desenvolver a compreensão de crianças e adolescentes de escolas públicas do município de Pelotas e região sobre a fotografia como a conhecemos hoje a partir do fenômeno ótico de formação e obtenção de imagens através da câmara obscura. O projeto faz parte do Programa Arte, Inclusão e Cidadania também do CA/UFPel.

A fotografia com câmara obscura é um método simples de obtenção de imagens fotográficas, no qual não se utilizam dispositivos óticos. Qualquer objeto encontrado ou construído, pode ser transformado em câmara e obter imagens (ANGELI, 1999). A técnica remete ao princípio da fotografia. Além do embasamento teórico, no qual são trabalhados aspectos históricos sobre o fenômeno ótico, sobre o advento da fotografia e seu impacto na história da arte, o curso trabalha com a construção de câmaras obscuras artesanais e com a revelação de imagens fotográficas obtidas pelos próprios alunos. O objetivo do curso é trabalhar a linguagem da fotografia como expressão a partir do conhecimento e da prática com a técnica.

## Metodologia

Primeiramente, são contatadas escolas da rede pública de ensino com o objetivo de oferecer a possibilidade de desenvolver o curso como proposta conjunta/complementar a disciplina de Artes Visuais.

Nossa proposta dentro do calendário anual do projeto é a de desenvolver no mínimo dez turmas por ano, com duração de pelo menos 16 horas/aula cada curso. O curso é oferecido em horário oposto ao das aulas. Porém, nem sempre conseguimos mobilizar a escolar para a realização de uma atividade complementar de ensino.

Durante o curso, na procura de despertar o interesse dos alunos, são apresentados em um primeiro momento slides que contam o princípio da história da fotografia, trazendo a descoberta do fenômeno ótico, seus usos no desenho e na pintura, até chegar na invenção da fotografia em si. Também são apresentados exemplos e resultados obtidos por artistas contemporâneos através desta técnica. Neste percurso didático, no qual os discentes compreendem o funcionamen-

to da câmara obscura, vamos desenvolvendo a parte prática com a confecção das câmaras obscuras artesanais com objetos trazidos pelos próprios alunos. Em um terceiro momento os alunos são orientados na captação das imagens. As câmeras recebem em seu interior papel fotográfico (que é o material fotossensível utilizado no curso) e no laboratório improvisado nas dependências da própria escola é realizada a revelação por meio de químicos, na qual obtemos os negativos (Figura 1). Por fim, é realizada a cópia positiva através de cópias por contato. A reação dos alunos quando estão dentro do laboratório é de surpresa e admiração. Por vezes ouvimos alguns comentarem que o processo parece “mágico”. Conforme aluna do curso, “(...) o incrível é ver do invisível se formar uma imagem única”.

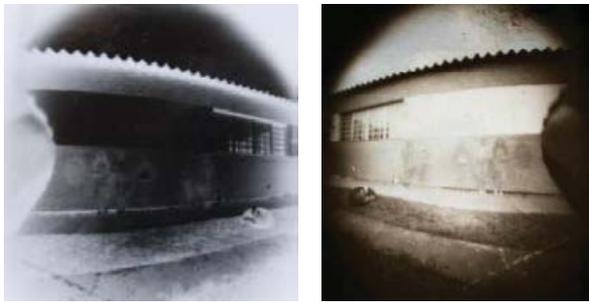


Figura 1: Negativo e positivo obtido por aluna da ETEC- Escola Técnica Estadual de Canguçu. Fotografia da turma durante a captação de imagens na área de fachada da escola.  
Fonte: Curso de Fotografia com Câmara Obscura, 2014.

Depois de finalizada a parte prática, é realizada uma conversa onde analisamos os resultados obtidos por todos.

## Resultados

Até o momento foram realizados dois cursos em duas escolas ETEC- Escola técnica Estadual de Canguçu e na Escola Municipal de ensino fundamental Afonso Vizeu atendendo 45 alunos. Pretendemos realizar até o final do ano letivo 10 cursos.

Participaram alunos entre 11 e 17 anos. É interessante notar como o conhecimento sobre os processos de formação e obtenção de imagens abre as possibilidades criativas dos alunos. A partir do momento em que os discentes compreendem como funciona a câmara obscura, são feitas muitas outras conexões entre o conteúdo teórico prático e a realidade deles. Através da discussão dos resultados obtidos criamos meios para que se tornem mais críticos e expressem suas opiniões livremente sobre os resultados obtidos.

## Conclusão

Os objetivos propostos inicialmente pelo curso vêm sendo atingidos. Durante o ano de 2012 e 2013, a principal dificuldade foi a de encontrar escolas que aderissem à proposta do curso. Outra dificuldade foi o calendário acadêmico, que após a greve de 2012, ficou desconexo com relação ao calendário das escolas públicas. Este ano, a receptividade à proposta do curso tem sido grande. Inclusive, os professores, cujas turmas participaram do curso nos anos anteriores, procuraram a coordenação do projeto para que este fosse realizado novamente.

O contato com o processo primordial da fotografia oferece a busca de resultados poéticos alternativos de acordo com a curiosidade e interesse dos alunos, possibilitando a análise do processo e discussão sobre linguagem fotográfica, assim como faz com que aluno compreenda o funcionamento das atuais câmeras fotográficas.

## Referências

- ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. *Passagens: o registro de fluxos de tempo*. Porto Alegre, 1999. 52p. Projeto de Graduação, Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre fotografia*. 2º ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.
- GERNSHEIM, Helmut; GERNSHEIM, Alison. *História Gráfica de la Fotografia*. Barcelona: Ediciones Omega S.A., 1966.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

## DE TUDO UM POUCO: ARTE, CULTURA E PATRIMÔNIO

### *ARAUJO, Eduardo Oliveira*

Aluno do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro/UFPeI, bolsista PET-Conservação e Restauro/UFPeI

### *RODRIGUES, Cristiane Rodrigues*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro/UFPeI, voluntária PET-Conservação e Restauro/UFPeI

### *LAMPAZZI, Priscilla Pinheiro*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro/UFPeI, bolsista PET-Conservação e Restauro/UFPeI

### *PEREIRA, Pamela Pereira*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro/UFPeI, bolsista PET-Conservação e Restauro/UFPeI

### *MICHELON, Francisca Ferreira*

Professora ICH/UFPeI, tutora PET- Conservação e Restauro.

O “De Tudo Um Pouco: Arte, Cultura e Patrimônio” é um projeto de extensão continuado, criado pelo Programa de Educação Tutorial do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis (PET CR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), com o objetivo de gerar um ambiente favorável ao intercâmbio de experiências estéticas, filosóficas e científicas, gostos e preferências culturais e opiniões, histórias e pesquisas em patrimônio cultural entre a comunidade, acadêmica ou não, do curso e de outras áreas. Para o Conservador e Restaurador (CR) o conhecimento do contexto do objeto sobre o qual atua é fundamental, e este contexto é sempre, a intersecção entre alguns aspectos da sociedade. Para este profissional, o conhecimento geral é uma ferramenta de trabalho, assim como a visão interdisciplinar, porque ambos ampliam a possibilidade de interpretação do patrimônio (GOMES, 2010, p.326), seja este material ou imaterial. Ao mesmo tempo, o contato com a sociedade é imprescindível para que este profissional não resuma o seu papel a um operador de técnicas de diagnóstico e tratamento dos bens culturais. A consciência de que o objeto é um bem suporte de memória (ou de metamemória, conforme classificação de Candau, 2011), conduz o CR compreendê-lo como resultado e reflexo de um meio social e, para tanto, o conceito de cultura deve contemplar ao menos as três dimensões que a qualificam no Plano Nacional de Cultura: simbólica, cidadã e econômica (2013). Com a intenção de incorporar esta visão de cultura como uma circunstância ampla, o projeto busca otimizar o diálogo entre agentes culturais, acadêmicos ou não, que possam aportar, de forma livre, novos conceitos ao fato cultural.

### Metodologia

O projeto organiza-se em encontros nos quais um convidado apresenta algum tema de seu interesse ou gosto, no formato que desejar, tendo como condicionante, apenas, o tempo de apresentação que não pode exceder 60 minutos e a disposição para a participação livre do público. Neste processo, no qual alguém pode contribuir sem mesmo falar (por exemplo, alguém simplesmente pode levar um filme e ao final, sugerir que o público converse entre si), tanto os apresentadores como o público definem, no curso da apresentação

seu modo de participar. Ao todo, o encontro deve ter no máximo 2 horas. O tema do encontro é livre e a opção do convite é sempre sugerida por alguém do grupo que encontra em determinada pessoa a oportunidade de ver um tema contemplado de modo diverso. De tal modo, o debate também ocorre livremente, compondo no curso desta liberdade, possibilidades diversas, diálogos imprevistos e relações que antes não se estabeleceriam. Para viabilizar o maior número de participantes, o projeto acontece no período vespertino.

## Resultados

A liberdade temática favorece a interdisciplinaridade, a amplitude das sugestões incentiva os interesses múltiplos, diluindo a especialização precoce e o contato com a comunidade externa à academia contribui para o incremento de uma formação mais atenta à sociedade e também mais cidadã. Sobretudo, destaca-se que o projeto trabalha no sentido de promover, através da extensão, a experiência da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. No campo desta possibilidade, citamos a palestra, ocorrida no dia 10 de Julho de 2014, com o professor do Instituto de Física e Matemática (IFM) da UFPel e Tutor do Grupo PET-Física UFPel, Álvaro Leonardi Ayala Filho, doutor em física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o tema “Galileu: entre Física, Metafísica e Astronomia”. Após o encontro, percebendo o grande interesse dos alunos sobre as obras de arte trazidas por ele em um livro sobre Galileu, entrou em contato com os estudantes do Grupo PET CR para a produção de um trabalho de pesquisa, em conjunto com o Grupo PET-Física, unindo o conhecimento dos dois grupos em um estudo iconológico e iconográfico das obras de arte sob alguns princípios da mudança de visão de mundo promovida pela ciência e ilustrada na história de Galileu. Então, um projeto de extensão, no qual conteúdos complementares à formação do professor de física, estimularam grupos de acadêmicos a convergirem suas áreas de conhecimento para

explorar investigativamente os sentidos de obras de arte nos seus contextos históricos.

## Conclusão

A cultura e os objetos culturais demandam muitos instrumentos conceituais e referências para serem compreendidos. Entende-se que a função e possibi-

lidade do curso de graduação que forma profissionais para atuar com objetos culturais, não pode ser a de fornecer, na totalidade, o conhecimento histórico, social, antropológico, técnico, científico e etc sobre os contextos. A amplitude deste conjunto incontável de aspectos, não é abarcável em um currículo, seja qual for. No entanto, a visão ampla de mundo, a consciência sobre os valores simbólicos dos bens culturais e a compreensão dos contornos particulares das culturas, são habilidades passíveis de serem conquistadas, de modo a sugerir ao profissional em formação um perfil flexível, reflexivo, mediado pela diversidade e pela capacidade de reconhecimento dos valores simbólicos dos bens. Nesta medida, o projeto contribui para a formação de profissionais capazes de se relacionar e argumentar com pessoas das mais diversas áreas. Este projeto também estimula o discente a ampliar seus conhecimentos pela universalização de temas populares e eruditos abordados durante os encontros.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Cultura. *As metas do Plano Nacional de Cultura*. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MinC, 2012.
- CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GOMES, Beatriz P.M. A comunicação em Museus e a interpretação do patrimônio: um diálogo bem-vindo e possível. In BENCHETRIT, Sarah; BEZERRA, Rafael; MAGALHÃES, Aline M. (orgs). *Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

# DOCUMENTAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO DO ACERVO DE ARTES VISUAIS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, PELOTAS, RS

*RODRIGUES, Mara Denise Nizolli*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

*VASCONCELOS, Maria Alice*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis /UFPeL, monitora do Laboratório de Conservação e Restauro de Pintura

*SALABERRY, Jeferson Dutra*

Técnico em Restauro ICH/UFPEL

*SCOLARI, Keli Cristina*

Restauradora ICH/UFPeL

*BACHETTINI, Andréa Lacerda*

Orientadora e Coordenadora do projeto ICH/UFPeL

Este trabalho apresenta as atividades realizadas dentro do Projeto “DOCUMENTAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO DO ACERVO DE ARTES VISUAIS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, PELOTAS - RS”, que teve como objetivo realizar a documentação e higienização do Acervo de Arte Visuais da Secretaria Municipal de Cultura, trata-se de 120 obras de arte que compõe este acervo, o projeto prevê o acondicionamento do acervo e higienização de todas as obras, e seleção das obras que apresentassem necessidades de restauração, para futura intervenção restaurativa, no Laboratório de Conservação e Restauração de Pinturas ICH/UFPeL. O trabalho de documentação e higienização foi realizado nas dependências do Casarão nº 6 da Praça Coronel Pedro Osório, pertencente à Prefeitura Municipal de Pelotas, participaram da primeira fase de catalogação os discentes do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis: Luis Ubirajara Nolasco Gonçalves, Juliana Corrêa Vergara, Gilson Barboza, Ana Carolina Kohn Behling, Marta Rosane Possap Tavares e Rosaura Isquierdo Rocha, que realizaram seus estágios curriculares obrigatórios junto ao acervo.

O projeto identificou e quantificou as obras pertencentes ao acervo de artes visuais, identificando suas categorias: fotografia, gravura, pintura, desenho e escultura.

A segunda fase de catalogação registrou as obras pertencentes ao Paço Municipal da Prefeitura de Pelotas, entre as quais estão as pinturas dos importantes artistas: Frederico Trebbi, Guilherme Litran, Leopoldo Gotuzzo, Libindo Ferraz, Angelo Guido, Adail Bento Costa, Nestor Marques Rodrigues - Nesmaro, Ináh Costa, Hilda Mattos, E. Casarias, J. Barreiros, Petrucci, Arlinda Nunes, Genuíno, Silvio Russo, que foram catalogadas pelos alunos da Disciplina de Conservação e Restauração de Pintura I no ano de 2013.

Desta parceria entre o Curso de Conservação e Restauro do ICH/UFPeL e a Secretária Municipal de Cultura, foram selecionadas para restauração as obras que ficam expostas nas paredes do Paço Municipal, devido ao avançado estado de deterioração em que se encontravam. Este trabalho foi realizado em conjunto com os alunos do 6º semestre da disciplina de Conservação e Restauro de Pintura II, do ano de 2013,

juntamente com os alunos da mesma disciplina do ano de 2014, com a coordenação da professora Andréa Lacerda Bachettini e colaboração dos técnicos em restauração Keli Cristina Scolari e Jeferson Sallaberry.

## Metodologia

A metodologia utilizada para a documentação e catalogação do acervo de artes visuais, foi através do preenchimento de ficha cadastral e diagnóstico do estado de conservação, e através da documentação fotográfica de cada uma das obras e pesquisa bibliográfica. As obras ainda passaram por higienização com pincel de cerdas macias e cada obra recebeu uma embalagem em TNT branco para o seu acondicionamento provisório, já que será organizada uma reserva técnica para o acondicionamento definitivo deste acervo.

As obras pertencentes ao acervo do Paço Municipal tiveram metodologia baseada na pesquisa bibliográfica sobre teorias, técnicas e procedimentos de restauração, levantamento biográfico dos artistas que produziram as obras, e ainda, a realização do trabalho prático de restauração que seguiu os preceitos estabelecidos pelos organismos internacionais da área da conservação.

As pinturas passaram por um minucioso processo de pesquisa científica, quando foram realizados registros fotográficos, de cada processo da intervenção, exames organolépticos e exames com luzes especiais. Após a realização dos exames foi feito o levantamento de perdas e necessidades de reintegração de cada obra.

A metodologia de restauração seguiu as seguintes fases: as obras foram higienizadas, tiveram as camadas pictóricas fixadas e os suportes consolidados, foram confeccionados novos bastidores, repinturas foram removidas, e ainda foram realizadas as reintegrações pictóricas e aplicação de camada de proteção. Paralelamente ao restauro das pinturas as molduras passaram por desinfestação de insetos xilófagos e consolidação das estruturas de madeira e reintegração cromática.

## Resultados

As 120 obras do acervo de artes visuais foram higienizadas e receberam acondicionado provisório, estão aguardando a finalização do projeto do Museu da Cidade de Pelotas, que será implementado no Casa-

ção nº 6, onde ficará a reserva técnica definitiva que abrigará este importante acervo, o projeto faz parte do PAC Cidades Históricas.

Já o desenvolvimento do processo de restauração das 18 pinturas do Paço Municipal passou por um registro documental que compreende uma ficha catalográfica e registro fotográfico mostrando o estado geral de cada obra. A higienização foi feita a seco com uso de pincéis macios, para a limpeza química, foram feitos vários testes com solventes, utilizando-se o mais adequado a cada caso, neste processo de remoção. As obras receberam uma camada de adesivo para a fixação da camada pictórica, os suportes em tecido foram consolidados, foram realizados enxertos e obturações e em alguns casos foram feitos reforços de borda. Quando necessário as obras foram reenteladas em um novo suporte. As lacunas foram niveladas e receberam a reintegração cromática e aplicação de camada de proteção.

## Conclusão

A realização do projeto oportunizou aprendizado aos alunos do Curso de Conservação e Restauro envolvidos no processo de documentação e higienização, assegurando a preservação deste importante acervo das artes visuais da cidade de Pelotas. Através da ação extensionista do projeto foi possível devolver à comunidade pelotense obras restauradas, restabelecendo seu valor cultural e disponibilizando estas obras para futuras exposições e dando acesso ao público em geral.

As ações de extensão geraram novas linhas de pesquisa e grupos de estudos oferecendo outros projetos de extensão que viabilizam a recuperação de acervos importantes para a comunidade local e regional.

Os alunos do Curso de Conservação e Restauro, desenvolveram atividades práticas da sua futura vida profissional, promovendo uma formação integral e solidificando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Esta ação extensionista visa à preservação e proteção deste importante acervo, que conta a história das artes visuais da cidade e da região, o projeto atingiu e consolidou em caráter permanente a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

---

## Referências

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*, (Tradução de Beatriz Mugayar Kühl) Ateliê Editorial, São Paulo, 2004.

BRAGA, Marcia Dantas. *Conservação e restauro: pedra, pintura, mural e pintura em tela*. Rio de Janeiro 2003.

CALVO, Ana. *Conservación y restauración de pinturas sobre lienzo*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.

FERREZ, Helena Dodd e PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. *Manual de Catalogação Pintura Escultura Desenho Gravura*. Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, 1995.

MARTOS, Diaz. *Restauración y conservación Del arte pictórico*. Madrid: Arte Restauro, 1975.

NICOLAUS, Knut. *Manual de restauración de cuadros*. Verlagsgesellschaft: Könemann, 2003.

PASCOAL, Eva e PATIÑO, Mireia. *O restauro de Pintura*. Barcelona: Editorial Estampa. Coleção Artes e Ofícios, 2002.

VIÑAS, Salvador Munhoz. *Teoría Contemporánea de La Restauración*. Madrid: Editorial Sinteses, 2004.



# ESPAÇOS NO MUNDO CAMPONÊS: O OLHAR SOBRE A INFÂNCIA

*ALVES, Renata Dos Santos*

Aluna do Graduação em Pedagogia. FURG, bolsista Extensão - PROEXT/FURG

*ROCHA, Jeruza da Rosa da*

Aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEl, orientador

*THUM, Carmo*

Professor do Instituto de Educação/IE/FURG, Coordenador do Núcleo Educamemória

O presente texto está vinculado à ações de extensão desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão Educamemória (IE/FURG/CNPQ). O Núcleo Educamemória tem atuado a partir de processos contínuos de pesquisa e intervenção em espaços rurais, problematizando a questão da vida no campo, a memória, o pertencimento e o empoderamento dos camponeses a partir do estranhamento de si e do lugar em que habitam e trabalham. Nesta perspectiva, compreendemos que o cotidiano da vida campesina constitui-se pela relação do homem com o meio. Neste fazer, os processos sociais e culturais são demarcados pela vida do campo e pela cultura pomerana, grupo étnico representativo nos espaços em que ocorrem as pesquisas. Um dois eixos temáticos de ação do Educamemória é a Infância Camponesa.

O projeto “Infâncias Camponesas: Espaços de Sociabilidade e Imagens do Mundo da Vida em Contexto Educativo” objetiva reconhecer e identificar os espaços de convivência que as crianças ocupam em seus cotidianos dentro e fora do espaço escolar. Buscamos compreender suas vivências e experiências assim como inseri-las em um processo colaborativo de investigação ao considerá-las atores e sujeitos de/da história, logo, não mais meros reprodutores de cultura, mas sim potenciais produtores de artefatos, signos e simbologias culturais (CORSARO, 2011). Essa ação realiza-se em diálogo com crianças camponesas que são alunos das escolas participantes do projeto, com professores, com agricultores, com bolsistas de graduação (FURG) e com pesquisadores (FURG, UFPEl, UFRGS).

Os escritos presentes nestas laudas apresentam resultados iniciais de tal ação de extensão universitária. Buscam compreender e apresentar os espaços de sociabilidade infantil presentes na Escola Carlos Soares da Silveira (Canguçu/RS), no intuito de reconhecer as diferentes manifestações das infâncias que permeiam os espaços da instituição.

## Metodologia

O trabalho com a memória narrada dos sujeitos é uma estratégia metodológica mediadora do processo/ato da pesquisa. Nesse sentido o levantamento de dados tem base nas estratégias de observações do

cotidiano escolar, registros fotográficos, na elaboração de caderno de campo e na realização de Caminhadas e Rodas de Diálogo com as crianças.

No decorrer do fazer desta pesquisa contamos com a colaboração de treze crianças na faixa etária de nove a dez anos do quarto ano da escola. Optamos por pesquisar com a colaboração e coautoria das crianças, pois entendemos a potência das mesmas em (re) produzir, (re) construir e (re) interpretar significados e saberes do mundo que as cerca.

## Resultados

Durante as observações realizadas no cotidiano escolar fomos instigados pelas crianças, em um primeiro momento, a atentarmos nossos olhares às brincadeiras que ocorriam durante o recreio. Algumas delas: o jogo de futebol, o pega-pega, cavalinho, passa anel, caça ao tesouro e a construção de casinhas. O recreio para as crianças constitui-se, no espaço analisado, como um dos momentos mais aguardados. Percebemos que o estar junto, o brincar, conversar e interagir entre os pares infantis configura-se, segundo o relato das crianças em momentos de “privacidade”.



Figura 1: Fotografia das Casinhas e das Rodas de Diálogos.  
Fonte: Banco de dados do Educamemória, 2014.

A localização da escola em uma região campesina, sem demarcações de espaço, permite a sociabilização entre as crianças e traz o diferencial para este estudo. Ao pesquisarmos sobre os espaços que as infâncias ocupam e sobre os quais transitam percebemos que os espaços oferecidos a categoria infantil permitem a construção de relações sociais, a sociabilidade com o meio e com seus pares além de instigar o desenvolvimento autônomo dos sujeitos. Nesta perspectiva, a instituição Escola Carlos Soares da Silveira proporciona às crianças a possibilidade de explorar o espaço no entorno da escola, bem como interagir com o meio em que estão inseridos proporcionando assim autonomia às crianças.

Nas observações participantes compreendemos que as crianças, além da construção das casinhas, possuíam outro espaço comum para realização de brincadeiras no pátio da escola: a “caverna”.

A caverna, como nomeiam as crianças, possuía o mesmo papel das casinhas: um lugar próprio das crianças, um espaço de brincadeira, de produção de cultura e de identidade. Na caverna haviam objetos, bancos improvisados de madeira e a chave da porta do local. Essa caverna eram árvores próximas que se entrelaçaram e constituíram naturalmente uma espécie de “casa”.

Entre conversas, caminhadas ao redor da escola e fotografias, percebemos uma forte afeição das crianças pelo local. Em seus relatos percebemos o quanto era prazeroso e divertido possuir um lugar “só nosso” para criar e realizar brincadeiras em grupo.

Durante visita a escola uma das crianças lançou uma questão: “tu sabias que desmancharam a caverna?” (Matheus), espantados questionamos o motivo. O menino respondeu dizendo que a diretora estava receosa com prováveis aparecimentos de animais peçonhentos na localidade. Iniciamos assim uma roda de diálogo em que todos argumentaram e problematizaram a importância da caverna como espaço de brincadeira da turma.

Os relatos das crianças expressam a dimensão afetiva e imaginária presente no espaço: “Lá tinha bastante sombra, podia trancar, era um espaço livre. Era um lugar de reunião” (Lucas). “Se tinha privacidade. A gente adorava ficar lá dentro. Aumentava a imaginação. Por que era uma casa de verdade!” (Andrei). “A gente gostava daquele lugar, tinha muita sombra” (Alana). “Tinha várias brincadeiras, pra fazer lá. Tinha uma porta de brincadeira” (Andrine)”.

As brincadeiras realizadas e relatadas pelas crianças que participaram/participam desta pesquisa estão articuladas a história e a cultura de um grupo. Expressam os interesses e necessidades das crianças. Destacamos na interação e trocas de saberes/vivências proporcionados pelo brincar a cultura de pares como “[...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares [...]” (CORSARO, 2011, p.32). Brincar traz ao universo imagético da infância o vivido, a diversão, a experiência de um determinado contexto, expressa a potência das crianças enquanto agentes sociais ativos, bem como produtores de cultura.

## Conclusão

Estar junto às crianças e melhor entender como se organizam enquanto categoria social, permitiu compreender que os espaços das infâncias presentes na escola anunciam a necessidade de repensarmos nossas ações pedagógicas bem como a organização da escola enquanto espaço social e cultural. Percebemos que as brincadeiras trouxeram ao espaço escolar a cultura, os hábitos e os valores vivenciados pela população pomerana presente na localidade de Nova Gonçalves (Canguçu/RS). Destacamos a potência das crianças em reorganizar, reconstruir e reinventar os espaços que a escola oferece para a realização de brincadeiras.

Diante do exposto podemos afirmar a relevância dos espaços das infâncias e das brincadeiras na escola. O brincar embora seja considerado como uma atividade “natural” da criança, a “essência infantil”, vista algumas vezes por algo espontâneo, ativo e desinteressado, configura-se como característica da cultura e do momento histórico vivenciado (BUJES, 2004, p. 207). Compartilhamos das palavras de Sarmiento quando afirma que “[...] entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério [...]” (2004, p. 15).

Neste sentido investigar de forma colaborativa com as crianças os espaços que transitam e ocupam no espaço da escola retratou através dos dados e relatos, a presença das crianças como atores sociais que agem, recriam e transformam o meio social em que estão inseridos.

Os dados coletados durante a ação da pesquisa sinalizaram a criação de diferentes espaços de brin-

cadeiras pelas crianças. A elaboração de “casinhas” emergem no espaço campesino em questão como uma brincadeira que anunciou a reinterpretção ativa das crianças para além de processos de imitação de suas vivências e experiências cotidianas, mas de reinvenção e de recriação de seus próprios fazeres cotidianos. Essa reinterpretção de suas próprias casas, retratadas em suas brincadeiras permitiu apontar elementos potentes que retratam o mundo do trabalho, de hábitos e costumes próprios da comunidade do entorno escolar que contribuem e enriquecem a ação de (re) pensarmos a infância dentro dos espaços educativos das instituições escolares.

## Referências

- BUJES, Marial. Isabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In.: *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema* / Org. Marisa Vorraber Costa; Alfredo Veiga Neto. 2ª Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- CORSARO, William. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SARMENTO, Manuel . Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª. Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.



# ESTUDO DAS PINTURAS MURAIIS ORIGINAIS DO THEATRO GUARANY

*ISQUIERDO, Mariana de Araujo*

Aluna do Bacharelado em Conservação e Restauro/  
UFPEl, Colaboradora

*SALABERRY, Jeferson Dutra*

Técnico do Curso de Conservação e Restauro/UFPEl

*SCOLARI, Keli Cristina*

Técnico do Curso de Conservação e Restauro/UFPEl

*BACHETTINI, Andréa Lacerda*

Professor do Departamento de Conservação e Restauro/  
ICH/UFPEl, coordenador e orientado.

No início do século XX, na cidade de Pelotas, surge um dos maiores cine-teatros do Brasil, o Theatro Guarany. Teve sua construção iniciada em fevereiro de 1920 e inauguração ocorrida em abril de 1921, tendo como fundadores Rosauro Zambrano, Francisco Xavier e Francisco Santos, que formaram a empresa Zambrano, Xavier & Santos. Alguns anos após a inauguração, a sociedade foi desmembrada, com a aquisição de todas as cotas pelo Sr. Zambrano. Deste então a administração do teatro vem passando de geração por geração da família Zambrano.

A parte interna da casa foi toda decorada com pinturas murais, artísticas e decorativas. Atualmente a maioria dessas pinturas se encontra encobertas por camadas de tinta devido às sucessivas reformas realizadas no teatro ao longo dos anos. A atual administração do Theatro Guarany iniciou em 2009 um projeto de revitalização com a intenção de resgatar a memória e história desta importante casa de espetáculos que completou 93 anos no ano de 2014.

Neste contexto de salvaguarda da memória do Theatro Guarany, o Curso de Conservação e Restauro do ICH/UFPEl, é convidado a juntar-se ao grupo de trabalho lá posto para dar início ao projeto de recuperação das pinturas decorativas, unindo-se então, ao programa de revitalização do teatro. Nesse momento é criado pela professora Andréa Lacerda Bachettini o projeto de pesquisa e extensão nomeado “Estudo das Pinturas Murais Originais do Theatro Guarany”. É um projeto de longa duração, que tem como proposta a organização de uma base teórica e técnica para um projeto de restauração dessas pinturas, resgatando assim a memória deste importante patrimônio artístico, histórico e cultural da cidade de Pelotas.

## Metodologia

A metodologia aplicada se propõe na realização de exames stratigráficos: com o auxílio de bisturis abrem-se pequenas janelas de 3cm X 3cm, em diferentes alturas da parede, a fim de constatar a existência ou não de pintura mural e seu estado de conservação. Após a constatação a janela é ampliada em uma de 10cm X 10cm com a finalidade de uma melhor avaliação de sua situação. Após essa avaliação a janela é ampliada até ser encontrado o padrão decorativo da pintura.

Após a abertura da janela se dá início a fase de consolidação. Sobre a pintura é aplicado um adesivo a base de Álcool Polivinílico, a fim de fixá-la sobre a parede e deixá-la com uma maior proteção dos fatores externos. Em seguida é feito o nivelamento da superfície, onde as lacunas encontradas no revestimento são corrigidas com uma massa composta por gesso, cal e cola PVA e lixada.

A última etapa consiste na reintegração cromática. Para sua execução é necessário fazer uma cópia do desenho original em papel manteiga, a fim de transcrevê-lo a um filme de poliéster para confecção de um estêncil. Por ser têmpera a tinta da composição, a mesma é utilizada para o preenchimento das lacunas. Através de misturas de cores, chega-se a tonalidades mais próximas as do desenho em questão. A técnica de reintegração utilizada é a do pontilhismo, uma técnica que consiste em criar uma reintegração ilusionista onde pequenos pontos são aplicados sobre a lacuna da pintura. Os pontos são tão pequenos que acabam não sendo vistos à olho nú, sendo necessário o auxílio de um equipamento ótico para visualização. Como exemplo temos as imagens de uma das pinturas recuperadas (Figura 1).



Figuras 1: Fotografia do antes e depois de uma das pinturas recuperadas durante o projeto  
Fonte: Elaborado pelo autor

No levantamento in loco que está sendo realizado através das prospecções e das aberturas de janelas estratigráficas, já foi possível constatar a existência de pelo menos dois períodos diferentes de pinturas murais dentro do teatro, o primeiro da época da inauguração em 1921, pintadas por Joaquim Lamas e Willy Schmidt, e outro posterior em 1928, essas por Sobragil Carollo.

As pinturas murais do primeiro período do teatro têm como tema a flora, retratos dos grandes compositores e paisagens. As pinturas presentes no teto do foyer, homenageando grandes compositores, são as únicas

que não foram encobertas. As prováveis técnicas de execução das pinturas são a têmpera à caseína ou cal, cola ou óleo, uma vez que, neste período, estes eram os tipos de tintas mais difundidas para a aplicação da técnica muralista.

## Conclusão

Os trabalhos de recuperação das pinturas decorativas do Theatro Guarany estão em desenvolvimento, mas já é possível conhecer pinturas que foram encobertas ao longo de sua história, o que apagou parte da memória das artes decorativas na cidade de Pelotas. Os resultados obtidos até o presente momento comprovam que a restauração depende de uma diagnose exaustiva das causas de deterioração de cada tipo de material e, também de um tratamento adequado baseado em limpezas, consolidações e proteção.

O trabalho de identificação, mapeamento, e as intervenções restaurativas realizadas nas janelas que mostram pinturas murais, vêm auxiliando na elaboração de uma cronologia histórica dos períodos e intervenções pelas quais passou o teatro.

Ainda serão realizadas aberturas de várias janelas prospectivas nas demais dependências do teatro, para o mapeamento das categorias de pinturas encontradas e para o desenvolvimento de metodologias para futuras restaurações. Todo o processo de intervenção em um bem cultural deve ser sempre acompanhado de uma pesquisa bibliográfica e iconográfica, as quais são fundamentais para as tomadas de decisões.

## Referências

- BACHETTINI, A. L. *As Pinturas Murais do Theatro Guarany, 1921, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil*. Monografia. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Artes, ILA/UFPel, 1997.
- BACHETTINI, A. L. . *As Pinturas Murais do Theatro Guarany, 1921, Pelotas, RS, Brasil*. Expor, Pelotas, v. 1, n. 3, p. 45-62, 1998.
- BACHETTINI, A. L. ; HEIDEN, R. ; VASCONCELOS, M. L. C. *O Resgate das Pinturas Murais do Theatro Guarany*. In: 3º Seminário Internacional em Patrimônio e Memória, 2009, Pelotas. Patrimônio & Políticas Públicas, 2009.

---

BRAGA, Márcia Dantas. *Conservação e restauro: pedra, pintura mural e pintura em tela*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003. 13–127p.

TIRELLO, Regina A (org.). *O restauro de um mural moderno na USP: o afresco de Carlos Magano*. São Paulo: Comissão de Patrimônio Cultural – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (CPC-PRCEU-USP), 2001.



# ETNODESENVOLVIMENTO E DIREITOS CULTURAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

*XAVIER, Nicole Pereira*

Aluna do Bacharelado em Antropologia/UFPEL, bolsista PROBREC/UFPEL

*SILVA, Agnes Martha da*

Aluna do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais/UFPEL, bolsista do PROBEC/UFPEL

*RUBERT, Rosane Aparecida*

Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL, coordenadora.

O projeto de extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas” tem como objetivo estabelecer vínculos entre a Universidade e estas comunidades localizadas na região sul, contribuindo com o desenvolvimento delas a partir de problemas e potencialidades destacados pelas próprias, respeitando seus padrões culturais.

O projeto vem se debruçando, até o momento, sobre o universo de comunidades quilombolas de Piratini e está atuando em parceria com a Pastoral Afro Brasileira e Conselho Para a Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra daquele município. A primeira atividade consistiu em uma reunião com representantes destas organizações para que a equipe tivesse um conhecimento maior da atual realidade das comunidades existentes no município: Rincão do Couro, Rincão do Quilombo, Faxina, Fazenda Cachoeira e Colônia São Manoel.



Figura 1: Fotografia da reunião realizada com Pastoral Afro e CODENE/Piratini

Fonte: Acervo do Projeto, 2014

Tivemos a oportunidade de visitar a comunidade Rincão do Couro, acompanhadas pela coordenadora do projeto e representante do CODENE/Piratini. Esta comunidade está localizada no 5º distrito do município de Piratini, no Rio Grande do Sul e é constituída por 21 famílias que moram afastadas geograficamente uma das outras. A comunidade possui Associação Quilombola devidamente registrada e com CNPJ, e sua sede foi construída com recursos da Cáritas, instituição vin-

culada à igreja católica. Esta sede está passando por ampliação com recursos do Governo Estadual. As áreas ocupadas pelos moradores servem para a criação de ovelhas e também produção de milho e feijão. Os integrantes também participam do fórum da Embrapa de agricultura através da Secretaria de Assistência Social do município, e são assessorados pela EMATER.

Em nossa primeira visita a demanda principal levantada pelo grupo, na qual eles julgam que a equipe pode contribuir, foi sobre o resgate histórico cultural do mesmo. Dúvidas sobre origem, passado e caminho percorrido pelos seus antecessores foram as mais fortes e presentes do início ao fim de nossa primeira reunião. A partir dessa questão pensamos em formas de ressignificação da memória coletiva do grupo através de narrativas, genealogias e pesquisa etnográfica. Outra visita já foi realizada para começarmos a atender esta demanda, na qual dialogamos com membros mais velhos do grupo. Estamos em meio a processo de transcrição e revisão das entrevistas, bem como a elaboração das árvores genealógicas, para então retornarmos para a comunidade, apresentarmos estas informações sistematizadas e darmos prosseguimento às atividades de acordo com rumos que deverão ser traçados pelo próprio grupo.

Penso que seja de grande relevância para os integrantes da comunidade contribuir nesse resgate de histórias e memórias do grupo, pois ajudará a criar vínculos mais fortes com os membros mais novos e ajudará a todos a se apropriarem dessa história, tanto os integrantes da comunidade como a sociedade regional, perante a qual a comunidade almeja ter um maior reconhecimento.

Sabemos, pelos próprios integrantes da comunidade e representantes do CODENE/Piratini, que outras demandas se fazem presentes, como oficinas para geração de renda e resgate de saberes (artesanato em couro e culinária própria, por exemplo). Mas no momento a equipe se direciona para o que foi apontado como demanda prioritária pela própria comunidade: a sistematização da memória em um formato que seja de fácil assimilação pelos seus integrantes.

## Metodologia

Segundo Armani (2000, p. 43), qualquer projeto de intervenção social bem sucedido deve partir de um diagnóstico da situação e realidade sobre a qual se intervêm, o qual deve ser feito da forma mais participati-

va possível, para respeitar tanto as expectativas como os saberes locais. Já Leal e Anjos (1999) chamam a atenção que toda intervenção culturalmente adequada deve respeitar os problemas eleitos como prioritários pelo próprio grupo, assim como sua linguagem e lógicas de pensamento e ação. O diálogo com mediadores locais que já atuam nas comunidades, assim como a reunião da comunidade para realização deste primeiro diagnóstico, bem como para a apresentação da equipe e projeto, teve por objetivo atender a estas diretrizes.

Tendo em vista a principal demanda apresentada pela comunidade, o trabalho vem sendo realizado através do método etnográfico, onde se dá a relação de “observante participante” que consiste em uma técnica atribuída por Malinowski (1976) em que o etnógrafo se insere no mundo do grupo a fim de entender suas motivações, perspectivas, visões de mundo, etc. Também é utilizado o diário de campo para anotações de nossas percepções da comunidade, para registro do que seus integrantes nos apresentam e para gerar reflexão sobre a sua realidade, além da descrição do local, seus problemas e potencialidades para futuras ações de melhoria das condições de vida.

Estamos tentando compreender a constituição da comunidade, ao mesmo tempo, já gerando informações que podem resultar em produtos. A realização de entrevistas parte de visitas à comunidade, geralmente na casa dos integrantes, e são captadas através de um gravador de voz se for de autorização do entrevistado.

As narrativas e os relatos são transcritos fazendo uso do computador, com auxílio de programas para tal tarefa. É realizado fora do ambiente de campo e, futuramente, elas deverão ser sistematizadas, junto com outros materiais, na forma de banners, cartilhas e outros produtos de fácil compreensão e manuseio por parte do grupo.

As árvores genealógicas são construídas no computador, com a ajuda de programas específicos, tendo em vista que poderão ser impressas em formato de banners para apresentação à própria comunidade.

O processo da saída de campo e sistematização de informações é compartilhado por todas as integrantes do projeto. Além de entrevistas abertas, as atividades futuras prevêem uso de outras metodologias qualitativas, como por exemplo grupo focal para elaboração conjunta de produtos.

## Resultados

O projeto está em fase inicial e os resultados obtidos foram coletados a partir de visitas à comunidade quilombola Rincão do Couro (Piratini). Até o momento foram entrevistadas duas pessoas mais velhas, com duração de aproximadamente uma hora cada uma. Ambas as entrevistas já estão transcritas e com base nelas foram montados cinco gráficos genealógicos provisórios, com os quais retornaremos para a comunidade para revisão e complementação. Segue abaixo um deles como exemplo:

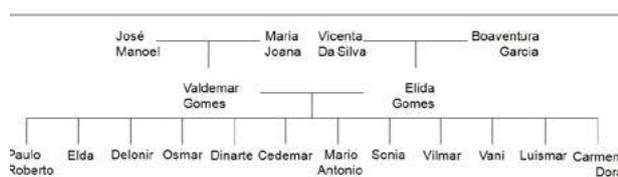


Figura 2: Gráfico genealógico parentela Gomes/Rincão do Couro

Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras a partir de dados fornecidos pelos interlocutores

O grande desafio para a equipe é transformar esses gráficos e dados em produtos em que a comunidade se reconheça, em uma linguagem e formato que seja adequada aos seus integrantes.

A construção de uma sede ampla possibilita à comunidade um espaço de armazenamento e compartilhamento deste material, sem contar que poderão utilizar estes produtos para difundir a sua história junto à escolas, órgãos municipais e regionais responsáveis por políticas públicas, etc.

## Conclusão

O antropólogo José Carlos Gomes dos Anjos (2004, p. 73), ao se debruçar sobre a memória coletiva de outra comunidade quilombola do RS, aponta que

narrativas épicas, genealogias e transmissão de sobrenomes são três esquemas organizadores de memória coletiva que tem o papel de sistema gerador de avaliações quanto aos direitos de sucessão, à definição de pertencimento e à estruturação da condição e das fronteiras de etnicidade.

Esta definição complementa o trabalho desenvolvido, contemplando um dos objetivos específicos do projeto quanto a formação de alternativas para viabi-

lizar recursos para as comunidades. Além disso, proporciona o reconhecimento social da identidade cultural de seus membros, na busca por definir o espaço a que pertencem como um cenário de luta política e conquista de direitos.

Estes mapas revelam parcialmente a organização social da comunidade, o que ajuda a entender os laços consangüíneos e de afinidade que a originam juntamente com os desdobramentos das trajetórias que seus integrantes tiveram ao longo do tempo. Por meio dos mapas é possível a localização de ascendentes do período escravocrata, e o delineamento das alternativas que estes tiveram após a abolição. Estas primeiras entrevistas já nos permitiram perceber que a comunidade se constituiu a partir de alianças matrimoniais entre pessoas que eram do local e outras que viviam em estâncias ou demais comunidades negras das redondezas. Ainda, que no decorrer do tempo, houve um forte êxodo rural e perda de território por parte da comunidade.

O retorno destes dados para a comunidade pode auxiliá-la em processos de reflexão sobre seus projetos e demandas por direitos e políticas públicas que visam efetivá-los.

## Referências

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. Identidade étnica e territorialidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural dos Palmares, 2004. p. 63- 118.
- ARMANI, Domingos. *Como elaborar projetos?: guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- LEAL, Ondina Fachel; ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Cidadania de quem?: possibilidades e limites da Antropologia*. Horizontes Antropológicos, ano 5, n. 10, maio de 1999.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.



# EXPERIMENTOS COM A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA APLICADA À CONSERVAÇÃO E A RESTAURAÇÃO: O CASO DO PROJETO DE EXTENSÃO “CONSERVAÇÃO ICONOGRÁFICA”

*SALABERRY, Jeferson Dutra*

Aluno do Doutorado em Arquitetura PROPAR/UFRGS, técnico em restauro UFPel

*RODRIGUES, Mara Denise Nizolli*

Aluna do Curso de Conservação e Restauro/UFPel, bolsista do PROBEC/UFPel

*SCOLARI, Keli Cristina*

Restauradora UFPel

*BACHETTINI, Andréa Lacerda*

Professora do Departamento de DMCOR/ICH/UFPel, orientadora

*HEIDEN, Roberto*

Professor do DMCOR/ICH/UFPel, coordenador

Este ensaio se insere como parte integrante do projeto de extensão Conservação Iconográfica. O projeto de extensão teve como objetivo principal desenvolver uma sistemática de representação científica dos bens culturais. O projeto também resultou no desenvolvimento de diversos cursos objetivando a capacitação de restauradores para a utilização de ferramentas digitais de representação gráfica. O projeto realizou-se durante o ano de 2013 e está cadastrado sob o código 53008123 na Pró-reitora de Extensão e Cultura (PREC), sendo coordenado pelo Prof. Ms. Roberto Heiden, docente do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da UFPel e pelos cursos de representação gráfica ministrados por Jeferson Salaberry, Técnico em Conservação/Restauro da UFPel. Este ensaio foi desenvolvido com o objetivo principal de ser um texto introdutório aos cursos de representação gráfica, nos quais expõe a justificativa e a importância do desenvolvimento desse campo de estudo aplicado à preservação, à conservação e à restauração.

Este trabalho propõe apresentar e discutir de forma geral os procedimentos de documentação enquanto ferramentas essenciais no processo de conservação e restauração de bens culturais e, de forma específica, a representação gráfica através da ferramenta CAD e a documentação por imagem.

No processo de reconhecimento, documentação, conservação e restauração dos bens culturais, o pesquisador deve estar amparado por registros que possibilitem um maior entendimento sobre o objeto trabalhado, recursos os quais servirão como subsídios para a intervenção cultural, que por sua vez também será útil como fonte histórica primária. (LEÃO, 2013)

O presente paper tem como referencial teórico a conservação iconográfica, disciplina que tem longa história, nascida com a redescoberta das antiguidades durante o Renascimento italiano, desenvolvida até o século XIX através dos antiquários, que estudavam os monumentos, representando-os graficamente e organizando publicações. Ela contribuiu, no final do século XVIII, para a criação da disciplina de História da Arte.

*Conservação Iconográfica:* A conservação iconográfica consiste na representação gráfica dos bens reconhecidos como portadores de valores culturais. O método vem se desenvolvendo dentro da disciplina mais ampla da conservação e restauração, principalmente a partir da primeira metade do século XIX, com os levantamentos precisos e as restaurações de Violet Le-Duc.

A existência da conservação iconográfica se justifica pela impossibilidade de preservar os monumentos do passado em razão da degradação, da falta de políticas públicas de conservação real e/ou do interesse econômico mais forte de substituir os bens culturais, principalmente os monumentos arquitetônicos, continuamente trocados por novos, deixando os objetos e construções antigas de existir. Portanto, é nesse contexto que a conservação iconográfica é extremamente útil, pois através dela preserva-se a informação, da forma mais completa possível, sendo seu conhecimento útil para as futuras construções dos homens, compondo os livros de história da arquitetura ou história da arte.

Para os grandes monumentos nacionais a conservação iconográfica não é tão importante quanto para os pequenos monumentos regionais, pois aqueles têm a sua conservação real garantida, já que governo algum vai deixar ruir os grandes palacetes tombados a nível federal, representativos de uma “identidade nacional”. Por outro lado, muita coisa desaparece diariamente. Como exemplos, podemos citar edificações industriais (Fig. 1), residências, conjuntos de casas operárias e os importantes revestimentos antigos de fachadas e interiores (bens integrados). Muitos bens culturais significativos podem facilmente desaparecer, e são realmente destruídos, sem jamais terem sido conhecidos.

Também é importante destacar que a respeito da história dos bens culturais mais simples, pouca ou nenhuma informação existe. É comum os moradores nada conhecerem sobre as edificações históricas que habitam.



Figura 1: Retificação das fachadas da antiga cervejaria Sul Rio-Grandense

Essa metodologia também é significativa para o estudo das antigas técnicas de construção, como a documentação do “cimento penteado”, revestimento de fachada do início do século XX que dia a dia é substituído. Também significativo é o registro das pinturas murais e das “escaiolas” (Fig. 3 e 4), técnica de revestimento interno de paredes de grande valor estético e desenvolvimento no final do século XIX e início do XX. Ambas as técnicas são um “saber fazer” perdido, não existem mais artesãos com conhecimento necessário para reproduzi-las, por isso a necessidade de conservá-las de forma real, além de documental e iconograficamente. (IRIGON, 2012)

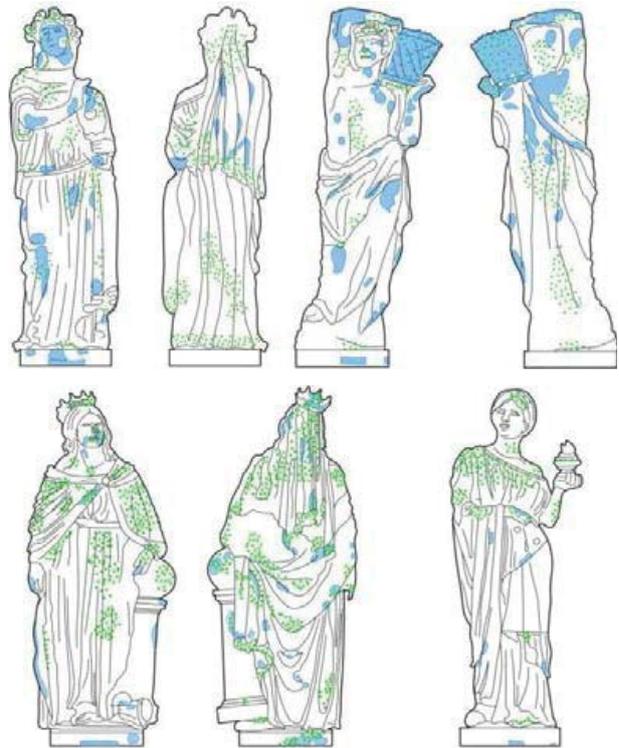


Figura 2: Esculturas em Faiança, “Conjunto Pça. Cel. Pedro Osório”, Pelotas, RS.

Fonte: Elaborado pelos autores

## Metodologia

O trabalho utiliza a metodologia da representação científica dos bens culturais móveis e dos bens integrados à arquitetura, especificamente para as atividades do conservador e restaurador. Para isso, a representação gráfica deve desvincular-se daquela caracterizada pelo desenho de observação e tradicionalmente vinculada à representação artística dos objetos da natureza; também deve se diferenciar do desenho técnico, arquitetônico e industrial, os quais têm como finalidade principal a construção ou produção de uma

obra nova pela indústria. O desenho técnico e arquitetônico é caracterizado por ser uma representação esquemática, que trata de representar elementos repetitivos, diferentemente dos objetos artísticos, que são singulares. É importante destacar que a representação científica deverá tratar dos objetos que já existem, têm importância cultural e exigem, para sua valorização, uma representação digna que restabeleça sua unidade e singularidade, não podendo seu desenho ser esquemático ou simplificado. Não se poderia desenhar representações padronizadas de obras que são diferentes artisticamente e se distinguem também por seu estado de degradação, danos e desgaste através do tempo.

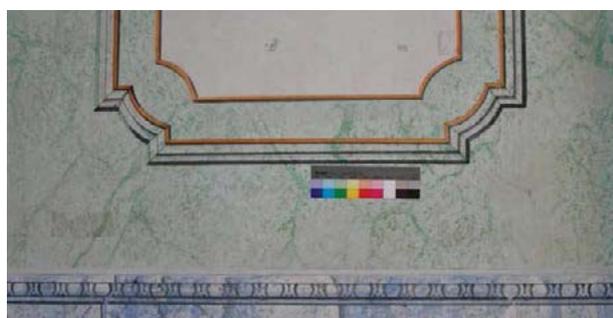


Figura 3: Escaiola do hall superior do Paço Municipal de Pelotas  
Fonte: Acervo do Grupo de Estudo e Pesquisa em Estuques (GEPE/ICH/UFPel)

O desenho técnico e arquitetônico é caracterizado por ser uma representação esquemática, que trata de representar elementos repetitivos, diferentemente dos objetos artísticos, que são singulares. É importante destacar que a representação científica deverá tratar dos objetos que já existem, têm importância cultural e exigem, para sua valorização, uma representação digna que restabeleça sua unidade e singularidade, não podendo seu desenho ser esquemático ou simplificado. Não se poderia desenhar representações padronizadas de obras que são diferentes artisticamente e se distinguem também por seu estado de degradação, danos e desgaste através do tempo.

A representação científica dos bens culturais tem como objetivo principal a representação objetiva, desprovida de qualquer intenção artística, caracterizada por um levantamento métrico preciso. Essa modalidade deve constituir-se como a representação científica dos objetos de arte.

A proposta do ensaio não é simplesmente abandonar o uso das representações esquemáticas e simplificadas, muito úteis para algumas situações específicas, mas não quando necessitamos de uma

representação total, para valorização. A representação técnica tradicional é insuficiente para quantificar problemas diagnosticados ou para propor intervenções de restauro. A representação simplista e parcial deve ser utilizada para fins específicos e, quando utilizada, deve ser evidenciado e justificado o motivo pelo qual não existe uma correspondência entre a obra de arte e a sua representação.

## Conclusão

Os autores do presente trabalho vem desenvolvendo várias atividades técnicas de representação gráfica de bens culturais; ora relacionadas a diversos projetos de pesquisa, ora vinculados a trabalhos dos alunos de graduação e da Pós-Graduação, entre os quais podemos destacar alguns trabalhos: (a) Cristo Crucificado – Igreja Nossa Senhora Auxiliadora; (b) Mobiliário Dourado Museu da Baronesa; (c) Espelhos do Museu da Baronesa; (d) Vasos Faiança Casa 8; (e) Faianças dos Palacetes da Pça. Cel. Pedro Osório.

A metodologia e as ferramentas utilizadas nesta etapa da pesquisa mostraram-se adequadas para o levantamento dos referidos bens culturais. A utilização da tecnologia permitiu a documentação dos bens culturais com eficiência e facilidade, tornando seu emprego viável a laboratórios e entidades de preservação do patrimônio, permitindo a obtenção de vários produtos visando à preservação, como o levantamento cadastral, o diagnóstico, o projeto de intervenção.

## Referências

- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.
- IRIGON, P.; SALABERRY, J. *Representação gráfica dos bens culturais através da ferramenta CAD [recurso eletrônico]* Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2012.
- LEÃO, A. C.; ALMADA, A. N. *Procedimentos para a documentação científica por imagem de bens culturais utilizando luz visível e ajuste cromático: estudo de caso sobre escultura em madeira – Pináculo*. In: 2º Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauração. São João Del Rei, 2013. Anais do 2º Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauração. São João Del Rei: PPGA-EBA-UFMG, p.313 – 321, 2013.

SALABERRY, J. D.; SILVA, A. B. A. *Levantamento Fotogramétrico Digital da Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense* In: 4º SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL, Pelotas, 2010. Anais do IV SIMP: Memória, Patrimônio e Tradição. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPEL, v.1. p.687 – 695, 2010.

# EXPOSIÇÃO E AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA: EM BUSCA A INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE GRUPOS ÉTNICOS DE UMA MESMA REGIÃO

*SOUZA, Eliana Menezes de*

Eliana Menezes de Souza do Bacharelado em Museologia/UFPeI, bolsista PREC/UFPeI

*GONÇALVES, Franciele de Mello*

Franciele de Mello Gonçalves do Curso de Licenciatura em História/UFPeI, bolsista do PREC/UFPeI

*FONSECA, Marlene Mattos da*

Marlene Mattos da Fonseca do Curso de Bacharelado em Museologia/UFPEL, voluntária

*GASTAUD, Carla*

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro,/ICH/UFPeI, orientadora

Este trabalho se desenvolve no Museu da Colônia Francesa situado no 7º distrito da região de Pelotas, na Serra dos Tapes, na localidade denominada Vila Nova. A idéia da criação desse espaço surgiu em 2005, por uma demanda da comunidade local em manter viva a lembrança de lutas, de vitórias, sua própria história.

Desde o início o museu deu relevância ao grupo étnico francês – por sua localização, pelo apoio de descendentes deste grupo étnico, pelas pesquisas realizadas na UFPEL sobre o tema - entretanto, há algum tempo notou-se a necessidade de abrir espaço para outros grupos étnicos da região, - como os italianos ou os negros - Neste sentido, atualmente, o Museu da Colônia Francesa mostra duas novas exposições, em associação à exposição anterior: a primeira intitulada “O Patrimônio Cultural Quilombola” trata de destacar alguns locais que rememoram a história da etnia negra na região, segundo informações dos moradores locais, recolhidas pela pesquisadora Cristiane Bartz de Ávila para sua dissertação de mestrado intitulada “Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS sob orientação da Profª Drª Maria de Fátima Bento Ribeiro. A segunda intitulada “A Memória da Aéropostale”, organizada pela Associação Latecoere sob a coordenação da Profª Mônica Cristina Corrêa, - mostra que Pelotas fazia parte da rota do correio postal aéreo entre a Europa e a América do Sul após a Primeira Guerra Mundial. Ao expor de forma concomitante temas provenientes de diferentes grupos étnicos - o que os atrai ao museu, buscamos promover interação entre eles.

Para fins deste trabalho, acompanhando Betemps, entendemos grupo étnico como “um grupo de indivíduos que compartilham um conjunto de tradições e um sentimento de pertença comuns, que se percebem ou são percebidos por outros como diferentes; e que utilizam simbolicamente traços de sua cultura para se diferenciarem dos outros” (2006, p. 9).

Para complementar essas exposições, planejamos ações educativas que busca integrar o museu ao interesse dos grupos étnicos no que diz respeito a pre-

servação de suas memórias principalmente no que se refere à manifestações culturais por eles valorizadas.

## Metodologia

O primeiro movimento foi perguntar aos moradores do entorno do museu o que gostariam de ver exposto lá. Isto foi feito através da realização de entrevistas abertas, usando a metodologia da história oral. O resultado foi surpreendente: desejavam a integração das etnias naquele espaço cultural registrando assim suas histórias e a importância das mesmas para a região. Foram realizadas dez entrevistas no período de 15 de março a 15 de abril deste ano.

Depois foi feita uma revisão bibliográfica: sobre a formação dos Quilombos na Serra dos Tapes e sua relação com a Colônia Francesa, a partir principalmente dos trabalhos de Leandro Betemps e de Cristiane Bartz de Ávila.

Por último construiu-se a exposição “O Patrimônio Cultural Quilombola” para a qual foram feitos seis banners que enfocam aspectos como a constituição dos quilombos na região, um pouco da história de Manoel Padeiro, vestígios de quilombos, esconderijos no Morro do Quinongongo e o convívio entre as etnias. Esta exposição está junto à sala de ações educativas

A exposição da Aéropostale, foi um trabalho da Prefeitura Municipal de Pelotas e estava no Mercado Público Central, coube a nós a distribuição expográfica dos vinte e dois banners e sua integração à exposição pré-existente.

As ações educativa foram aplicadas para grupos de vinte alunos, sendo realizada uma mediação sobre cada exposição, a observação da fachada do prédio e em seguida aplicado de um jogo de sete erros com a imagem da fachada do prédio, depois disso um labirinto com o mapa da colônia entre casa e museu.

Para finalizar as crianças fizeram um desenho sobre como era visto o negro no passado e como é visto hoje. Esses trabalhos ficaram expostos durante uma semana no museu. Tudo isso fez com que a visitação aumentasse de forma significativa.

Solicitou-se aos alunos que escrevessem (em um livro destinado a esse fim) o que mais gostaram e porque para que a equipe possa avaliar as ações educativas e poder qualificá-las cada vez mais.

## Resultados

No dia seis de julho foram inauguradas as exposições “O Patrimônio Cultural Quilombola” e “Memória da Aéropostale” agregadas à exposição que já existia anteriormente no museu.

Após um evento de inauguração da exposição que marca um novo ciclo do Museu da Colônia Francesa, tiveram início as ações educativas dirigidas às escolas municipais da zona rural do município. A primeira escola recebida no museu foi Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Arthur de Souza Costa da Cascata. Foram desenvolvidas ações educativas voltadas para o patrimônio edificado na forma de jogo dos sete erros da fachada do prédio e de um labirinto com o mapa da colônia – casa/museu- para a valorização da paisagem cultural.

A próxima ação do museu acontecerá no Dia do Patrimônio Cultural, em agosto próximo, com a visita da comunidade Quilombola do Alto do Caixão.

## Conclusão

Esse trabalho visa divulgar a história dos grupos étnicos e integração no 7º distrito de Pelotas, dentro do Museu da Colônia Francesa, por meio de suas exposições e ações educativas, abarcando o patrimônio cultura daquela localidade e mostrando a importância de salvaguardar suas memórias coletivas e a ampliação das mesmas para futuras gerações

## Referências

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304p.

BEUX, A. Franceses no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nação, 1976.

BETEMPS, L.R. Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: Um Estudo sobre os 120 anos da Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS. Pelotas. EDUCAT, 2006.

BETEMPS, L.R. A Colônia Francesa de Pelotas e seus Acervos Culturais: 2009. Dissertação – Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

# EXPOSIÇÃO PINTURAS DECORATIVAS: RESGATANDO TÉCNICAS

*VASCONCELLOS, Maria Alice Mattozo*

Aluna do Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Móveis /ICH/UFPeI

*RODRIGUES, Mara Denise Nizolli*

Aluna do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Móveis/ICH /UFPeI

*SALLABERRY, Jeferson*

Técnico em Restauração ICH/UFPeI

*SCOLARI, Keli Cristina*

Restauradora/ICH/UFPEL;5Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro/ICH/UFPeI

*BACHETTINI, Andréa Lacerda*

Orientadora e Coordenadora do projeto.

Este projeto tem por objetivo apresentar à comunidade e aos alunos do Curso Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis, os resultados de trabalhos práticos realizados dentro da disciplina Introdução à Conservação e Restauração de Pintura Decorativa.

A exposição visa mostrar o resgate de técnicas de pinturas, com ênfase na pintura mural e decorativa das edificações tradicionais da cidade de Pelotas, bem como apresentar os materiais utilizados nestas pinturas.

O projeto acontece desde 2011, quando foram expostos pela primeira vez os trabalhos realizados pelos discentes na antiga sede dos Cursos de Museologia e Conservação e Restauro do ICH/UFPeI, localizado na rua Marechal Floriano, 178, no centro de Pelotas. No ano de 2012 foi realizada novamente a exposição, já no novo prédio, dos Cursos de Museologia e Curso de Conservação e Restauro, localizado na Rua Lobo da Costa, 1877, no centro de Pelotas.

No ano de 2013 a exposição foi incorporada às comemorações alusivas ao “Dia do Patrimônio”, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas. Esta exposição aconteceu na Sala Frederico Trebbi, localizada no hall de entrada da Prefeitura Municipal de Pelotas e teve grande visitação devido ao evento.

Neste ano de 2014, esta acontecendo à exposição que também faz parte da programação oficial do “Dia do Patrimônio” sendo realizada nas dependências do Museu do Doce, localizado na Praça Cel. Pedro Osório, nº8, no bairro centro de Pelotas, a qual foi visitada por mais de 1.500 pessoas, conforme livro de registro da exposição.

As exposições têm como tema o resgate das técnicas pictóricas das antigas edificações da cidade que são uma característica importante do patrimônio cultural desta.

O projeto envolve alunos de vários semestres do Curso de Conservação e Restauro desde o ano de 2011, tendo como coordenadora a professora Andréa Lacerda Bachettini e colaboradores na exposição os técnicos: Jeferson Sallaberry técnico em restauração, Keli Cristina Scolari restauradora, Matheus Cruz museólogo, e as acadêmicas Priscila Pinheiro Lampazzi e Mariana de Araújo Isquierdo responsáveis pela programação visual.

Os conteúdos e vivências das técnicas desenvolvidas dentro da disciplina, assim como, o aprendizado de como eram aplicadas as pinturas murais e as discussões sobre as técnicas empregadas nas paredes como revestimento dos prédios históricos da cidade de Pelotas fazem parte do perfil de profissional que atuará na conservação deste patrimônio.

## Metodologia

A metodologia empregada está baseada na pesquisa bibliográfica sobre as técnicas em pinturas murais e visitas in loco as edificações que apresentam esta tipologia de pintura.

Os alunos reproduzem técnicas e materiais empregados na execução de pinturas decorativas dos casarões da cidade Pelotas, utilizando materiais como madeira, estêncil, esponjas vegetais, pincéis variados, penas, espátula, poliéster transparente, tesoura, paéis, cal hidratada, gesso entre outros.

O tema escolhido para realização da pintura é livre, usando as técnicas estudadas na disciplina.

Conforme Santacruz (2003) a aplicação da pintura decorativa praticamente não tem limites, uma vez que se pode adaptá-la perfeitamente a qualquer superfície. Tudo depende da criatividade de cada pessoa.

O suporte utilizado é a madeira para facilitar a locomoção das peças trabalhadas, uma vez que as verdadeiras pinturas são integradas as edificações e não podem ser transportadas.

As madeiras utilizadas como suporte variam os tamanhos entre 1,85x90cm, 90x60cm e 90x90cm. A preparação do suporte para receber as pinturas decorativas, recebe várias camadas, a primeira, é a encolagem com colas à base de água, após a secagem recebe a segunda camada, chamada de base de preparação, onde é utilizado gesso rápido grosso e aplicando em uma demão no sentido horizontal e uma de mão na vertical. A terceira camada, a base de preparação com gesso sotle, sendo passada três demãos, uma em cada sentido, após a secagem lixa-se a superfície para ter uma camada lisa.

Para a preparação das tintas utiliza-se a hidratação da cal e para a pigmentação o uso do pigmento em pó, sendo uma proporção de 150gr da cal e 3g de pigmento, formando uma massa fina e pastosa. As cores foram escolhidas de acordo com o projeto de cada aluno. São realizados esboços da obra a ser executada, antes de sua aplicação no suporte em madeira.

Após a realização de rascunhos partiu-se para aplicação das pinturas nos suporte em madeira, mostrando técnicas como imitações de pedra, mármore, madeira e ainda a utilização de estêncil, régua e pintura à mão livre.

## Resultados

O trabalho desenvolvido na disciplina de Introdução à Conservação e Restauração de Pintura Decorativa viabiliza que os alunos obtenham conhecimentos dos materiais e técnicas aplicados às pinturas murais. Os resultados das atividades práticas foram concluídos com êxito, os alunos adquirem domínio técnico de execução e aplicação das mais variadas tipologias de pinturas decorativas.

Destaca-se a necessidade de estudos e aprendizados destas técnicas já que são atividades que caíram em desuso e muitas correm o risco de serem esquecidas. Portanto, a disciplina cumpre um papel importante na formação dos alunos para futura atividade como conservadores – restauradores.

Os alunos deverão aplicar seus conhecimentos, de forma ética, respeitando as obras, seus aspectos históricos e estéticos. De forma respeitosa ao patrimônio, são realizadas estas exposições a fim de sensibilizar a comunidade a preservação deste patrimônio que corre risco de ser perdido.

Conforme Brandi (2003) a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível, sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo.

## Conclusão

O projeto Exposição Pinturas Decorativas: Resgatando Técnicas cumpre papel importante na preservação deste patrimônio que fica oculto dentro das edificações inventariadas na cidade de Pelotas, pois apresenta à comunidade em geral o resgate das técnicas e materiais empregados nas pinturas decorativas.

Através das exposições os alunos do Curso de Conservação e Restauo do ICH/UFPel são procurados para realizar consultorias e limpezas nas pinturas decorativas das edificações da cidade.

Mais uma vez a Universidade cumpre o seu papel formador de profissionais qualificados para preservação do patrimônio cultural e mostrando à comunidade

---

a importância da preservação dos bens integrados as edificações, visto que a cidade de Pelotas é caracterizada por esta tipologia de decoração.

## Referências

ALBERTI, Leon Battista. *Da Pintura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

ARENAS, José Fernández. *Introducción a la conservación del patrimonio y técnicas artísticas*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

BRAGA, Márcia Dantas. *Conservação e Restauro: pedra, pintura mural e pintura em tela*. Rio de Janeiro: Ed.Rio, 2003.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia, São Paulo Editorial, 2004.

CALVO, Ana. *Conservación y restauración: Materiales, técnicas e procedimientos*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997.

CENNINI, Cennino. *El Libro del Arte*. Madrid: Ediciones Akal, 1988.

GETTENS, R. J. e STOUT G. L., *Painting Materials A short Encyclopaedia*. New York: Dover, 1966.

MARIANI, Marina. *Decoración Mural Trompe –l’oeil*. Barcelona: Editorial de Vecchi, 1997.

MAYER, Ralph. *Manual do artista – de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORESI, Claudina Maria Dutra. *Tintas e pigmentos*. Ouro Preto: FAOP e Banco Interamericano, s/d.

SANTACRUZ, M<sup>a</sup> Victória López. *Pintura decorativa*. Editorial Estampa, 2003.



# FIGURINISTAS E CENÓGRAFOS: A PROFISSÃO NA CIDADE DE PELOTAS/RS

*FREITAS, Ana Paula de*

Aluna do Curso de Licenciatura em Teatro/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel – Projeto Sala de Figurinos

*MARTINS, Larissa Tavares*

Servidora Técnica Administrativa dos Cursos de Teatro e de Dança/CA/UFPel, orientador/coordenador

A pesquisa – “Figurinistas e Cenógrafos: A profissão na cidade de Pelotas/RS”- surgiu com o interesse do Projeto de Extensão Sala de Figurinos, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, em saber como anda o trabalho dos figurinistas/cenógrafos da cidade de Pelotas/RS: quais seus métodos de trabalho, as facilidades e dificuldades da profissão escolhida e o mais importante, como a cidade de Pelotas e a Universidade Federal de Pelotas recebe esses trabalhadores.

O projeto de Extensão Sala de Figurinos, ligado aos cursos de Teatro e de Dança da Universidade Federal de Pelotas, tem o objetivo de pesquisar e divulgar para a comunidade acadêmica e sociedade interessada, tudo o que tenha relação com a área artística cênica atual, enfocando a construção de cenários e figurinos.

Este estudo justifica-se pela importância de valorizar esta profissão e mostrar para a sociedade a relevância destes especialistas para a área artística e cênica da universidade, cidade e região.

Com esta pesquisa, tem como objetivo, salientar esta manifestação cultural que são as artes cênicas e a construção de figurinos e cenários, mostrando esta expressão ainda com poucos profissionais especializados na área. O teatro e a dança, como manifestações com intensas trocas culturais, devem ser destacados, salientando a necessidade de trajes e cenários para ajudar a compor o espaço. Os figurinos são tão antigos quanto à representação dos homens, e os profissionais acompanham esta história, sempre sendo relevantes e necessários na construção da cena. Segundo Pavis (2007, p. 168), “hoje, na representação, o figurino conquista um lugar muito mais ambicioso; multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos”.

Pretende-se destacar neste estudo os figurinistas e cenógrafos como parte de um setor artístico que deve ser mais valorizado e reconhecido como integrante da sociedade que trabalham. Interessados em criação artística na cidade, precisam estar constantemente em busca de informação e qualificação, pois conforme Pavis (2007), “o figurino está longe de ter dito a sua última palavra e apaixonantes pesquisas indumentárias podem renovar o trabalho cênico.” (PAVIS, 2007, p. 170). Para Rosane Muniz (2004): “Para que o figurinis-

ta tenha consciência do amplo universo no qual pode situar sua criação, um extenso trabalho de pesquisa se faz necessário a cada espetáculo e ao longo de sua formação.” (MUNIZ, 2004. p.33) Com este estudo, procura-se debater as ações desenvolvidas em relação à área artística na universidade, cidade e região, de forma a complementar a formação de estudantes e comunidade em geral, buscando a ampliação deste conhecimento.

## Metodologia

Metodologicamente este estudo iniciado no segundo semestre de 2013, contou com a orientação da coordenadora Larissa Martins e das bolsistas do Projeto Sala de Figurinos, Ana Paula de Freitas e Hirina Renner. Para esta pesquisa em forma de entrevista, foram criadas perguntas diversas que tinham o objetivo de conhecer, em um primeiro momento, oito (8) figurinistas/cenógrafos com maior visibilidade na sua área que atuam e na cidade de Pelotas.

Com a escolha destes profissionais, entrou-se em contato para iniciar a coleta de informações, de forma que algumas das entrevistas foram feitas pessoalmente, mas a maioria acabou ocorrendo via e-mail, sendo uma forma mais prática para os entrevistados. No final desta etapa, apenas sete (7) dos oito (8) escolhidos participaram e responderam as perguntas solicitadas. Os profissionais que concluíram e colaboraram com a pesquisa foram: Barthira Franco; Chico Machado; João Bachilli; Manuela Gastal; Marcelo Silva; Maurício Guidotti; Túlio Óliver.

Todos os participantes aprovaram a pesquisa e a iniciativa de pesquisar sobre esta categoria artística que manifesta-se na cidade de Pelotas. Mesmo que alguns entrevistados não são Pelotenses, foram escolhidos, pois atuam na cidade por um tempo satisfatório.

## Resultados

As perguntas enviadas para os entrevistados abrangem desde sua iniciação na área, até como a cidade de Pelotas influencia em seus trabalhos, buscando identificar como estes profissionais são reconhecidos pela sociedade e a relação com a área artística da cidade. A seguir, foram selecionadas seis (6) das vinte (20) perguntas enviadas aos entrevistados, procurando destacar questões pertinentes para este estudo.

### 1. Qual sua formação técnica e/ou acadêmica?

Esta questão pretendia verificar qual a formação autodidata ou acadêmica dos entrevistados, identificando de que maneira o ensino formal interfere na construção do profissional. Muitos entrevistados, mesmo não tendo começado sua carreira com uma educação formal, foram desenvolvendo com o passar dos anos. Para Marcelo Antônio da Silva, “Desde 1998, sou figurinista autodidata. Sou, desde 2010, licenciado em Artes Visuais”. Conforme Barthira Franco, “sou Tecnólogo em Desenho e Criação de Moda, e bacharelada em Artes Visuais. Sou atriz, diretora, cenógrafa e maquiadora profissional, e me preparo para iniciar a faculdade de Marketing, conhecimento que julgo extremamente importante em nossa área.”, procurando sempre se qualificar. Já Chico Machado, é professor da Universidade Federal de Pelotas e possui doutorado em artes visuais (poéticas visuais).

### 2. Quais as dificuldades encontradas na carreira de figurinista/cenógrafo?

Para Barthira Franco, “Fora dos grandes centros, a dificuldade maior está relacionada à aquisição de materiais necessários para a execução dos trabalhos, uma vez que não há grande variedade em oferta no mercado...”. Já para Túlio Óliver é o “setor financeiro” o grande obstáculo. E para João Bachilli, sendo uma resposta unânime entre todos os entrevistados, a maior dificuldade se concentra nos materiais, “depois que conheci os barracões de escola de samba no Rio de Janeiro é que comecei a criar um conceito de texturas, cores etc...foi a melhor escola que tive e acho que todo artista que trabalha nisso deveria experimentar.” Para Marcelo Silva, a maior dificuldade é “Ter uma remuneração adequada ao trabalho desenvolvido. Não é possível se dedicar em tempo integral ao trabalho de figurinista.”

### 3. Como anda a demanda pelo ramo na cidade de Pelotas?

Entrando em um contexto mais regional, o foco da pergunta se direcionou especialmente para a cidade de Pelotas, onde os entrevistados residem e onde o seu trabalho se concentra mais. Para Maurício Guidotti, “Baixa! Existem várias possibilidades, mas acaba que outros profissionais envolvidos em um espetáculo decidem figurinos sem recorrer à ajuda de um figurinista”. Já para João Bachilli a realidade da cidade é outra, “Pelotas está fraca em todos os sentidos,

sempre escuto dizer de pessoas, inclusive de políticos locais, “o Tholl é a única coisa que temos para nos orgulhar nesta cidade”. Fico triste com esse comentário e discordo. O trabalho que realizamos é 99% para o Tholl e temos em período de carnaval alguns pedidos”. E para Manuela Gastal, a demanda para a sua área vem de outro lado, “...agora está surgindo o interesse dos acadêmicos do design de moda/vestuário na área de figurino e também com o curso de cinema e com os novos grupos de teatro, mas ainda não aconteceu a procura dentro da academia, ou seja, os profissionais de moda não são a primeira opção dos diretores. Acredito que com o tempo, surgirá o interesse”. Para Túlio Óliver, “a demanda se alastra muito. Festas típicas, datas festivas aumentam muito a cada ano. Só saber o que oferecer.”

*4. O que precisa ser melhorado/valorizado na sua profissão na cidade de Pelotas?*

A partir dos prós e contras listados em relação à profissão de cenógrafo e figurinista, perguntamos para cada entrevistado o que deveria ser feito para que sua área de trabalho fosse mais reconhecida. Para Marcelo Antônio da Silva, o reconhecimento deve vir de uma esfera federal, “Espero que a Universidade Federal promova encontros, oferecendo formação nas diversas áreas de apoio ao cenário”.

E para João Bachilli, “Acredito que se houvesse uma união entre as pessoas que trabalham nesta área, que pelo menos se conhecessem, seria um belo passo para o início de uma classe de verdade”. Já para Barthira Franco, “penso que a profissão carece de uma maior divulgação. A população em geral está familiarizada com a figura do estilista, profissional que, aqui em Pelotas, geralmente trabalha como contratado das lojas de tecidos e cria fantasias de carnaval para as tituladas de clubes sociais. Eu mesma, como já mencionei, passei a ser reconhecida fora da cena teatral após assinar trabalhos para os clubes e para o carnaval. Também é preciso que se compreenda que CRIAÇÃO é TRABALHO e precisa ser valorizada como tal. Os clientes, em sua grande maioria, não têm essa compreensão, considerando apenas a execução do projeto como atividade a ser remunerada”. Para Manuela Gastal, é uma profissão que está no início e “aos poucos as coisas vão acontecendo e seremos valorizados logo”.

*5. Como consideras a profissão? Tanto em Pelotas, como em um panorama geral.*

Para Barthira Franco, “Embora em Pelotas (e mesmo no Brasil, numa outra proporção) a profissão não tenha ainda o reconhecimento que merece, é um trabalho extremamente gratificante - e de muita responsabilidade também, uma vez que figurinos e fantasias sempre obtêm grande destaque, por se tratar de um elemento visual que pode, por exemplo, definir um personagem antes mesmo que ele se anuncie... A satisfação de ver o trabalho pronto e ser reconhecido e premiado por suas criações supera os pequenos percalços que porventura venham a surgir”. Já para João Bachilli e Túlio Óliver, as respostas são de um nível sentimental, “Minha paixão. Minha única opção” e “Adoro minha vida. Profissão através do dom”, respectivamente. Manuela Gastal ressalta que “o trabalho do figurinista é bem diferente do trabalho do designer de moda, ou técnico em estilismo ou vestuário, mas nada impede que tu sejas um designer que trabalha com figurino, que é um dos serviços que podem ser prestados pelo designer, mas que precisa de uma série de conhecimentos.”

*6. Já participou de algum evento promovido pela Universidade Federal de Pelotas?*

Marcelo Silva já participou “como figurinista e cenógrafo; exposições de arte coletivas; elementos da arte e pedagogia.” Barthira Franco, “antes mesmo de ser aluna já me envolvia nos eventos da UFPel. Em 2002, dirigi o projeto “Oficinas Teatrais e a Visualidade Estética – o Teatro como Veículo para a Compreensão Estética, do Renascimento a 1930”, sob orientação da professora doutora Ursula Rosa da Silva. Desta parceria, nasceram os espetáculos “Rei Lear – Um Estudo” e “A Mandrágora”, o esquete “O Aviador sem Avião” e a leitura dramática de “Máscaras”, de Menotti Del Picchia, todos sob minha direção, com figurinos criados por mim e confeccionados pelos alunos do ILA (Instituto de Letras e Artes, como era denominado na época) participantes do projeto”. Já outros entrevistados não participam, mas possuem interesse.

## Conclusão

O projeto Sala de Figurinos, iniciado em 2013, tem como objetivo trilhar juntamente com as ações da Universidade Federal de Pelotas, muitas conquistas e realizações. As pesquisas como a apresentada, que

busca trazer a tona os trabalhos dos profissionais que atuam na cidade, tem o intuito de valorizar a profissão e mostrar para o setor acadêmico e comunidade em geral, todas as formas de arte e expressões da sociedade.

A integração da Universidade com a cidade e região é de fundamental relevância para as práticas extensionistas e de pesquisa, ampliando a comunicação entre diferentes setores culturais da sociedade.

## Referências

MUNIZ, Rosane. *Vestindo os nus – o figurino em cena*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

OLIVEIRA, Adriano M. de.; PINTANEL, Elias de O.. *Sobre Teatro na Região de Pelotas: primeira abordagem de pesquisa*. Pelotas: UFPel – GEPPAC, 2014.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SILVA, Marcelo A. da.; MARTINS, Larissa T. Sobre Figurinos e Cenários. In. OLIVEIRA, Adriano M. de.; PINTANEL, Elias de O.. *Sobre Teatro na Região de Pelotas: primeira abordagem de pesquisa*. Pelotas: UFPel – GEPPAC, 2014.

Entrevistas realizadas no segundo semestre de 2013 com: Barthira Franco; Chico Machado; João Barchilli; Manuela Gastal; Marcelo Silva; Maurício Guidotti; Túlio Óliver.

# FOTOTECA MEMÓRIA DA UFPel

## *TAVARES, Carolina da Motta*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

## *PETITO, Thiago Pacheco*

Aluno do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

## *KASTER, Jairo Hardtke*

Aluno do Curso de Conservação e Restauro/UFPel, bolsista do PET Conservação e Restauro/UFPel

## *BORBA, Mirella Moraes de*

Aluno do Curso de Conservação e Restauro/UFPel, bolsista do PET Conservação e Restauro/UFPel

## *MICHELON, Francisca Ferreira*

Professora do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPel, coordenadora.

A Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas surgiu em junho de 2009, com o nome de Arquivo Fotográfico da Universidade Federal de Pelotas. Na época, era um projeto de extensão vinculado ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). Em outubro de 2011, migrou para o Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, mantendo-se como projeto de extensão continuado. Tem como principal função recolher e organizar as coleções fotográficas históricas das unidades de ensino da UFPel, utilizando os princípios da documentação museológica. De tal modo, é um trabalho que associa conhecimentos de museologia e conservação e restauro. Desde seu surgimento vem sendo um trabalho voltado para a extroversão do conhecimento que se gera sobre a trajetória da UFPel, por entender que a história desta instituição é, em partes, a história da cidade. A opção por transformar o arquivo em fototeca foi tomada após o desenvolvimento de um TCC que buscou depreender qual tipologia de guarda de memória estaria mais adequada ao projeto. A compreensão de um escopo inicial foi esclarecido pela aluna que também atuou na fototeca<sup>1</sup>, em seu estudo:

Seja porque a palavra fototeca faz menção à coleção de fotografia, ou seja, porque este termo ainda é neutro de conceitos próprios com relação às ações empregadas, [...] essa nomenclatura é possivelmente ideal para ser utilizada na definição desse novo setor que surge exclusivamente para acervo fotográfico, inserido em museus ou simplesmente para formação de instituições que buscam guardar apenas esta tipologia de acervo, mas que desenvolveram as mesmas práticas museológicas (PADILHA, 2011, p. 54)

Assim, a principal meta deste trabalho é a disponibilização do acervo em mídia eletrônica, através do site do projeto, e por outras formas que possam vir a oportunizar-se. Atualmente a Fototeca tem em seu acervo nove coleções, sendo que três delas encontram-se como arquivo digital de referência, a saber: Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA); Marina de Moraes Pires e Cartas do pintor Leopoldo Gotuzzo. As que se encontram em formato físico são: Ciências Domésticas; Clinéia Campos Langlois; Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel; Laneira Brasileira S.A., ANGLO e Faculdade de Odontologia.

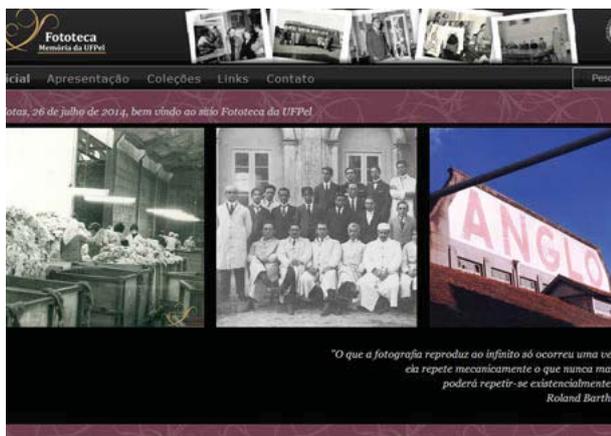


Figura 1: Print Screen do site da Fototeca  
 Fonte: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico>

## Metodologia

Inicialmente a Fototeca desenvolveu pesquisa para identificação dos documentos e fotografias das suas coleções. Esta pesquisa é uma das etapas do processo de sistematização das coleções. Com a inserção de alunos no trabalho<sup>2</sup>, outras pesquisas, decorrentes da sistematização, começaram a ocorrer para responder questões propostas sobre as coleções. A digitalização, o acondicionamento, as formas de disponibilização e organização das coleções constituem os temas que em geral aglutinam tanto a participação do aluno como as possibilidades de contribuição para que o projeto cresça em qualidade.

Os procedimentos regulares como a marcação alfa-numérica dos documentos e fotografias, a elaboração de inventários e os trabalhos de divulgação têm sido investimento contínuo dos bolsistas, que se fundamentam nos princípios do processo de sistematização e acondicionamento de fotografias preconizados pelo conservador português Luis Pavão, e da museóloga Helena Dodd Ferrez. O trabalho dos bolsistas funciona em um sistema que o projeto nominou como “apadrinhamento das coleções”. Assim os bolsistas que trabalharam e atuam hoje na Fototeca Memória da UFPel decidem em qual das coleções iriam trabalhar, continuando assim até o término de execução de todos os procedimentos já listados. Este método permite que o bolsista venha a conhecer profundamente o conjunto escolhido e proporciona, por meio desta imersão, que o aluno desenvolva proximidade, compromisso e conhecimento com esses documentos.

## Resultados

Entre os resultados atingidos pela Fototeca, destacam-se as exposições e pelo site do projeto, a pesquisa sobre as coleções. A Fototeca foi tema para a elaboração de TCC’s (Trabalho de Conclusão de Curso) e dissertações de mestrado<sup>2</sup>. Houve pesquisa sobre as coleções, igualmente, que redundaram na identificação de exemplares. O principal resultado, além da formação do aluno para atuar com coleções de fotografia, é o compromisso que o estudante adquire com a disponibilização. Todo o trabalho é voltado para que as coleções estejam disponíveis, divulgadas e que venham a ser consultadas e utilizadas. Segundo (ROCHA, 2013) foram realizadas algumas ações pela Fototeca Memória da UFPel ao longo de seus cinco anos de existência entre elas “quatro exposições, quatro catálogos, um conjunto de postais e a página na internet”. O resultado mais motivador foi um trabalho relacionado ao programa de extensão “O Museu do Conhecimento para Todos”, que consistiu em combinar os princípios para a descrição de fotografias, empregado na documentação das coleções, com a audiodescrição (AD). A AD é um método de descrição de objetos e cenas voltado para públicos de pessoas com deficiência visual. Neste caso, o método foi adaptado para propor uma audição interpretativa da fotografia, especialmente porque a finalidade era fazer com que a fotografia fosse primeiramente imaginada, para depois ser vista. Com isto, fotografias do acervo foram audiodescritas para serem veiculadas na rádio da UFPel em um programa de audições curtas (entre 4 e 7 minutos) intitulado “Fotografia para Ouvir”. Este programa foi submetido como proposta no Edital de Programação da Rádio Federal FM em dezembro de 2013 e aprovado para produção e apresentação em 2014. Durante a sua primeira edição em junho de 2012 foi feita uma contagem dos acessos ao portal da Fototeca. Os resultados foram tabulados e mostraram o potencial de divulgação que a proposta apresentava. Pretende-se que as novas edições operem como possibilidade de educação para o patrimônio industrial da UFPel, uma vez que as fotos audiodescritas pertencem às coleções Laneira Brasileira S.A. e Anglo, ambas constituídas de fotos sobre as fábricas extintas e que tiveram sua planta industrial adquirida pela Universidade.

## Conclusão

O trabalho que se vem desenvolvendo na Fototeca Memória da UFPel, nestes cinco anos de sua existência, contribui para corroborar a conclusão de que a extensão é o vetor que possibilita a formação integral do aluno, articula ensino e pesquisa e contribui para a construção do conhecimento interdisciplinar. A memória e o patrimônio são campos de conhecimento que só podem ser abordados a partir da intersecção de diferentes modos de tratamento e da confluência de muitos conhecimentos. De tal modo, a sistematização de coleções fotográficas demanda diferentes disciplinas, perfis e níveis de conhecimento. A Fototeca, ao se propor a guardar coleções, acaba fomentando a investigação em diferentes níveis (graduação e pós-graduação) e incentiva o aluno a pensar que sua atuação é resultado do que aprende investigando e aplicando e que a função do que produz é melhorar a sociedade. Assim, para que as coleções efetivamente cumpram chegar à comunidade de forma aberta e com conhecimento, é necessário um trabalho contínuo que articula muitas ações. Neste texto foram descritas ações dirigidas à comunidade: exposições, publicações e programa de rádio. No entanto, o próprio site, da forma como disponibiliza o seu conteúdo, respeita integralmente a proposição de um conhecimento extrovertido, apresentado de modo aberto e sem restrições. No presente, estudam-se formas de registro dos usos deste acervo digital e de como podem esses usos reverter para o incremento da informação disponibilizada.

## Notas

1. O estudo que levou a esta mudança está registrado no trabalho monográfico "Acervo fotográfico em arquivo e museu: um estudo de caso no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora e no Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas", desenvolvido por Renata Cardozo Padilha como trabalho de conclusão do Curso de Museologia, em 2011, sob orientação da professora Francisca Ferreira Michelin.
2. Bolsistas que já atuaram na Fototeca: Adriano Konrath – Bacharelado em Conservação e Restauro; Bernardo Maia de Cerqueira – Bacharelado em Museologia; Chanáisa Melo - Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural; Degli Márcia S. de Quevedo – Bacharelado em Conservação e

Restauro; Fernando de Paula Zamboni – Bacharelado em Canto; Jossana Peil Coelho – Bacharelado em Museologia; José Paulo Siefert Brahm – Bacharelado em Museologia; Júlia Figueiredo Cavallieri - Bacharelado em Conservação e Restauro; Patrick Fernandes de C. Moura – Bacharelado em Design Gráfico; Rosaura Isquierdo Rocha – Bacharelado em Conservação e Restauro; Suélen Neubert – Bacharelado em Conservação e Restauro – Bolsista PET CR. E os atuais bolsistas são: Carolina da Motta Tavares – Bacharelado em Museologia e Thiago Pacheco Petiti – Bacharelado em Museologia, que executaram as funções de documentar e digitalizar as coleções no qual estes procedimentos ainda não foram executados.

3. Foram desenvolvidos quatro trabalhos de conclusão de curso sobre a fototeca, quatro dissertações de mestrado e está em andamento outra dissertação sobre a Coleção Anglo e outros dois TCCs relacionados.

## Referências

- FERREZ, Helena Dodd. *Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática*. Estudos de Museologia. Caderno de Ensaios, n. 2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994.
- PADILHA, Renata Cardozo. *Acervo fotográfico em arquivo e museu: um estudo de caso no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora e no Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas*. Monografia. Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas. 2011.
- PAVÃO, Luis. *Conservação de coleções de fotografias*. Lisboa: Dinalivro, 1997.
- ROCHA, Rosaura Isquierdo. *Procedimentos e reflexões em torno da conservação de fotografias históricas: a coleção Clínica Campos Langlois da Fototeca Memória da UFPel*. 2014. Monografia. Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Moveis. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS.



# IDENTIFICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO FÍSICO E DIGITAL DO CLUBE CULTURAL FICA AHÍ PARA IR DIZENDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*MORALES, Patrícia Fernandes Mathias*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPEL, Bolsista PROBEC/UFPEL

*RUBERT, Rosane Aparecida*

Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL; coordenadora

Comecei a participar do Projeto de Extensão “Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira”, na condição de bolsista em maio de 2014. O projeto tem por finalidade auxiliar na formação de um local de referência da memória e cultura negra na cidade de Pelotas. Este processo vem sendo feito respeitando os marcos das recentes legislações e paradigmas, internacional e nacional, de reconhecimento das manifestações expressivas da diáspora africana; de inclusão social por meio de intercâmbios qualitativos entre centros educacionais e grupos identitários e/ou de sociabilidade; da reconstituição e valorização das memórias e experiências de resistência ao preconceito racial; de preservação do patrimônio material e imaterial dos segmentos afro brasileiros.

Enquanto afrodescendente e aluna do curso de Museologia me interessei pelo projeto por tratar da memória sobre como se formaram e se mantiveram estes Clubes negros no RS, e especialmente, no contexto urbano de Pelotas. É importante dizer que estes espaços de sociabilidade negra estão se organizando em torno de um movimento clubista e reivindicando reconhecimento por parte do estado.

O Clube Cultural Fica Ai para Ir Dizendo, mesmo com todas as dificuldades citadas, desenvolveu nos últimos anos várias atividades sociais e culturais. Dentre elas, destaca-se: almoços, jantares e bailes para associados e convidados; oficinas de capoeira, dança afro, coral, dentre outras; a manutenção da Biblioteca Negra de Pelotas, coordenada pelo Prof. Uruguay Cortazzo, única biblioteca temática no RS tem livros e revistas de abrangência mundial; a realização de Ciclos de Conversa sobre história e cultura negra em geral; a constituição em andamento de um centro de memória e de cultura.

Segundo pesquisa já realizada pelas professoras da área de história da UFPEL, Beatriz A. Loner e Lorena A. Gill (2011), existiram vários Clubes Negros na Cidade: Depois da Chuva (1917), Chove Não Molha (1919), Quem Ri De Nós Tem Paixão (1921), Está Tudo Certo (1931), e o Fica Ahí para ir Dizendo (1921). Destes,

apenas os clubes Fica Ahi e Chove Não Molha permanecem em atividade, por isso a importância de desenvolver atividade de extensão neste tipo de espaço, pois contribui para a reconstituição e preservação da memória da presença negra na cidade.

## Metodologia

As atividades que venho desenvolvendo como bolsista são: transcrições de entrevistas, organização do acervo de documentos digital e físico do Clube.

As entrevistas fazem parte de um dos eixos de ação do projeto que se constitui no mapeamento das manifestações e portadores de saberes da cultura negra de Pelotas e região. São entrevistas abertas com representantes do universo da cultura negra pelotense e, principalmente, com sócios (as) antigos (as) do clube que são portadores de memória. Elas geralmente são realizadas dentro do próprio espaço do clube e com a presença da equipe do projeto (coordenadora, bolsistas e voluntários (as)). Já participei da realização de duas destas entrevistas e estou em processo de transcrição de outra que foi realizada anteriormente à minha entrada no projeto.

Mas o meu foco maior no trabalho tem sido em organizar e tomar providências de conservação do acervo de documentos. O clube possui 545 fichas de sócios que são ou evadidos ou falecidos, que estão sendo organizadas em envelopes individuais, produzidos artesanalmente com cartolina branca, tarefa na qual tenho me envolvido diretamente. Além disso: 11 livros de atas que abarcam o período de 1943 a 1992, sendo que existem lacunas neste período abarcado, o que quer dizer que alguns livros foram extraviados; 2 livros de debutantes; 1 livro de tesouraria (1935-1945); 4 livros de presença (1939-1983); 2 livros de atas do grupo de jovens; 1 livro de controle de sócios; 240 documentos diversos, como convites, informativos, correspondências, etc. A digitalização deste acervo iniciou com intervenção da Universidade Católica de Pelotas, por meio do Ponto de Cultura, e foi continuada pela equipe do projeto de extensão ao qual me encontro vinculada.



Figura 1: registro da fabricação de envelopes e acondicionamento das fichas de sócios falecidos e evadidos / Clube Fica Ahi  
Fonte: Elaborado pelos autores

Além destes documentos que se encontram digitalizados, nos deparamos com muitas pastas de fotografias em um HD externo que tem servido, por parte do clube, como depósito de documentos eletrônicos diversos. Algumas destas fotografias, dizem respeito a períodos históricos passados, ou deixados pelos próprios sócios ou coletados pela equipe de mapeamento de manifestações culturais. Várias outras dizem respeito à história mais recente do clube, quando foram registrados eventos os mais diversos: almoços, bailes (de debutantes, de escolha da rainha, da Consciência Negra, etc.), pagodes, oficinas, ciclos de conversa, reuniões do movimento clubista ou do movimento negro, etc.

A organização destas fotografias, materiais gráficos de divulgação e audiovisuais em pastas e subpastas visa a constituição de um acervo imagético, e futura disponibilização para a comunidade em geral.

## Resultados

Todos os documentos acima citados (fichas de sócios, livros de atas, etc.) foram objeto de levantamento que se encontra em um banco de dados em programa Excel. Neste levantamento consta o que está e o que não está digitalizado, para fins de ações futuras. Estes documentos já fazem parte de um arquivo terciário do clube, mas constata-se que existem vários outros na secretaria com idade de arquivo secundário, e passível, de terceirização, o que irá requerer os mesmos procedimentos.

Todo o esforço, neste momento, está direcionado para o acondicionamento das fichas dos sócios anti-

gos, evadidos ou falecidos.

Em relação à organização do acervo imagético, a pasta fotografia está dividida nas seguintes subpastas, com o respectivo número de imagens: atividades culturais (1.671 imagens); Clubes Sociais Negros (352 imagens); Espaço Físico do Clube (125 imagens); Eventos Políticos (134 imagens); Eventos Sociais Fica Ahi (1.812 imagens); Ponto de Cultura (616 imagens); Reuniões de Trabalho (318 imagens). Estas subpastas estão também subdivididas de acordo com a especificidade dos eventos e datas.

Na Pasta Materiais Gráficos de Divulgação constam 25 itens. E a pasta vídeos está dividida em subpastas: Atividades Culturais (28 itens); Cultura e História Africana e Afro-Brasileira (10 itens); Eventos Políticos (2 itens); Eventos Sociais Fica Ahi (5 itens). Ainda existe um grande número de imagens para serem classificadas e organizadas, sem contar que no processo de mapeamento de manifestações afro brasileiras e portadores de saberes, também há a coleta, para fins de digitalização, de fotografias significativas para os interlocutores, o que significa mais uma fonte de composição do acervo.

Todo este acervo, arquivados do Clube e em processo de organização, possibilita a todos os envolvidos nesta experiência o conhecimento e a valorização e a apropriação de um importante legado cultural transmitido pela comunidade negra pelotense.

## Conclusões

O reconhecimento de novos bens culturais de matriz africana de natureza imaterial e material, veem contribuindo de forma decisiva para a reeducação das relações étnico-raciais, na luta contra qualquer forma de preconceito e discriminação e no fortalecimento da autoestima dos afrodescendentes.

O Projeto vem me proporcionando várias experiências de trabalho, que vem agregando conhecimento na área da Museologia sobre várias maneiras de organização de acervo, pela diversidade de fontes do Clube. Tem permitido desenvolver uma percepção, como estudante de Museologia, sobre o patrimônio imaterial e material desse Clube e sócios, que se exprime por meio da memória, das histórias sobre de como foi o negro depois da abolição se inserir na sociedade pelotense, como lugares onde moram e a formação dos Clubes, da maneira de fabricar determinados objetos para o Carnaval, etc.

O propósito do projeto é que este patrimônio futuramente seja de acesso dos associados e de toda a comunidade em geral.

Como eu pretendo continuar estudando este tema espero estar contribuindo para reconstruir a memória de grupos que foram poucos estudados até agora. As formas de transmissão da memória dentro destes grupos é um tema que pretendo prosseguir explorando. Vejo nos museus a falta de informação ou simplesmente descaso com a história e cultura dos segmentos negros que contribuíram para a formação do estado. Espero ajudar a criar uma maior sensibilidade sobre este tema na área da Museologia.

## Referências

- LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. *Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas*. Estudos Ibero-Americanos, v. 35, n. 1, p.145-162, jan./ jun. 2009.
- NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos, *Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional*. Anos 90, v.15, n. 27, p.233-255, jul. 2008.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. 2011. 228f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.



# MEMÓRIA PARA TODOS: O MEMORIAL DO ANGLO E A MEDIAÇÃO ACESSÍVEL

*SALASAR, Desirée Nobre*

Aluna do Curso de Terapia Ocupacional/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*LEBEDEFF, Tatiana Bolivar*

Professora do Centro de Letras e Comunicação/UFPeI

*CORREA, Celina Maria Britto*

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPEL

*MICHELON, Francisca Ferreira.*

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro/ICH/UFPeI, coordenadora

O Memorial do Anglo, fundado em maio do ano corrente, consiste em um espaço dentro do prédio central do campus Porto da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), onde funcionou o extinto Frigorífico Anglo de Pelotas. O Memorial foi organizado a partir de um programa de extensão, apoiado no Edital ProExt MEC/SESu e desenvolvido no ano de 2012 e 2013, intitulado O Museu do Conhecimento para Todos. Este Programa consiste em um grupo de ações convergentes cujo principal escopo é formar pessoas aptas a defender e aplicar o conceito de museu inclusivo, a pensar soluções para atuar no campo museológico com diferentes públicos. Estas pessoas devem ser motivadas para o trabalho em grupos multidisciplinares, com públicos diversos e recursos inclusivos. Desde o início, o público imediato com o qual o Programa vem trabalhando é a comunidade atendida pela Escola Louis Braille e pelo Centro de Reabilitação Visual Louis Braille. Os dois locais atendem um público formado por pessoas com deficiência visual e pessoas com deficiências múltiplas oriundas de 22 municípios do entorno de Pelotas, sede da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde do Estado. Tanto a Escola como o Centro são voltados para a inclusão social da pessoa com deficiência, finalidade na qual se insere o Programa deste trabalho.

A participação da Escola Louis Braille esteve tanto na proposição da metodologia do trabalho como na avaliação dos métodos e recursos, treinamento de pessoal e confecção de material acessível, a exemplo dos testes de contraste de cor, avaliação do projeto do mobiliário, participação das equipes em eventos promovidos por ambas as partes, entre outros. O trabalho evoluiu em direção à definição de conceitos, sobretudo pela adoção do conceito de Desenho Universal como o princípio de uma metodologia transversal e interdisciplinar para propor soluções de recepção, comunicação e mediação inclusiva. O foco temático destes ambientes memoriais é o patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas. A UFPeI conta hoje com um conjunto de cinco plantas industriais de fábricas extintas, adquiridas pela Universidade ao longo de uma década. Em três destas plantas houve intervenção drástica que sobrepujou os vestígios memoriais pela urgência do uso. Este projeto valoriza tal patrimônio por postular os

princípios contidos na carta de Nizhny Tagil, documento produzido na reunião do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH) em 2003, na Rússia. Nesta carta, afirma-se que “O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”.

Portanto, a ação preservacionista para o patrimônio industrial é, sobretudo, ação voltada para as memórias sociais do trabalho industrial e das pessoas que, em grande parte, tiveram suas vidas determinadas por essas grandes indústrias. Assim, este Programa também zela pelo direito à memória.

No presente, o Programa organizou-se em seis projetos que objetivam montar mais dois espaços memoriais com recursos assistivos, no patrimônio industrial da UFPel. Objetiva-se dar o acesso ao conhecimento técnico-científico-cultural da Universidade, por reconhecer que este acesso é um direito de todas as pessoas e que o museu pode receber todos os públicos. Ressalta-se que o Programa envolve alunos e professores de sete cursos de Bacharelado e de dois programas de pós-graduação. As ações desta proposta resultaram na aplicação dos recursos no Memorial do Anglo. Os recursos de acessibilidade e os conceitos de recepção de pessoas com deficiência foram desenvolvidos com o auxílio das entidades parceiras e receberam assessoria da audiodescritora Josélia Neves, pesquisadora do iACT/Leiria/Portugal.

## Metodologia

A exposição do Memorial contém fotografias que apresentam o resultado de uma pesquisa sobre a trajetória do Frigorífico na cidade de Pelotas, no Uruguai e na Argentina. A fotografia é um suporte de informação essencialmente visual, com características próprias, que se impôs como documento justamente por sua singularidade. Fazer tal informação encontrar ressonância em outros suportes é, portanto, grande desafio.

O Memorial do Anglo foi planejado para ser um espaço inclusivo, contando com recursos de acessibilidade que cumprem diferentes funções: Expositores acessíveis, Maquetes e esquemas táteis, audiodescrição e legendas em braile, além da mediação acessível.

A mediação acessível é feita por alunas do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, que através dos preceitos que regem esta profissão, têm um olhar amplo sobre as pessoas com deficiência e suas potencialidades. Além dos conheci-

mentos teóricos e práticos acerca das deficiências, o Terapeuta Ocupacional, que também atua nos campos sociais, intervém nestes espaços como um agente disseminador de cultura e acessibilidade para pessoas com deficiência, pensando sempre sobre o olhar da acessibilidade atitudinal e comunicacional para estes sujeitos. Se o visitante deseja a mediação, ele poderá requerê-la. Se ela é requerida, faz-se acompanhar da audiodescrição e do acompanhamento para os recursos táteis. Não só o conteúdo da exposição é mediado, mas os recursos assistivos. Deste modo, o visitante, deficiente visual ou não, tem a chance de compreender alguns níveis de significados que poderiam passar despercebidos sem a mediação.

Ao chegar ao Memorial, o visitante é instrumentalizado para a visita. Neste momento são explicados como funcionam os recursos de Audiodescrição (AD), Maquetes e esquemas táteis que serão encontrados.

Após a instrumentalização dos recursos de acessibilidade, o visitante é situado no prédio em que se encontra o Memorial. A descrição do espaço e dos expositores é minuciosa e segue as diretrizes de Audiodescrição prescritas no Brasil.

Ao final da AD de cada foto, a mediadora guia as mãos do visitante sobre a mesma, para que este possa perceber as dimensões de cada uma. Em seguida, a mão do visitante é conduzida até a legenda em braile para que a informação seja reafirmada.

Neste momento o visitante poderá explorar o primeiro expositor, que também é um dos recursos acessíveis do Memorial.

Ainda no primeiro expositor, junto às duas primeiras fotos da exposição, encontra-se a maquete do complexo Anglo, que apresenta a estrutura dos seis prédios e da chaminé.

O complexo é apresentado prédio por prédio, situando o que cada um representa hoje na Universidade Federal de Pelotas. As mãos do visitante percorrem pela extensão da maquete, de forma que, juntamente com a interação do mediador, é possível que a pessoa se situe no prédio onde se encontra o Memorial. Desta forma, ela tem a mesma informação que um vidente, ao entrar no atual Campus Porto da UFPel.

Após as quatro primeiras fotos, o visitante entra na primeira sala do Memorial, onde há o logotipo deste, a sua ficha técnica e história. Estas informações são descritas ao vivo pelo mediador e permitem que durante a intervenção possam ocorrer diálogos entre ele e o visitante. É importante destacar que o Memorial se encontra em um espaço onde ficava uma câmara fria

do frigorífico, e a parede que separa as duas salas da exposição também faz parte do contexto, uma vez que ela encontra-se em uma grande vitrine evidenciando todas suas camadas internas, explicitando visualmente o que está descrito em um dos textos da exposição. Se o mediador não estivesse capacitado para tal posto, e não utilizasse a audiodescrição como recurso de mediação, provavelmente esta informação não seria descrita e muito menos percebida pelas pessoas com deficiência visual que visitam o Memorial.

Ao finalizar as fotos, já na segunda sala, há alguns textos e uma linha do tempo que resume a história da exposição; estes também são descritos ao vivo, utilizando a AD para que as informações visuais da linha do tempo sejam percebidas também.

A visita dura uma hora e quinze minutos, podendo variar de acordo com a interação do visitante com o mediador.

Sempre, após o final da exposição, há uma avaliação qualitativa para a verificação da eficácia dos recursos de acessibilidade ofertados pelo Memorial.

## Resultados

A Audiodescrição (AD), segundo Nóbrega, é uma arte que transforma imagens em palavras. Atuando como uma forma de tradução intersemiótica, ela tem como objetivo principal transmitir as informações visuais em uma descrição objetiva daquilo que está sendo visualizado, para que pessoas com deficiência visual tenham acesso a formatos que são essencialmente visuais.

Este recurso é relativamente novo no país, entretanto vem sendo muito fomentada a pesquisa e a prática nesta área. Mesmo sendo muito eficaz no que tange o acesso universal, a AD não consegue suprir todos os elementos que compõem uma foto artística, fazendo com que alguns percam o impacto ou não sejam percebidos. A perspectiva da foto é um exemplo, pois algumas cenas, nas quais o ponto de fuga cria planos com grande significação visual, perdem o impacto quando descritas. É neste momento em que se encontra o limite da audiodescrição. Percebeu-se, entretanto, que se faz necessário outro recurso para dar conta da informação, por isso o Memorial do Anglo conta também com os esquemas e maquetes táteis e a legenda em braile. O que faz com que a pessoa com deficiência visual consiga, de fato, enxergar a foto que está sendo mostrada é o somatório dos recursos: primeiro ele ouve a audiodescrição da foto, em segui-

da a mediadora conduz a sua mão pelo esquema tátil explicando-o cada detalhe, através do toque, sobre o que ele acabou de ouvir e depois ele tem o acesso à legenda da foto em braile.

Desta forma, o visitante consegue enxergar a foto através dos seus sentidos remanescentes, de forma que a visão não é necessária para o entendimento da exposição.

A ordem em que os recursos são apresentados e a forma com que a mediação é feita são fundamentais para que a informação seja passada com êxito. Portanto é de suma importância a presença do mediador e a sua capacitação nesta área.

## Conclusão

As conclusões que ora se apresentam focam dois aspectos evidenciados na avaliação feita com os visitantes com deficiência visual e com os visitantes videntes. Em ambos os casos, os recursos assistivos aportam elementos significantes para a visita. No entanto, a audiodescrição para o cego é um caminho, enquanto que para o vidente é um excesso. Os videntes que empregaram vendas na primeira visitação informaram diferentes percepções do uso do recurso auditivo, enquanto os cegos compartilharam da mesma avaliação. Cegos e videntes compartilharam da mesma avaliação sobre os esquemas e maquetes. Apenas os cegos usufruíram das legendas em braile. Já o conjunto do ambiente, com cores e iluminação estudadas para baixa visão, foi igualmente bem recebido pelos dois públicos.

Assim, a mediação por ser um recurso flexível, pode se adaptar a ambos os públicos: pessoas com deficiência e videntes, equalizando as necessidades de tal modo que o público demanda a intervenção e determina o limite dela, ou seja, pode solicitar e dispensar o mediador ou restringir ou ampliar sua participação na visitação.

Segundo Sarraf, o vínculo estabelecido pela mediação acessível resulta em um equilíbrio dos sentidos na percepção de mensagens culturais que estão dispostas em exposições. Portanto, o limite do sentido predominantemente visual, é extrapolado mostrando que há possibilidade de traduções para outras perspectivas que utilizem os outros sentidos remanescentes, extinguindo, assim, a premissa de que a visão é essencial para o acesso cultural.

Neste sentido, pensando nas potencialidades dos sujeitos visitantes, as competências sensório-motoras

preservadas juntamente com os recursos de acessibilidade ofertados pelo Memorial do Anglo, entram em sintonia com a sensibilidade do mediador e suas capacidades enquanto audiodescritor e mediador acessível, tornando a visita uma experiência enriquecedora para ambos.

De acordo com as avaliações qualitativas sobre o Memorial do Anglo, feita pelos visitantes, este espaço proporciona a garantia de acesso cultural através das traduções apresentadas, uma vez que a informação, que é passada visualmente pelas fotografias e ambiente, é traduzida para a pessoa com deficiência visual de várias formas que, juntas, esclarecem o entendimento e a compreensão do que está sendo mostrado, tornando assim, possível a visita deste público e o acesso à cultura através da acessibilidade atitudinal e comunicacional.

Desta forma, conclui-se que a mediação acessível torna-se mais eficaz quando se utiliza a audiodescrição, uma vez que nenhuma das informações visuais apresentadas no Memorial são perdidas pelas pessoas com deficiência visual.

Com este estudo, espera-se que os ambientes de disseminação cultural comecem a capacitar os mediadores através de cursos de audiodescrição e fomentação a pesquisas nesta área, lembrando também da importância do conhecimento acerca das deficiências e da acessibilidade atitudinal dos mediadores frente aos visitantes.

## Referências

NÓBREGA, Andreza. A Dança no compasso da Inclusão. In: *Acessibilidade Comunicacional para produções culturais*. Recife : Ed. Do Organizador, 2013.

ORNSTEIN, S.W. (org.). *Desenho universal: caminhos da acessibilidade no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2010.

SARRAF, Viviane Panelli. *Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade*. Dissertação (Mestre em Ciência da Informação), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008.

SARRAF, Viviane Panelli. Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: Inovação no Design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais. In: *Acessibilidade em Ambientes Culturais*. Porto Alegre : Marca Visual, 2012.

## Referências eletrônicas

BRASIL. *Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm) Acesso em: 23 de julho de 2014.

TICCIH; The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagil-Portuguese.pdf>. Acesso em 08 de dezembro 2013.

## “MORRO REDONDO: A TERRA DO PÊSSEGO”: RESULTADOS DAS AÇÕES REALIZADAS PELO PROJETO

*PASSOS, Anderson*

Aluno do Bacharelado em Museologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*INSAURRIAGA, Daiane*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPeI, bolsa PERMANÊNCIA/UFPeI

*RODRIGUES, João Pedro*

Aluno do Bacharelado em Museologia/UFPEL, voluntário

*MESSIAS, Andréa Cunha*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPEL, voluntária

*RIBEIRO, Diego Lemos*

Professor do Curso de Museologia/ICH/UFPeI, coordenador

O Museu Histórico de Morro Redondo promoveu uma série de atividades na ocasião da 12ª Semana dos Museus, data em que também foi comemorado o 26º aniversário da Cidade. As atividades realizadas versaram sobre o tema “Morro Redondo a Terra do Pêssego” e constituíram-se como uma ação complementar ao Projeto de Extensão intitulado “Museu Morro-Redondense: espaços de memórias e identidades”. Deve-se mencionar que este projeto de extensão foi criado em 2009, a partir da formação de uma equipe composta por professores e alunos do Curso de Museologia da UFPeI, atendendo a uma demanda comunitária em torno da organização do Museu dentro dos parâmetros técnicos e científicos da Museologia. Após um período de trabalho da equipe do Projeto, que se iniciou em 2009, a Prefeitura de Morro Redondo municipalizou o Museu em 2011, em consonância com o manifesto interesse da Associação de Amigos da Cultura da Cidade. Para fins de preservação do acervo, e como forma de qualificar suas ações, o Museu foi alocado em um espaço contíguo ao Centro de Eventos da Cidade. Em fins de 2013, após um período inativo, foi dada continuidade ao Projeto de Extensão, momento este em que foi lançada a proposta do Projeto “Morro Redondo a Terra do Pêssego”.

Cumprir mencionar que a região que compreende hoje o município de Morro Redondo, localizada na Serra dos Tapes, emancipou-se do município de Pelotas/RS em 1988. Desde então, a cidade vem atravessando oscilações no que tange à economia, que permanece ainda apoiada na agricultura e na indústria. Sobre a produção industrial de doces, especificamente, observa-se que ainda há um significativo número de indústrias de conserva, que alteram o cenário anteriormente ocupado pela agrícola familiar. Em relevante trabalho realizado por Alcir Bach, sobre o patrimônio industrial rural, o autor enumera as principais indústrias doceiras em atividade na cidade, a saber: Conservas Neumann, de propriedade de Albino Neumann, permanece ativa desde 1956; Conservas Geraldo Bertoldi, ativa desde 1968; e a Fábrica de Indústria de Conservas Simon’s, de propriedade de Martin Simons, ativa desde 1971 (BACH, 2009).

Com base no cenário acima descrito, o Projeto “Morro Redondo a Terra do pêssego” foi concebido

com o objetivo de refletir sobre a produção industrial do doce, em especial de pêssego, e reativar as memórias da comunidade morroredondense sobre este patrimônio da Cidade. Este objetivo geral desdobrou-se em objetivos específicos, abaixo arrazoados:

1. atualizar e potencializar a atual exposição que se encontrava no museu, há dois anos sem significativas modificações;
2. mobilizar a comunidade (moradores e escolas) para a participação cooperativa em torno da exposição temporária sobre a fabricação de doces de pêssego;
3. promover o diálogo entre as gerações antigas e novas da Cidade, através de ação educativa em que são rememoradas as antigas receitas de doces baseadas no pêssego;
4. criar um roteiro de visita que englobe a produção rural do pêssego, da lavoura ao consumo, ativando as potencialidades turísticas da cidade.

Partimos da premissa de que os Museus contemporâneos são irrefutáveis espaços de produção e divulgação de saberes. Ancorados na perspectiva de Hugues de Varine, entendemos o museu como um potente instrumento de comunicação, que “utiliza linguagens, métodos variados, que implicam via de regra a participação dos cidadãos-membros da comunidade” (VARINE-BOHAN, 2000, p.30). Ainda segundo o autor, existem diversas formas de diálogo que podem ser ofertados pelos museus, tais como: exposições sob diversas formas, como permanentes, temporárias e itinerantes; local e itinerário de observação, visita pedagógica e/ou turística; ação econômica sobre o habitat; atividades científicas participativas; utilização de mídias clássicas, como a imprensa, os jornais comunitários, o rádio ou até a televisão; e diferentes modos de animação social, como ateliês, grupos e comissões, encontros e círculos de estudo.

Já Marília Cury, entende que a comunicação museológica só se torna realidade quando o discurso do museu é incorporado pelo visitante e integrado ao seu cotidiano (CURY, 2009). Em complemento disso, a Declaração de Caracas, de 1992, sinaliza que a função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu. Por demais das vezes, no entanto, os museus ainda têm uma abrangência muito limitada em termos de ações cooperativas com a comunidade, permanecendo assim afastada do cotidiano e dos movimentos socioculturais. Nesse sentido, concordamos com este documento quando afirma que o museu deve ser um “espaço de relação dos indivíduos e das comu-

nidades com o seu patrimônio e como elos de integração social [...], permitindo o seu reconhecimento e sua valorização” (Declaração de Caracas, 1992).

Compilando o que fora argumentado anteriormente, verificamos que estas atividades contribuíram para suprir o latente distanciamento entre o Museu e o cotidiano da população da cidade, por tratar de uma temática bastante presente na realidade dos moradores. Em nosso entendimento, foi promovida uma identificação da cidade com o patrimônio que o cerca e o estímulo ao apoderamento dos cidadãos com relação ao seu patrimônio material (edificado) e imaterial (fazeres, costumes e saberes). Por este ângulo, faz-se aqui não somente ao patrimônio industrial, mas toda a significação em torno da produção do doce, que varia da plantação do pêssego, que remete às memórias em torno da produção rural; passando pelo processamento industrial do doce, que remonta aos aspectos econômicos da cidade; até o consumo, em que se trabalha as memórias em torno da família e de receitas feitas pelas gerações passadas e presentes.

Ao diversificar os métodos de comunicação com uma ação integrada – com exposição, roteiro da produção doceira e mesa-redonda –, pretendeu-se cooptar um público mais heterogêneo para o Museu, em especial o público jovem, ao mesmo tempo em que se dinamizou a divulgação do espaço, ainda é desconhecido por muitos. Por fim, o Projeto “Morro Redondo a Terra do Pêssego” incentivou e promoveu uma maior interação com a comunidade, aproximando a sociedade dos seus bens culturais, tendo o Museu como cenário desse encontro.

## Metodologia

Respaldados nas ideias anteriormente mencionadas, o Projeto “Morro Redondo: a terra do pêssego” aglutinou três diferentes atividades complementares: a formulação de uma exposição temporária que enfatizou a produção do doce; a realização de um roteiro turístico/pedagógico com alunos de duas escolas localizadas no município, que envolveu toda a cadeia produtiva do doce (a plantação, a industrialização e o consumo através de visita a um pomar, a uma indústria e ao museu); e uma mesa-redonda em que foram discutidos os seguintes temas: a questão ecológica da produção do pêssego, aspectos relativos à questão agrícola e o potencial turístico da região e o trabalho rural.

## Resultados

A exposição, que ficou aberta entre os dias 6 e 18 de maio, teve uma visitação expressiva, com 566 visitantes que assinaram o livro ao longo da Semana de Museus, próximo a um quarto da visitação total do Museu, conforme demonstra a tabela abaixo:

Visitantes do Museu				
2011	2012	2013	2014	Total
875	348	504	566	2293

Figura 1: Visitantes dos Museus entre os anos de 2011 a 2014  
Fonte: Livro de visitantes do Museu Histórico de Morro Redondo

A ação educativa também foi bem sucedida. No dia 6 de maio, os 46 alunos das Escolas – Estadual Senhor do Bonfim e Municipal Alberto Cunha – saíram de sua rotina escolar e foram levados a uma plantação de pêssego, onde tiveram acesso aos modos de produção da fruta. Logo após visitaram duas indústrias de produção de compotas, onde observaram todas as etapas de industrialização do pêssego. Por fim, terminaram na exposição temporária do Museu, onde puderam observar como essa cadeia produtiva era feita no passado, fazendo-os refletir sobre os patrimônios rural e industrial da região, ontem e hoje. A mesa-redonda, da mesma maneira, teve uma grande receptividade pelo público, na medida em que o tema interessava tanto os produtores rurais quanto os operários das indústrias, do mesmo modo que chamou a atenção daqueles que pensam o turismo rural em Morro Redondo. Os estudos de público apontaram para um notável êxito das ações, que serão realizadas de forma continuadas daqui para frente.

## Conclusões

Com relação à exposição verificou-se que a visitação ocorrida entre os dias 6 a 18 de maio representa 25% de toda a demanda de visitantes que o Museu já teve, desde sua inauguração em 2011. Os resultados obtidos com a ação pedagógica foram surpreendentes pelo fato de, a todo o momento, as crianças falarem com entusiasmo sobre parentes os quais trabalhavam na indústria ou na zona rural, indicando que um dos objetivos basilares foi atingido com sucesso: fomentar a autoestima da comunidade local. A partir desta experiência, pretendese criar um projeto-piloto de ação

educativa que deverá compor a agenda de ações do Museu no futuro próximo. Com relação à mesa-redonda, reitera-se a grande receptividade pelo público, na medida em que o tema interessava tanto os produtores rurais quanto os operários das indústrias.

## Referências

- BACH, Alcir Nei. *O patrimônio industrial rural: as fábricas de compras de pêssego em Pelotas – 1950 à 1970*. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.
- CURY, Marília Xavier. Uma perspectiva teórica e metodológica para a pesquisa de recepção em museus. In: Martha Marandino; Adriana Mortara Almeida; Maria Esther Alvarez Valente. (Org.). *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 153-175.
- ICOM. Declaração de Caracas - 1992. In: *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo – Documentos e Depoimentos*. São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995.
- VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. In: POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Museologia Social*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, UE, 2000.



# MUSEU DO DOCE: O COMEÇO DE UMA TRAJETÓRIA

*COELHO, Jossana Peil*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPel, voluntária

*CHAVES, Rafael Teixeira*

Aluno do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista

*FREITAS, Roberta da Silva*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista

*YUNG, Yuri*

Aluno do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista

*LEAL, Noris Mara Pacheco Martins*

Professora do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro/UFPel, Orientadora

O Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas, localizado no Casarão de número 8, Praça Coronel Pedro Osório, na cidade de Pelotas vem responder ao anseio da comunidade para representar uma tradição doceira existente em Pelotas e região.

Tem como missão pesquisar e comunicar o saber fazer dos doces finos e dos doces coloniais, bem como, as influências de várias etnias encontradas na região, que contribuem para o enriquecimento e a particularidade dos doces tradicionais de Pelotas.

Em 2000, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) definiu, através do Decreto 3.551/00, uma metodologia chamada Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), que tem como objetivo identificar, documentar e registrar esses bens patrimoniais. Para tal registro, foram criados quatro livros: o das Celebrações; o das Formas de Expressão; o dos Lugares e o dos Saberes (FERREIRA, 2008).

A Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas (CDL), com a parceria da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (SeCult) e do IPHAN, foi a proponente do INRC – Produção de doces tradicionais pelotenses. A execução do Inventário, aprovado em edital em 2005, foi iniciada em 2006, financiada pela Unesco e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, por meio do Programa Monumenta. A realização do estudo coube a uma equipe multidisciplinar, formada por antropólogos, historiadores e arqueólogos, vinculada ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (Lepaarq/UFPel), com a missão de aplicar a metodologia do IPHAN, no escopo de registrar e identificar as tradições doceiras. (CERQUEIRA et al, 2007).

O Museu do Doce está sob a responsabilidade do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, e tem por missão salvaguardar os saberes e fazeres da tradição doceira de Pelotas e região, bem como, a pesquisa e comunicação desse patrimônio.

## Metodologia

Nos dias 17, 18 e 19 de maio de 2013, o museu abriu suas portas pela primeira vez ao público mesmo ainda não tendo sua exposição permanente, mas com o intuito de promovê-lo e também apresentar o Casarão 8 à comunidade pelotense e visitantes depois de ter ficado muitos anos fechado e passado por um lon-

go processo de restauro. As visitas foram monitoradas por acadêmicos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro, os quais participaram de um curso de formação ministrado por mestrands, professores e técnicos administrativos da Universidade que possuíam pesquisa sobre os diferentes temas relacionados à casa. O curso foi elaborado de forma a qualificar os alunos com informações referentes à história da edificação, da família Antunes Maciel (primeiros residentes do casarão 8), técnicas arquitetônicas e instruções sobre a implantação do museu.

## Resultados

O Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas, tendo sua existência devidamente legalizada como Instituição e de posse de seu regimento, enquanto tem seu projeto de exposição permanente sendo elaborado, entende por bem não privar a população de desfrutar de tantos benefícios que um museu pode oferecer. E também de comunica-lo, como foi feito através das visitas mediadas. Em pouco tempo de existência e um ano de atividades, o Museu do Doce prova que as atividades e o compromisso com a sociedade vão muito além do que é oferecido na exposição, sem de maneira alguma desmerecê-la, reconhecendo nela a maior ferramenta de comunicação entre Museu e sociedade.

O museu também recebe visitantes de escolas da cidade e região, previamente agendadas, para visitas com monitorias.

A população se fez intensamente presente nos três dias em que a casa esteve aberta. Devido ao sucesso desta primeira experiência, as visitas ao museu passaram a fazer parte do calendário cultural da cidade, abrindo suas portas em algumas datas especiais. Como por exemplo, a Feira Nacional do Doce (Fenadoce - junho) e o primeiro Dia do Patrimônio de Pelotas agosto.

No dia 31 de outubro de 2013 e a partir do primeiro dia da Feira do Livro de Pelotas, a da Livraria da UFPel, e também de um Café passam a funcionar na sede do Museu, assim os visitantes ganham um espaço de convivência. Nesta data também se dá início a uma diversificada programação cultural, o museu começa a ceder seu espaço físico a exposições de arte, apresentações de teatro, musicais, contos literários e também a eventos de extensão e cultura como, por exemplo, a Semana dos Museus.

Conforme demonstra o Gráfico 1, desde o momento de sua abertura, o museu recebeu aproximadamente

4.800 visitas de pessoas de diversas localidades brasileiras e até de outros países, mas infelizmente, este número não reflete o número real de visitantes, tendo em vista que, nem todo visitante assina o livro, o que foi constatado em dias de grande movimento, como no Dia do Patrimônio.

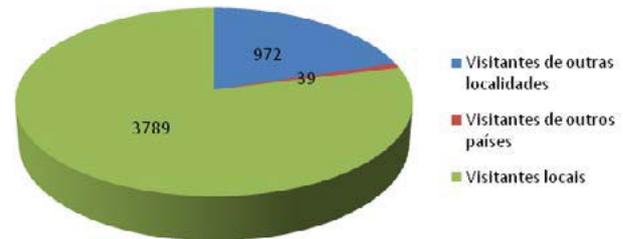


Figura 1: Total de visitantes no Museu do Doce  
Fonte: Livro de visitas

## Conclusão

Em um ano de portas abertas, o Museu do Doce prova que está a serviço da comunidade, e que o compromisso com a sociedade vai muito além do que é oferecido com uma exposição, enquanto se torna cenário de diversas atividades culturais, sem de maneira alguma desmerecer nenhuma atividade museológica, apesar de reconhecer que a exposição é uma importante ferramenta de comunicação entre museu e sociedade.

O museu ficou aberto no período de maio a outubro apenas em um final de semana por mês, a partir de outubro a instituição passou a abrir todos os dias.

Desde o momento de sua abertura, teve em torno de 4800 assinaturas no livro de visitas, um ano de atividades o mostrou interesse de que a comunidade possui em conhecer, mais profundamente o seu patrimônio cultural (Figura 2).



Figura 2: Mediação para alunos do Colégio Militar Tiradentes, de Pelotas.

Fonte: Acervo do Museu do Doce, 2013

---

## Referências

CERQUEIRA, Fábio Vergara et al. *Inventário nacional de referências culturais: produção de doces tradicionais pelotenses*. In: Congresso Internacional Cultura y Desarrollo en Defensa de la Diversidad Cultural, 5., 2007.Habana. Anais Habana, 2007.

## Referências Eletrônicas

OLIVEIRA, Caroline Dias de; COELHO, Jossana Peil; MOURA, Rochele Valente; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. *Museu do doce: as ações de mediação*. Disponível em: <[http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/SA\\_02127.pdf](http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/SA_02127.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2014.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fábio Vergara; RIETH, Flávia Maria da Silva. *O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação*. MÉTIS: História & Cultura, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 91113, jan./jun. 2008 Disponível em : <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/696/502>> . Acesso em: 25 jun. 2014.



# MUSEU GRUPPELLI: PROJETOS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

*CASANOVA, Letícia Couto*

Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

*SILVA, Mariana Boujadi Mariano de*

Aluna do Curso de Bacharelado em Museologia/UFPeL

*RIBEIRO, Diego Lemos*

Professor do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro ICH/UFPeL, orientador e coordenador do projeto

Esse trabalho tem por objetivo mostrar as ações educativas que vêm sendo pensadas no Museu Gruppelli. Primeiramente será contextualizado o referido museu, seu espaço expositivo, e em seguida será explicitada as atividades educativas que serão colocadas em ação na instituição.

O Museu Gruppelli fica localizado no 7º distrito da cidade de Pelotas, e foi inaugurado em outubro de 1998, por iniciativa da comunidade local. O acervo do Museu foi reunido através da coleta e doações feitas por moradores da região, capitaneados pela família, cujo objetivo era reunir referências do patrimônio rural que fossem significativas para a população circunvizinha. O contato com a comunidade local sempre foi mediado pela família Gruppelli, mas com uma visão comunitária aglutinadora.

Em 2008, no 10º aniversário do Museu, a comunidade observou a necessidade de revitalizar o espaço museal. Percebeu-se que, se por um lado havia uma acentuada percepção do potencial patrimonial do espaço, por outro o Museu padecia pela ausência de um olhar técnico-científico. Em outros termos, havia uma tácita percepção de que o Museu não havia amadurecido em termos de ações museológicas, apesar de sua significância para as memórias locais.

A comunidade, então, solicitou o apoio técnico à Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do Curso de Bacharelado em Museologia, objetivando uma melhor manutenção e gerenciamento das coleções. Foi neste contexto, levando em consideração a importância patrimonial e turística do sítio, que surge o Projeto “Revitalização do Museu Gruppelli”. O projeto nasce com o objetivo de modificar as condições ambientais da antiga adega onde se encontra o museu, reconfigurar a expografia e implantar um novo sistema de documentação. Quando a Universidade chegou ao Museu encontrou um ambiente muito parecido com os “gabinetes de curiosidades”, onde os objetos estavam expostos com intuito de ressaltar o belo, o curioso, em detrimento do esvaziamento de significados que estavam potencialmente nos objetos. Vislumbrou-se então a necessidade de recuperar as memórias daquelas referências patrimoniais que estavam esmaecendo com o passar do tempo. O caminho seguido para evocar estas memórias foi a abertura ao diálogo com a comunidade local – que ocorreu em todos os momentos dessa intervenção museológica.

Dessa forma, pode-se considerar que o Museu Gruppelli aproxima-se intimamente da chamada Museologia Social, conceito este que “traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea”. (Moutinho, 1993, p.7)

## Metodologia

No atual momento, há diversas atividades e projetos sendo pensados e elaborados cotidianamente, sempre almejando uma melhor relação dialógica com os visitantes. Em termos metodológicos, a dinâmica das ações parte do trabalho em equipe, conforme o que é decidido em reuniões semanais – onde são discutidos e traçados os respectivos objetivos e metas a serem atingidas –, sem alhear-nos do objetivo geral e norteador de todo o projeto: a aproximação do espaço museal com o público. O primeiro projeto, que já está em prática, é uma conciliação do cotidiano do museu com o do público através das redes sociais. Em termos práticos, ocorre da seguinte maneira: o visitante após conhecer o museu e seus núcleos, seleciona um espaço, a partir de suas preferências pessoais, e saca uma fotografia, que é submetida ao álbum virtual do museu na rede social Facebook. Dessa forma, os visitantes são adicionados para tornarem-se “amigos do Museu Gruppelli” e acompanhar todas as novidades, inclusive, têm acesso a sua foto, que fica permanentemente gravada no espaço virtual do museu.

Como ação complementar, implementou-se o projeto do painel “O Museu Pelos Olhos Do Público” onde os visitantes têm a possibilidade de fotografar o núcleo ou o objeto que mais despertou seu interesse, visando a subjetividade do olhar do visitante sobre o espaço museal.

O projeto mais recente, o “Museu e As Crianças”, busca compreender quais as conexões e relações criadas pelo público infantil ao adentrar o museu e observar seus espaços e acervos. Como este ainda está em fase inicial, ainda não há resultados concretos da ação.

## Resultados

Com o estabelecimento do projeto de extensão foram realizadas algumas melhorias no espaço expositivo, tais como a divisão do espaço em núcleos temáticos, melhorias na iluminação, legendas explicativas dos espaços expositivos, sonorização ambiente. Após

essas atividades começou-se a pensar em exposições temporárias que viriam a compor o discurso central e até o momento foram realizadas duas.

Com a concretização dessas exposições, certamente o melhor resultado obtido foi o fortalecimento do elo identitário do museu com a comunidade. É importante enfatizar, igualmente, a importância que teve o apoio dos atores locais para a reconfiguração dos núcleos temáticos.

Atualmente a equipe do Museu vem desenvolvendo a implantação de uma ação educativa tendo como objetivo a interação do público com o acervo. De acordo com o glossário da Revista Museu, Ações Educativas são:

“Procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada (...) para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca.” (REVISTA MUSEU, 2014.)

Cada um dos projetos educacionais discutidos e implantados visam, de uma forma geral, contribuir para que a experiência da visita seja sempre o mais agradável possível, bem como aproximar o público da instituição e promover a reflexão acerca dos temas investigados e expostos pelo Museu Gruppelli.

Como comentado anteriormente, tem-se, no momento, o projeto que contempla a inserção de fotografias de visitantes junto aos núcleos ou objetos do museu que mais os agradem, que ficam registradas na mídia virtual Facebook. Esta ação tem como objetivo ampliar a divulgação do museu na internet, averiguar quais são os espaços mais atrativos para o público e promover posteriormente ações específicas para cada um deles. Complementarmente é possível fidelizar os visitantes, fazendo do Museu um espaço presente em seu cotidiano. Já podemos observar como resultado os inúmeros comentários dos visitantes acerca das fotos e o crescente número de amigos do Museu Gruppelli na rede social.

A segunda proposta comentada refere-se ao painel “O Museu Pelos Olhos Do Público”, que se trata de uma tábua onde é possível fixar as fotos tiradas pelo

visitante, de modo que os mesmos recriem os espaços do museu de acordo com a sua ótica. O objetivo dessa ação é agir como mediadora entre o acervo e os visitantes possibilitando à equipe do museu avaliar as preferências do público e perceber como as pessoas se apropriam subjetivamente das coleções e dos núcleos temáticos do Museu. No momento atual as primeiras fotografias já foram tiradas pelos visitantes, e em breve o primeiro painel será montado pelo público.

Outra atividade que está sendo desenvolvida pelo Museu Gruppelli é direcionada as crianças, pois através de nossas observações cotidianas, notamos que o público infantil tem um forte interesse no Gruppelli, permanecendo por um período consideravelmente longo dentro do museu. O projeto denominado “Museu e As Crianças” busca compreender as relações e conexões elaboradas pelo consciente infantil.

Nessa atividade é sugerido que através de desenhos, conversas, perguntas e brincadeiras informais, as crianças possam se abrir aos monitores e compartilhar esse universo de pensamentos e sentimentos que desenrolam em seu cognitivo de forma que possibilite à equipe entender como tornar o museu um espaço ainda mais atrativo para elas.

Esse projeto já gerou resultados interessantes. Por exemplo, uma menina de no máximo 7 anos de idade que visitou o museu explicou corretamente ao pai como funcionava o uso da foice no trabalho rural. Tanto a equipe quanto o pai nos interessamos em perguntar como ela havia tomado conhecimento dessa utilização, e, para a nossa surpresa, ela nos contou sobre um jogo de computador em que ela lidava com o trabalho cotidiano de uma fazenda.

## Conclusão

Atualmente o Museu Gruppelli busca se aproximar daquilo que se intitula como Museologia Social e procura estimular a participação ativa dos moradores da comunidade Gruppelli e do público na gestão do patrimônio rural. Considera, igualmente, os projetos e ações de cunho educativo como um mecanismo fundamental para a construção de um diálogo e, ao mesmo tempo, fomentador dessa participação comunitária.

Como fora exposto, os projetos estão em fase embrionária, e seus resultados iniciais indicam um primeiro passo para alcançar o que se pretende. De toda a sorte, já é possível notar uma maior aproximação

com o público, e, da parte de equipe, um estímulo à compreensão de como o espaço expositivo é visto pelos visitantes. No futuro próximo será possivelmente promover mudanças e adaptações, e em resposta almejamos tornar o Museu Gruppelli mais conhecido e visitado pela sociedade em geral.

Com o andamento e desenvolvimento das atividades e projetos será possível ter considerações mais concretas sobre os resultados alcançados. Ações educativas são atividades que são melhores avaliadas após a sua execução e, por conseguinte repensadas a partir da experiência. O que se pode concluir no momento é a efetiva preocupação da equipe no que diz respeito a dar início à realização de ações educativas para o patrimônio.

## Referências

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. GASTAUD, Carla Rodrigues. RIBEIRO, Diego Lemos. *Revista Museologia e Patrimônio: Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural*. Revista Eletrônica do Programa de Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, vol. 6, no 1 – 2013

MOUTINHO, Mário Canova. *Sobre o Conceito de Museologia Social*. Cadernos de Museologia, n 1, 1993.

## Referências eletrônicas

AÇÃO EDUCATIVA. In: *Glossário da Revista Museu, edição brasileira*. Disponível em: <http://www.revista-museu.com.br/glossario/glos.asp> acesso em 30 de maio de 2014.



# NOITE DOS TAMBORES – ENCONTRO DE PERCUSSIONISTAS: EXPLANAÇÕES SOBRE AS FACETAS DA PERCUSSÃO

*MESQUITA, Gabriela Gonçalves de*

Aluna da Licenciatura em Música/UFPel, bolsista PRO-BEC/UFPel

*ROZZINI, José Everton*

Professor do Departamento de Música CA/UFPel, orientador-coordenador.

No ano de 2013 a Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas recebeu em seu corpo docente um novo mestre, que com um de seus instrumentos de trabalho, os tambores, apresentou para a comunidade acadêmica do curso outra vertente da Educação Musical. Com sua entrada, inseriu a Percussão nas atividades curriculares, área esta que até então não tínhamos a possibilidade de explorar, pois não havia subsídios para o desenvolvimento de tais atividades. A partir do ingresso do Professor José Everton Rozzini, nasce o Programa de Extensão em Percussão da Universidade Federal de Pelotas – P.E.P.E.U. - que se destaca como pioneiro no Centro de Artes da UFPel e na cidade de Pelotas. Seu principal objetivo é criar um elo entre a comunidade acadêmica e a cultura popular, a qual vem regada de personagens marcantes que estabelecem certa identidade local, contando a história da cidade através dos tambores, a fim de valorizar ainda mais a riqueza desta combinação.

Dentre as diversas atividades propostas pelo Programa, esta escrita se detém em relatar e refletir simultaneamente sobre as duas edições ocorridas na cidade de Pelotas da intervenção chamada “Noite dos Tambores – Encontro de Percussionistas”, atividade vinculada ao P.E.P.E.U. que conta com a associação e parceria de outros dois mestres em percussão, o Prof. Luiz Jakka e o Prof. Eduardo Pacheco. A Noite dos Tambores é igualmente realizada em outras cidades do Rio Grande do Sul como Bagé, Porto Alegre, Santa Maria e Caxias do Sul. Os locais onde acontecem os encontros são alguns ambientes informais das cidades, como bares previamente selecionados e previstos, assim como na própria Universidade. O público alvo se concentra na comunidade acadêmica dos cursos de música juntamente com percussionistas, ritmistas e instrumentistas que atuam na cidade onde ocorre.

Os encontros têm por objetivo a troca de experiência provocada pela prática instrumental em conjunto entre os participantes e o diálogo sobre os seus fazeres musicais. Busca assim investigar as contribuições entre os conhecimentos produzidos na conjunção entre o fazer musical orientado e o saber que vem da rua, através dos filhos desses espaços não formais, onde também ocorrem processos significativos de ensino e

aprendizagem. A relevância que advém deste trabalho, além de estar localizada em aspectos da inter-relação entre a Educação Musical e a Cultura Popular, que se estabelecem no Encontro e a produção de conhecimento coletivo, dada essa inter-relação, é tomado ainda como eixo de disseminação da cultura popular local, questão que pretende valorizar os saberes vindouros das vivências urbanas, sejam elas na escola de samba, nas batucadas de terreiro, nas esquinas de blues e bolero e na própria comunidade em que se situam, ocasionando ainda o fenômeno de transmissão oral de dados históricos em relação à cultura popular das localidades, através desses protagonistas.

## Metodologia

A ideia do encontro em si é a Roda de Tambores, onde cada participante com seu instrumento torna-se parte do fenômeno que está para acontecer. Não se segue necessariamente um roteiro e não buscamos um produto final, assim como nesta escrita. O desejo aqui é percorrer o processo, o fenômeno e o que dele e nele é produzido. Como participante ativa, observo, faço parte da experiência e atuo enquanto musicista e pesquisadora.

A Noite dos Tambores foi uma das primeiras ações realizadas pelo Programa de Extensão em Percussão da UFPel. Sua primeira edição na cidade foi em novembro de 2013 e teve como local de acontecimento o Bar Porto do Chopp localizado próximo a Universidade, o qual contou com a presença de uma média de 25 músicos. O segundo encontro fez parte da programação da I Semana Percussiva da UFPel, em fevereiro de 2014, realizado no Auditório do Centro de Artes da Universidade, onde recebeu cerca de 40 músicos e convidados. Ambas as noites foram repletas de percussionistas e instrumentistas, entre eles alunos do Curso de Música tanto da Licenciatura quanto do Bacharelado e os músicos convidados que atuam em diferentes atmosferas musicais da cidade, vindos da comunidade pelotense. Os encontros contaram com a mediação dos Profs. Eduardo Pacheco, Luiz Jakka e José Everton.

Iniciamos quando alguém propõe um motivo rítmico que vai se organizando e invadindo as percepções atentas, logo os acompanhamentos começam a surgir. O que conduz à rítmica é aquilo que é sentido no momento da experiência, e a produção de sentidos advindos desta própria experiência, como nos faz refletir o autor Jorge Larrosa "(...), a saber, pensar a educação

a partir do par experiência/sentido" (BONDÍA, 2002).

Nosso contato inicial é expressamente musical, proporcionando a cada um que assim desejar, já de início, se apresentar em alguns compassos de improviso. O elo e a comunicação entre as partes vão se estabelecendo na conversa entre os instrumentos e o vínculo primordial se dá tornando o grupo uma unidade. As dinâmicas se modificam conforme o andamento, o que demanda uma conscientização do fenômeno de produção coletiva, sugerindo que parte da nossa atenção se volte para os detalhes de silêncio e de escuta dos demais, aspectos fundamentais para a prática grupal. Atenção ao próprio corpo e àquilo que está sendo transformado na mudança de motivos pelo coletivo, o respeito ao espaço que se torna sagrado.

Após o diálogo instrumental inicial, um dos mediadores intercede e envolve todos com uma de suas histórias, que repleta de informações curiosas para alguns e interessantes para todos, vai conduzindo o espaço de construção do conhecimento. Em meio ao bate papo que se transforma em um campo de trabalho, através dos participantes, ocorrem inserções sobre a história de certos instrumentos de percussão, acompanhadas de realces da Etnomusicologia. Sua tarefa etnográfica, conforme nos afirma QUEIRÓZ (2010), além de contemplar questões relacionadas ao ensino e aprendizagem, têm como foco ainda outras facetas da música, tais como estruturas sonoras, processos de composição, execução e performance.

A referida área de pesquisa atribui sua importância ao significado que a música representa às pessoas que vivenciam, praticam e lhes conferem o devido valor, levando em conta que "cada povo tem seu próprio sistema musical, o qual reflete e expressa os valores fundamentais e as estruturas culturais de sua sociedade" (NETTL, 1992 apud QUEIRÓZ, 2010). Com isso podemos pensar sobre as importantes contribuições de certos povos em relação à valorização, construção, adaptação e significados delegados à música e a própria cultura do povo. Nesse sentido, diferentes indivíduos que faziam parte do Encontro, começam a manifestar suas experiências trazendo no discurso singularidades específicas de seus mundos musicais, terminologia compreendida por Finnegan e citada por Margareth Arroyo (2002):

distintos não apenas por seus estilos diferentes, mas também por outras convenções sociais: as pessoas que tomam parte deles, seus valores, suas compreensões e práticas compartilhadas,

modos de produção e distribuição, e a organização social de suas atividades musicais.

Porém, sem limitar o conceito de *Mundos Musicais* a uma definição dura e “fechada em si mesmo” como define a autora, a mesma complementa a citação com outra de Finnegan (1989) considerando que:

A maneira complexa na qual os mundos se interpenetram e têm ligações externas à localidade conduz a uma reconsideração do conceito de “musical world” como rota para se compreender a prática da música local.

Isto indica que, o que define determinadas práticas não as impedem de transformar-se, quando interpelada por outros mundos musicais. Ainda que este atravessamento interfira à priori os modos de fazer individual de cada personagem, posteriormente tendem a se tornar parte da estrutura do pensamento, perfazendo os ambientes das suas práticas, sejam eles no que diz respeito às práticas coletivas, as técnicas apreendidas e empregadas, e em especial às distintas e diversas maneiras de ampliar e compreender os processos de ensino e aprendizagem. Estas questões implicam diretamente na constituição docente, por proporcionar ao sujeito em formação uma reflexão mais abrangente em relação aos modos de ser e de fazer de cada um e dos diversos sistemas que cada costume propõe. Tal aproximação demanda a autorreflexão dos seus modos de atuar e ressignificar o próprio aprendizado. Antônio Nóvoa em uma entrevista concedida à *Revista Nova Escola* em maio de 2002 descreve que “(...) mais importante que formar é formar-se; que todo o conhecimento é auto-conhecimento e que toda formação é auto-formação. Por isso a prática pedagógica inclui o indivíduo, com suas singularidades e afetos”. É papel desses agentes se fazerem acessíveis ao que é apresentado e considerar as complexas relações possíveis estabelecidas no que se tornou um ambiente de produção de sentidos e reflexões teóricas e filosóficas diante do assunto pretendido.

Entre conversa, roda de tambores e produção de conhecimentos, a Noite vai se encaminhando para o fim. Os encontros tiveram a duração média de duas horas e trinta minutos. No encerramento são dispostos alguns minutos para os depoimentos dos participantes como uma devolução do processo, sobre aquilo que afetou, aquilo que ficou e uma parte do que movimentou e despertou no pensamento de cada um. Esta

medida possibilitou ainda um retorno positivo, indicado pelos discursos, em relação à riqueza do intercâmbio cultural que o encontro proporcionou.

## Resultados

No que tange aos resultados, pode observar que em ambas as noites, através da condução dos mediadores, o espaço de construção de conhecimento foi gerado em conjunção com os participantes. Esses, compreendendo a ideia do encontro, contribuíram com suas histórias e saberes conquistados a partir das suas próprias experiências. Experiências estas que abarcaram desde casas de terreiros, blocos de carnaval, bandas, artistas solo e a especial presença de um Mestre Griô. Personagens que atuam em diferentes vertentes da cidade, que se utilizam da música como forma de expressão e carregam consigo informações que compõem a história e diferentes formas de organização e de ensino.

Considerando ainda outros aspectos percorridos nos encontros, foi possível a troca de conhecimentos técnicos e práticos entre os participantes no que diz respeito à Prática em Conjunto. Trabalhamos com aquilo que era originado no momento da ação, explorando as capacidades de criação, improvisação e composição de todos, a partir da necessidade de produzir coletivamente.

## Conclusão

A Noite dos Tambores possui em seu intuito a promoção de encontros que possibilitem a trama entre os saberes musicais acadêmicos com aqueles que vêm da rua, numa fusão em que ambos os lados possam passar de mestres para aprendizes e vice versa. Com a presente reflexão, foi possível constatar que a geração de informações e o diálogo que se sucedeu foram imprescindíveis enquanto meios de identificação e afinidade, aspectos que facilitaram ainda a comunicação instrumental entre os participantes e o desejo de conhecer mais e compartilhar seus saberes.

## Referências

BONDIA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, v19, 2002.

NÓVOA, A. *Professor se forma na escola*. Entrevista concedida à Paola Gentile. Nova Escola, São Paulo, n.142, p. 13-15, maio 2001.

## Referências Eletrônicas

ARROYO, M. *Mundos musicais locais e educação musical*. Em Pauta - v. 13 - n. 20 - junho 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8533/4953>>. Acessado em: 02 de agosto de 2014.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. *Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos*. Opus, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/opus>. Acessado em: 1º de agosto de 2014

# NÚCLEO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA (NEAB): AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

*ALVES, Isadora Baptista*

Aluna do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*ALVES, Carolina Machado*

Aluna do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*SILVEIRA, Aline Montagna da*

Professora FAUrb/UFPeI, orientadora

*OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de*

Professora FAUrb/UFPeI, coordenadora.

O Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB) foi criado em 1983, vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Desde a sua criação, tem como característica principal a vinculação à temática da preservação patrimonial em Pelotas e região. Ao longo de sua trajetória, formou um acervo gráfico e documental produzido por alunos, professores e servidores técnicoadministrativos, que registra a produção arquitetônica e urbana da região, contribuindo para a sua preservação e para o registro da memória local (OLIVEIRA, JANTZEN e SILVEIRA, 2013).

A abrangência territorial de atuação do núcleo compreende as cidades que integram a região do distrito geoeeducacional da UFPeI, e as temáticas abordadas em seus projetos vinculam-se sempre a produção arquitetônica e urbanística das comunidades locais, consideradas como relevantes para a preservação do patrimônio cultural material e imaterial.

Em suas ações, o NEAB preconiza que os alunos que integram a equipe de trabalho adquiram as ferramentas teóricas e práticas necessárias para refletir sobre a teoria, a história e o projeto da arquitetura e da cidade, com ênfase na preservação do patrimônio cultural.

Ao longo dos anos, o acervo produzido e sistematizado pelo NEAB tornou-se referência para os profissionais envolvidos com a preservação patrimonial, fornecendo subsídios para ações de preservação, principalmente aquelas vinculadas a instituições de ensino, pesquisa e extensão. As ações desenvolvidas pelo NEAB nos últimos anos, resultado dessa trajetória construída ao longo de três décadas, é o objeto deste ensaio.

## Metodologia

O método de trabalho desenvolvido pelos integrantes do NEAB para cadastramento e registro do patrimônio cultural da região foi elaborado, ampliado e discutido durante as três décadas de existência do núcleo, em projetos de ensino, pesquisa e extensão (JANTZEN et alli, 2006). Nesse período, foram reali-

zados levantamentos em treze cidades da região do distrito geoeeducacional da UFPel (Figura 1), através projetos de extensão e de disciplinas de graduação, que incluíam assessorias às prefeituras locais, sedimentando a premissa da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão e contribuindo para o envolvimento com as comunidades locais.



Figura 1: Mapa da região sul do Rio Grande do Sul, com destaque para as cidades estudadas e documentadas pela equipe do NEAB

Fonte: Acervo do NEAB, 2013

O patrimônio edificado dessas cidades foi documentado, formando um acervo significativo de obras que representam a diversidade do patrimônio cultural da região sul do Rio Grande do Sul, e que atualmente integram o acervo do NEAB. Esses registros incluem as cidades de Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, Canguçu, Piratini, Jaguarão, Herval, Cerrito, Arroio Grande, Pinheiro Machado, Pedras Altas, Pedro Osório e São Lourenço do Sul.

Além de contribuir para a preservação e o registro da memória local e regional, o núcleo disponibiliza material gráfico e documental para ações que visem à preservação do patrimônio cultural da região.

## Resultados

As ações atuais do NEAB incluem a participação da equipe de trabalho no projeto de pesquisa Inventário de Arquitetura Moderna de Pelotas (GONSALES et al,

2013), no Levantamento Arquitetônico do Antigo Hotel da Luz, na cidade de Pinheiro Machado (Figura 2), no projeto de extensão Inventário de Arquitetura Moderna Art Déco em Pelotas e o suporte material (equipamentos) para atividades de levantamento do projeto de extensão Propostas de Diretrizes de Preservação para a cidade de Piratini – RS.



Figura 2: Levantamento Arquitetônico do Antigo Hotel da Luz, Pinheiro Machado

Fonte: Acervo do NEAB, 2014

Nos últimos dois anos, a equipe do NEAB desenvolveu o projeto de extensão Propostas de Diretrizes de Preservação para a cidade de Jaguarão (2012 e 2013), contribuindo com material de pesquisa e de levantamento de campo para a realização das atividades vinculadas à disciplina de Técnicas Retrospectivas da FAUrbUFPel.

Em relação à divulgação das atividades do núcleo, o grupo apresentou a exposição 20 Anos de Projeto 8 – Técnicas Retrospectivas (Figura 3) no 1º Dia do Patrimônio de Pelotas (SILVEIRA et al, 2012) e foi convidado a integrar a Rede Patrimônio Histórico Cultural Ibero-Americano.



Figura 3: 1º Dia do Patrimônio de Pelotas (2013) – exposição realizada no Clube Caixerai  
Fonte: acervo do NEAB, 2014

No âmbito das atividades de assessoria técnicas às prefeituras locais, foi elaborado o Parecer sobre a intervenção junto à Casa de Cultura, na cidade de Canguçu, através de solicitação da Prefeitura e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS).

O acervo gráfico e documental produzido pelo núcleo tem auxiliado direta e indiretamente ações de preservação do patrimônio arquitetônico e urbano no âmbito local, regional e estadual. Entre essas ações, destaca-se a contribuição no âmbito estadual, através da disponibilização de material do Inventário do Patrimônio de Santa Isabel do Sul (GUTIERREZ, 1994), encaminhado em 2013 ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) do Rio Grande do Sul.

No âmbito local, o acervo do núcleo contribuiu para as ações de tombamento do patrimônio edificado da UFPel, dos quais resultaram os tombamentos estaduais (RIO GRANDE DO SUL, 2013) dos edifícios da antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel (Portaria Nº 38/2013) e da Antiga Residência do Senador Augusto de Assumpção (Portaria Nº 23/2013).

## Conclusão

As ações desenvolvidas pelos integrantes do NEAB tem como premissa a reflexão sobre a preservação patrimonial, em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além das atividades propostas pelo núcleo, a demanda externa da comunidade local e regional tem possibilitado a equipe desenvolver projetos nas cidades do distrito geoducacional da UFPel, contribuindo para a inserção da universidade na região.

Nessa perspectiva, o grupo pretende dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos, divulgando ações preservacionistas e construindo conhecimentos sobre a produção arquitetônica e urbana regional, valorizando e reconhecendo a importância da conservação desse acervo para a memória das comunidades envolvidas nas ações do NEAB.

## Referências

- GONSALES, Célia Helena Castro et alli. Inventário da Arquitetura Moderna Art-Déco: motivos e motivações para a preservação do patrimônio de Pelotas. In: Anais do Encontro Internacional sobre Patrimônio Edificado - ArquiMemória. Salvador: IAB-BA, 2013. v. 4.
- GUTIERREZ FILHO, Rogério (Coord.). Santa Isabel do Sul. Relatório de avaliação do valor histórico visando propostas de preservação da Vila de Santa Isabel do Sul. Pelotas: NEAB/FAUrb/UFPel, 1994 (manusc.).
- JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick et alli. Architectural Patrimony in Urban Areas: Methodology and case studies of the South of Rio Grande do Sul, Brazil. In: 17th Conference International Seminar on Urban Form, 2010, Hamburgo. Formation and Persistence of Townscape, 2010.
- JANTZEN, Sylvio Arnaldo e OLIVEIRA, Ana Lúcia. Renovação Urbana e Reciclagem: orientação para prática de ateliê. Pelotas: Ed. Gráfica Livraria Mundial, 1996.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick; SILVEIRA, Aline Montagna da. A ação do NEAB/FAUrb na preservação dos centros históricos da região sul do estado do Rio Grande do Sul. In: MICHELON, Francisca Ferreira (Org.). Patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2013, p.27-29.
- RIO GRANDE DO SUL. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO. Bens tombados. Disponível em: [www.iphae.rs.gov.br](http://www.iphae.rs.gov.br). Acesso em 31 de julho de 2014.
- SILVEIRA, Aline Montagna da et alli. A arquitetura moderna em Pelotas: inventário, conhecimento e preservação. In: Caderno de Resumos do VII Seminário Internacional em Memória e Patrimônio. Pelotas: PPGMP/ICH/UFPel, 2013, p. 255-258.
- SILVEIRA, Melina Monks et alli. O Patrimônio Cultural da Região Sul do Rio Grande do Sul: reflexões sobre as formas de representação gráfica empregadas na disciplina de Técnicas Retrospectivas da FAUrb/UFPel. In: Anais da 11ª Mostra da Produção Universitária. Rio Grande: FURG, 2012.



# O MUSEU GRUPPELLI E O PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS: UM RELATO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE CONCEPÇÃO, MONTAGEM E AVALIAÇÃO

*SILVA, Mariana Boujadi Mariano da*  
Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPeI

*CASANOVA, Letícia Couto*  
Bolsista PROBEC/UFPeI

*QUENNEHEN, Bianca*  
Bolsista PROBEC/UFPeI

*CASTRO, Renata Brião de*  
Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPeI

*RIBEIRO, Diego Lemos*  
Professor do Departamento de  
Museologia/ICH/UFPeI orientador do projeto

O 7º Distrito do município de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, cenário onde está localizado o Museu Gruppelli, foi povoado por correntes migratórias europeias ao longo do século XIX. Vindos da Itália, o núcleo familiar formado por Arcadio e Eleonora Gruppelli, deslocou-se, já no início do século XX, da cidade de Pelotas para a zona rural. Nesse momento, além de desempenharem a atividade agrícola, decidiram por implantar um estabelecimento comercial e um albergue para viajantes (VIEIRA, 2009, p. 58), sendo ambos os espaços de fundamental importância para a formação e consolidação da comunidade local.

O Museu Gruppelli, por iniciativa da população do entorno, ganha os seus contornos em outubro de 1998, com o apoio do fotógrafo Neco Tavares e da professora Neiva Acosta Vieira, atores-sociais próximos à família. Este grupo de empreendedores do patrimônio se empenhou na coleta de objetos que fossem significativos para a memória local, objetivando preservar o patrimônio rural. Como resultado, foi compilado um vasto acervo constituído por itens de toda a sorte, tendo como fio condutor a representação da cultura, dos modos de fazer e das particularidades da região.

Em 2008, ano em que foi comemorado o décimo aniversário do Museu, houve uma forte demanda local no sentido de revitalizá-lo. A comunidade solicitou apoio técnico à Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do Curso de Bacharelado em Museologia, visando uma melhor manutenção e gerenciamento das coleções, pois, mesmo após dez anos de funcionamento, o museu não amadureceu em termos de ações museológicas efetivas – sob a ótica acadêmica, ao menos. Quando a Universidade chegou ao museu foram encontrados objetos que estavam expostos em uma atmosfera na qual a materialidade, o curioso, o raro eram os principais eixos norteadores, enquanto os potenciais informativos e simbólicos estavam esvaziados. Notamos, então, a necessidade de recuperar aquelas memórias que subjaziam os objetos, que estavam esmaecendo do modo como estavam organizados e distribuídos. Concordamos com Le Goff (1994) quando afirma que não podemos pensar a memória sem considerar o mundo material que a envolve.

Nesse sentido, por intermédio do diálogo empreendido com a comunidade local, buscamos evocar as memórias que estavam emaranhadas na materialidade dos objetos – cuja expressão simbólica não estava manifestada.

O projeto tinha como objetivo, nos momentos iniciais, modificar as condições ambientais da antiga adega onde se encontra o museu, implantar um novo sistema de documentação e principalmente reconfigurar a expografia.

## Metodologia

A metodologia desse projeto de extensão é calcada num constante trabalho em grupo, tendo sempre como referência norteadora a família Gruppelli, para que o museu não se torne uma entidade demasiadamente vinculada a Universidade e apartada de seu espaço.

Uma das primeiras medidas empreendidas pelo Projeto, em comunhão com representantes da comunidade local, foi a divisão do espaço em núcleos temáticos em que estivessem representados o comércio, o esporte, a ruralidade, a barbearia, o dentista, o ambiente doméstico e a hospedaria. Ao longo dos 6 anos de parceria entre Museu e Universidade, foram feitas melhorias em termos de iluminação, implementação de sonorização nos ambientes, placas indicativas e a ampliação do espaço expositivo – com a desativação de uma oficina que funcionava no mesmo prédio. Atualmente há uma constante discussão no que concerne à elaboração de processos de gerenciamento informacional do acervo, assim como a potencialização de ações pedagógicas, que vêm sendo pensadas junto às crianças que visitam o Museu.

## Resultados

A proposta anteriormente mencionada foi criada tendo como referência a ideia de Bosi (1979) de que os “velhos” passam parte da sua vida rememorando o tempo vivido, por intermédio de objetos. Nesse caso, o encantamento do público idoso em relação a determinados objetos estaria conectado a uma memória vivida. Ao percebermos que uma parte considerável das crianças também mostrava notável interesse pelo museu, começamos a nos perguntar que tipo de conexão os jovens estavam criando com aquelas referências, visto que muitos não possuem uma relação visceral com aqueles objetos.

Vale mencionar que, desde o início do projeto de extensão, procurou-se estabelecer um diálogo bilateral com a comunidade, fazendo com que estes fossem agentes ativos (protagonistas) e não somente espectadores do processo de construção e apropriação do patrimônio local. Essa comunicação com os moradores do entorno resulta em alguns fatos curiosos. Como por exemplo, o caso da bandeira do time local, o Boa Esperança, que se encontra atualmente no núcleo de exposição temporária. Embora ela tenha o seu status de bem musealizado, portanto destituído dos seus valores utilitários para o qual foi concebida, constantemente, em dias de jogos de futebol que envolvam o clube, esta é solicitada pela comunidade, que a leva para a torcida, onde é retomado o seu uso original.

Parte fundamental do projeto, e que não pode deixar de ser abordada nesse resumo, consiste no programa de exposições temporárias, inaugurado pelo Museu em 2012. Estas exposições têm objetivos bem delimitados: dinamizar o acervo do Museu, visto que nem todos os objetos estão expostos; abordar temas que mereçam ser mais bem representados, e que guardam referência com os modos de vida da comunidade local; e fortalecer o diálogo com os atores-sociais da região, ampliando a vocação participativa do museu.

Foram organizadas duas exposições temporárias no interior do museu, a primeira, intitulada “Costurando a Memória”, buscou retratar o hábito da costura na zona rural de Pelotas; a segunda, nomeada “90 anos de Boa Esperança: entre fatos, causos e vitórias”, retrata a trajetória do Grêmio Esportivo Boa Esperança (GEBE), time de futebol da região. Nas duas exposições, num primeiro momento, foi necessário mapear os agentes locais a fim de realizar entrevistas e coletar informações acerca dos referidos temas. Cumpre mencionar que os depoimentos coletados transformaram-se em coleção, também preservados pelo Museu.

A exposição “Costurando a Memória” além de buscar retratar o hábito da costura, algo que está esmaecendo com o tempo. Esta exposição foi inaugurada em dezembro de 2012 e esteve aberta para o público durante o período de um ano e meio, aproximadamente. Durante esse intervalo de tempo foi disponibilizado um estudo de público para que os visitantes pudessem registrar suas impressões a respeito da exposição.

Entendemos nesse processo que os estudos de público são importantes ferramentas de avaliação, e concordamos com o Estatuto Brasileiro de Museus, quando estabelece que:

Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes (BRASIL, 2009).

Com base na análise dos resultados percebemos que 90% das pessoas que responderam ao questionário são da cidade de Pelotas, embora uma parcela relativamente pequena fosse de moradores locais.

Foi a partir dessa constatação que iniciamos a reflexão sobre o tema da próxima exposição temporária, tendo como motivação uma maior aproximação com a comunidade. Vislumbrando a forte relevância do futebol na zona rural de Pelotas e a atuação do Grêmio Esportivo Boa Esperança, que comemorou 90 anos de atividades ininterruptas, no ano de 2014, foi concebida e realizada a segunda exposição temporária. Com o nome de “90 anos de Boa Esperança: entre fatos, causos e vitórias” a exposição buscou mostrar o futebol na zona rural de Pelotas, manifestação cultural esta cuja relevância e significado se sobrepõem às atividades desportistas, por representar também um momento de sociabilidade para a colônia e arredores. A exposição homenageou os 90 anos do GEBE, retratando sua trajetória e história.

Essa segunda exposição inaugurou em janeiro de 2014 e permanece aberta ao público. Ainda não se tem os dados do estudo de público sobre a exposição analisados, mas pela observação participante podemos notar que os moradores locais, sobretudo jogadores e torcedores do time, procuram visitar o museu a fim de conhecer a exposição do GEBE.

## Conclusão

É notável que desde o início da parceria entre Museu e Universidade, o primeiro vem sofrendo modificações não só no que diz respeito à expografia, mas também vem sendo implantada melhorias na reserva técnica, novas propostas de ações educativas, e também a implementação de medidas que potencializam a gestão de informações. Porém o melhor resultado obtido é o fortalecimento do elo identitário do museu com a comunidade, que vem sendo reforçado através da elaboração de exposições, que só foram exequíveis graças à ajuda da comunidade local. Em outros termos, os processos expositivos originaram-se em comunhão “com” a comunidade e não “para” a comunidade, desde sua concepção até a montagem.

Através dos resultados obtidos pelo estudo de público da exposição “Costurando a Memória” notou-se a necessidade de uma maior aproximação do museu com a comunidade do entorno. A relevância do futebol na região, somada à proximidade do aniversário do Time, motivou a concepção e montagem da segunda exposição temporária. Ressaltamos que alguns dados quantitativos não foram avaliados ainda, mesmo porque a exposição ainda está em andamento, mas, qualitativamente, é notável o fato que a comunidade local se mostra sempre presente na exposição do GEBE.

Tendo em vista que o projeto de extensão “Revitalização do Museu Gruppelli” deve ser dinâmico e continuado, a equipe continua buscando melhorias nas ações museológicas, como também na afirmação e no reconhecimento do museu como lugar de memória, para que este seja a cada dia mais reconhecido e valorizado pela comunidade em geral.

Estas melhorias vêm sendo implementadas graças às avaliações continuamente realizadas junto ao público através do livro de sugestões, diálogos com os visitantes e questionários que visam o feedback, ou seja, almeja-se saber do público suas preferências, sugestões e opiniões a respeito do acervo, das exposições, e até mesmo como a mediação das visitas está sendo vista pelos visitantes.

## Referências

- BOSI, E. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo. T.A. Querosz, 1979.
- CURY, M. X. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. GASTAUD, Carla Rodrigues. RIBEIRO, Diego Lemos. Revista Museologia e Patrimônio: Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio I MAST - vol. 6 no 1 – 2013
- LE GOFF, Jagues. História e Memória. Campinas. UNICAMP, 1990. Roteiros práticos, volume 2, ano, página. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

VARINE-BOHAN, H. Museus e Desenvolvimento local: balanço crítico. IN: Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento, Xingó: MAX, 2008.

VIEIRA, Margareth Acosta. Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural).

### **Referências eletrônicas**

Estatuto Brasileiro de Museus, Lei Nº 11.904. Governo Federal, 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm) acesso em 13 de janeiro de 2014.

# O PROJETO ÓPERA NA ESCOLA EM MUITOS TEMPOS

*RIBEIRO, Breno Alves*

Aluno do Bacharelado em MÚSICA- CANTO/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*COSTA, Fernanda Keiko Miki da*

Aluna do Bacharelado em MÚSICA-CANTO/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*RICHTER, Magali Letícia Spiazzi Richter*

Orientadora e coordenadora; do Projeto Ópera na Escola

O projeto Ópera na Escola desenvolve suas atividades desde 2005 em escolas de educação infantil da rede municipal de Pelotas e região, objetivando oportunizar ao público de destino o contato com o repertório operístico, pouco conhecido nas camadas menos favorecidas da sociedade. Este trabalho já atingiu diretamente em torno de três mil e quinhentas mil crianças, e indiretamente em torno de trezentas pessoas, entre elas alunos, professores e funcionários da UFPEL, da Rede Municipal de Ensino, Escolas Particulares e comunidade em geral.

O objetivo da proposta era levar à escola a experiência de um gênero musical que não faz parte do cotidiano daquelas crianças, visando ampliar seu conhecimento sobre música, buscando a “desmistificação” deste tipo de música e tornando-o acessível à compreensão dos alunos e da comunidade onde se insere a escola.

Propor um projeto envolvendo uma experiência com um gênero musical considerado “elitista” aparentemente estaria indo em direção contrária às mais recentes pesquisas e proposições de especialistas para o ensino da música na escola. Grande parte dos autores contemporâneos, tanto internacionalmente como também no Brasil, têm defendido o ensino musical centrado no cotidiano dos alunos e a partir de sua própria experiência musical. Com efeito, autores como Queiroz (2004), Souza (2004), Muller (2004), Loureiro (2003), salientam a necessidade de considerar a música como um fato social, e como tal não dissociado do contexto de vida dos alunos. Outros autores têm se preocupado com a aprendizagem musical que ocorre fora das atividades formais da escola, em atividades não-formais (Hentschke, 2003; Wille, 2003). No entanto, em nenhum momento, estes autores sugerem que o ensino da música da cultura ocidental dita “erudita” deveria ser negligenciado, mas que esta não deveria ser a única abordagem, como aconteceu por muitos anos, inclusive na história recente da educação musical no Brasil. Diz Loureiro:

Da mesma forma que não podemos mais ignorar o gosto musical dos alunos, não podemos negar-lhes a possibilidade de ampliar o seu campo de conhecimento musical. ... A questão é estar instrumentalizado para gerar, através do material selecionado, a aquisição do conhecimento musical. Esse tipo de ensinoaprendizagem envolve uma

conscientização e disposição para esclarecer a real proposta da educação musical e, sempre que necessário, uma revisão dos seus pressupostos que devem, antes de tudo, estar em sintonia com as necessidades, as expectativas e a formação integral do aluno (Loureiro, 2004, p. 69).

Em tempos nos quais se deve levar em consideração a tão aclamada inclusão, é necessário estar atento ao real conceito que a palavra busca definir. Incluir é inserir, o oposto de excluir. Quando realizamos um projeto de educação musical em que se trabalha apenas o 'funk' como gênero musical, pois é considerado a realidade daquele grupo, se está privando o mesmo da inserção no meio erudito e vice versa. Fazer um recorte e definir grupos como populares e eruditos, e permanecer limitando seus focos de atenção e conhecimento está longe de ser inclusão ou busca pela formação integral do aluno. Manter as crianças em fase de formação de sua personalidade e visão de mundo distantes de outras manifestações culturais que não as suas próprias é exclusão em gênero, número e grau, mas permanece sendo tomada como levar a cultura até o povo em muitas políticas culturais.

## Metodologia

O presente trabalho teve como objeto de estudo o projeto de extensão "Ópera na Escola" descrito acima, visando apresentar o que o mesmo oferece à comunidade e quais os objetivos alcançados durante estes quase dez anos de atividades do projeto. Tendo em vista que a análise seria realizada após a realização das apresentações, optou-se por uma pesquisa qualitativa utilizando estudo de caso.

Para o levantamento de dados foram utilizados os registros em vídeo, fotográficos e sonoros dos recitais do projeto, material divulgado em jornais, entrevistas concedidas para televisão e rádios, além dos diários de campo dos colaboradores e bolsistas do projeto, cujas anotações foram sendo realizadas no decorrer desses muitos tempos.

## Resultados

Partindo do trabalho que já havia sido realizado na escola municipal Paulo Freire, o projeto de extensão foi desenvolvido com crianças da educação infantil com idades entre 4 e 6 anos, com o intuito de oportunizar a elas um outro tipo de atividade artístico-musical. A

ópera escolhida foi "A Flauta Mágica", de Wolfgang Amadeus Mozart, que estava sendo trabalhada com os alunos do Curso de Música/ Bacharelado em Canto da UFPel, pela professora-coordenadora deste projeto. Este trabalho foi desenvolvido ao longo de um semestre letivo, havendo encontros semanais, com a participação de duas turmas do nível infantil, Turmas Pré A e B. As professoras das duas turmas tiveram uma atuação destacada no trabalho, bem como os alunos-cantores da UFPel.

A partir desta introdução aos encontros, o enredo da ópera em questão foi sendo narrado às crianças e mostrado através de recursos audiovisuais e audições musicais, com a caracterização dos personagens principais. Estas caracterizações foram sendo analisadas do ponto de vista do enredo, do aspecto visual dos personagens e especialmente dos elementos musicais que o compositor utilizou para caracterizá-los. As crianças descreveram a história através de narrativas e desenhos, segundo sua própria percepção.

Aproveitando especialmente as características musicais dos personagens, no decorrer do processo alguns elementos da sintaxe musical, como "tom grave" e "tom agudo", foram sendo observados. Em outro momento foram as notas musicais que foram apresentadas aos alunos.

## Conclusão

Poderíamos classificar este projeto como uma educação musical realizada através de "encontros musicais", como definido por Swanwick (2007, 2003, 1991). Para o autor, a música é, acima de tudo, uma arte social em que a interpretação e a escuta dos outros é a motivação, a experiência e o processo de aprendizagem. A isso o autor chama de educação musical pelo "encontro", em que a música não fica fragmentada em pequenas parcelas para fins didáticos. Ele explica que, por isso, a experiência musical dos participantes é polivalente, rica em possibilidades e não está organizada sequencialmente por ordem de dificuldade.

Outro aspecto que se revelou muito importante foi o caráter interdisciplinar que acompanhou o projeto ao longo de toda a sua execução. Certamente, o gênero operístico é, na música, o que mais articula elementos teatrais, cênicos e visuais. Através das entrevistas com as crianças buscamos avaliar se o projeto contribuiu para o seu desenvolvimento musical. Para tanto, nos interessava perceber se as características musicais do

gênero operístico haviam sido percebidas pelos alunos e o quanto eles seriam capazes de descrever e identificar musicalmente os personagens.

Para a maioria desses alunos, esta tinha sido a primeira experiência com este gênero musical. Todos souberam identificar os sons agudos e graves, identificar os personagens através deles e relatar o enredo e sua participação no espetáculo. Como diz Swanwick “desde a idade de 3 anos, aproximadamente, as crianças respondem diretamente às impressões de som e especialmente de timbre. Sentem atração pelos contrastes de intensidade, sobretudo pelos extremos de forte e suave” (pp. 84-5).

Trabalhar com a ópera na escola é, talvez, na música ocidental, o que apresenta uma maior possibilidade de interdisciplinaridade, podendo envolver as artes visuais, através dos desenhos do enredo e dos personagens, as artes cênicas através da caracterização e vestimenta dos personagens, da criação do cenário e do estudo dos gestos e expressões, e especialmente, como diz Swanwick (1991, p. 121), pode ser uma experiência musical “polivalente e rica em possibilidades”.

Em Loureiro, “o verdadeiro objetivo é aproximar o aluno da música, levando-o a gostar de ouvi-la, apreciá-la e compreendê-la, é preciso, com urgência, preencher o vazio musical no cotidiano escolar”. Loureiro (2003, p. 73). O projeto Ópera na Escola busca preencher esse vazio através da interação da criança e seu imaginário com o universo operístico, que por excelência é repleto de significados lúdicos e interdisciplinares. A ópera ou melodrama só têm real sentido se interpretadas de maneira hipermediática caracterizada pela união do texto, imagem e som, nestas ocasiões adaptadas para o imaginário infantil, através de personagens presentes nas tramas escolhidas e previamente explicadas.

## Referências

- EDGAR, Patrícia. A Escola na Mídia. Palestra apresentada na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. Rio de Janeiro, 2002.
- FERREIRA GULLAR. Vanguardismo e Cultura Popular no Brasil. In: Temas de Ciências Humanas nº 5. Ed. Ciências Humanas, 1979.
- FUKS, Rosa. O discurso do silêncio. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.
- HENTSCHKE, Liane. Ensino de Música. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.
- LEMOS, Beatriz. Educação Musical na Pedagogia – uma “paisagem sonora” possível. In: XIV Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil. Anais. Goiânia: Ed. UFG, 2003, p. 118-121.
- LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental. Campinas: Papyrus, 2003.
- MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? Revista da ABEM. Porto Alegre, v. 10, p. 53-58, março 2004.
- PENNA, Maura. Música na escola: analisando a proposta do PCN para o ensino fundamental. In: Penna, Maura (org) É este o ensino de artes que queremos? João Pessoa, UFPB, 2001, p. 113-134.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. Revista da ABEM. Porto Alegre, v. 10, p. 99-107, março 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura): Equívocos do Elitismo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. In: Revista da ABEM. Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, março 2004.
- SWANWICK, Keith. Musical Knowledge. New York: Ed. Taylor e Francis, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ensinando Música Musicalmente. São Paulo: Moderna, 2003.
- \_\_\_\_\_. Música, pensamiento y educación. Madrid: Ediciones Morata, 1991.
- TOURINHO, Irene. Educação Musical: Parte Integrante do Currículo no Ensino Básico. In: XXI CONFAEB. Anais. Brasília: FAEB, 1998, p. 167-175.
- WILLE, Regiana Blank. As Vivências Musicais Formais, Não-Formais e Informais dos Adolescentes: Três Estudos de Caso. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 2003.



# OS EXPERIMENTOS POÉTICOS NO GEPPAC: UMA APROXIMAÇÃO DO FAZER TEATRAL COM A COMUNIDADE DE PELOTAS E REGIÃO

*PINTANEL, Elias de Oliveira*

Formado em Teatro Licenciatura da UFPel, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas (GEPPAC) da UFPel

*OLIVEIRA, Adriano Moraes de*

Professor do curso de Teatro Licenciatura da UFPel e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas (GEPPAC)

Este texto é fruto de uma análise das apresentações de experimentos poéticos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas (GEPPAC), durante o período que compreende os anos de 2012 a 2014, na comunidade de Pelotas e região. O GEPPAC foi criado em 2012, tendo como coordenador o prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira. O objetivo do GEPPAC é desenvolver estudos e pesquisas de teatro de grupo e de poéticas teatrais na região sul do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Desde o início de seus trabalhos o GEPPAC desenvolve duas ações principais: a criação de experimentos poéticos a partir de poéticas teatrais que dialogam com o método de ações físicas nas abordagens de Stanislavski e Grotowski e um mapeamento das práticas criativo-formativas dos grupos teatrais em atividade no extremo sul do RS.

No ano de 2012 deu-se início uma pesquisa no GEPPAC intitulada: “Grupos em atividade na região sul do RS: mapeamento de práticas criativo-formativas”. Esta pesquisa resultou no livro: “Sobre o teatro na região de Pelotas: primeira abordagem de pesquisa”, onde é possível observar o mapeamento dos grupos de teatro de Pelotas e da região, no período de 2005 a 2011. Percebe-se também a metodologia de trabalho do GEPPAC nestes anos, assim como trabalhos artísticos e acadêmicos desenvolvidos pelos integrantes do mesmo.

Um dos vértices de ação do GEPPAC é a elaboração de experimentos poéticos e sua apresentação para a comunidade pelotense e região. Concentro minha atenção aqui para descrever o diálogo que os experimentos poéticos desenvolvidos no GEPPAC criaram com a comunidade em geral. Estes momentos de encontro com os espectadores serviam como estudo da prática atoral (através do olhar dos pesquisadores do grupo) e como difusão das pesquisas do GEPPAC. Esta prática tinha e tem como principal foco criar um diálogo com grupos de teatro e com pessoas que possuem interesse pelos processos criativos em artes cênicas.

## Metodologia

Os experimentos poéticos acontecem na relação entre a forma (texto, imagem, texto dramático, um método) e a ação (modo de agir) guiados pelas experi-

ências pessoais de cada um. Esta última parte é vista como as intimações do imaginário dos pesquisadores que interferem e guiam o seu modo de fazer teatral<sup>1</sup>. Como o líder do GEPPAC afirma:

o experimento poético é um método que se aproxima, de certo modo, da palavra poética em sua matriz grega, isto é, a de poién, que no grego refere-se ao fazer com domínio técnico (OLIVEIRA, 2011, p. 43).

O experimento poético é elaborado tendo premissas objetivas. O que o confere com um grau de método de pesquisa. A elaboração dos experimentos poéticos no GEPPAC, se podemos resumir de uma maneira rápida, se deu da seguinte forma: estudo e prática das poéticas teatrais de Stanislavski, Grotowski e, depois, Meyerhold; uma rotina de treinamento de ator e de ensaios individuais e em grupo; apresentação das cenas criadas para os integrantes do GEPPAC; ensaio aberto e/ou apresentação de quadros (cenas) dos experimentos poéticos e a apresentação de experimentos poéticos.

## Resultados

Durante os anos de 2012 e 2014 foram apresentados os seguintes experimentos poéticos pelo GEPPAC: “Margem Periférica” (2012), “Pós-Fausto” (2011-2014), “Sylvia” (2012), “Quando as Máquinas Param” (2012), “O mentiroso” (2012); “Alívio Imediato” (2012-2013), “Dois dedim de prosa” (2013-2014); “Canto Geral” (2013), “Não ha destino só um ir” (2013) e “Piratini Canta os Farrapos” (2012) uma parceria com o NAP (Núcleo de Artes Piratinienses). Cada experimento poético teve uma particularidade, seja ela se tratando do número de atores que participaram, da poética usada como referência, do modo como foi construído, do jeito que foi apresentado, o local da apresentação, etc.

Ressaltarei aqui três experimentos poéticos que tiveram como principal relação a troca de conhecimento com os mais variados grupos: “Margem Periférica” (2012), “Piratini Canta os Farrapos” (2012) e os experimentos poéticos utilizados para realizar a pesquisa de mapeamento de grupos de teatro e que resultou no livro já mencionado.

“Margem Periférica” foi apresentada nove vezes nos meses de Maio e Junho de 2012. A grande particularidade deste trabalho foi onde ele foi apresentado: cada apresentação foi realizada em uma unidade da Univer-

sidade Federal de Pelotas. O objetivo era levar até as unidades da UFPel o trabalho que era desenvolvido no GEPPAC. Deste modo o “Margem Periférica” era composto por inúmeras cenas de vários experimentos poéticos desenvolvidos naquele ano. Todos tinham como referência principal a poética teatral de Meyerhold, principal matriz teórica naquele momento. No antigo endereço eletrônico do programa de extensão Núcleo de Teatro da UFPel é possível ver uma postagem que relata este experimento:

O espetáculo “Margem Periférica” foi construído a partir de cenas já apresentadas em outros experimentos do Núcleo, além de já conter uma parte dos experimentos que estão sendo feitos a partir do estudo de Meyerhold. No intervalo entre uma cena e outra, apresenta-se uma pequena explicação teórica sobre os principais componentes da arte teatral. Todas as apresentações foram realizadas de forma gratuita e abertas ao público em geral, em espaços das próprias unidades, mediante contato com os colegiados e secretarias. (OLIVEIRA, 2012)

Já “Piratini Canta os Farrapos” foi o primeiro trabalho desenvolvido pelo GEPPAC com um grupo de teatro fora da cidade de Pelotas: o grupo NAP de Piratini. Este trabalho foi apresentado no dia 20 de Setembro de 2012 no Museu Palácio do Governo Farroupilha em Piratini. O grupo do NAP é formado por pessoas da comunidade piratiniense e tem como meta manter viva a história e a cultura farroupilha da cidade e do estado através de esquetes teatrais. O GEPPAC participou deste projeto escrevendo o texto teatral deste trabalho e dirigindo os atores e atrizes, além da encenação propriamente dita. Foi utilizado como método neste trabalho o experimento poético do GEPPAC. A peça foi feita em um mês tendo um período concentrado de ensaios individuais e coletivos.

O terceiro experimento poético foi resultante da pesquisa: “Grupos em atividade na região sul do RS: mapeamento de práticas criativo-formativas”. Os experimentos poéticos aqui foram utilizados como método de pesquisa para o mapeamento de práticas teatrais na região. Através deles foi possível entrar em contato com 167 pessoas em 14 cidades da zona sul do RS<sup>2</sup> que faziam parte da área de mapeamento da pesquisa. Os experimentos poéticos aqui eram formados por cenas de experimentos poéticos e por exercícios teatrais. Havia sempre a participação dos espectadores.

O que era fundamental para objetivo dos experimentos que era mostrar o modo de trabalho do GEPPAC e mapear os grupos em atividade nas cidades, ou os que haviam. Sobre este mapeamento dos grupos e das atividades teatrais, Oliveira e Pintanel falam da seguinte maneira:

Contudo, o que mais ficou explícito no decorrer da pesquisa é a ausência de regularidade no trabalho da maior parte dos grupos apontados no levantamento. Seja por falta de sede própria, seja por dificuldade de manutenção de equipe, seja por precariedade de investimentos oficiais, seja por simples oscilação do mercado das artes, etc, essa falta de regularidade exige uma nova etapa para averiguação das causas específicas. (OLIVEIRA; PINTANEL, 2014, p.66)

Esta nova etapa está acontecendo. Dando seguimento a pesquisa dos grupos e o aprofundamento dos próprios experimentos. O que me lembra dizer que estes três experimentos teatrais que citei tiveram mais contato com pessoas da comunidade pelotense e região. Os outros experimentos poéticos também tiveram é claro. Mas eles se diferenciam pelos seus objetivos que estavam mais voltados para as pesquisas individuais dos atores e atrizes. O que não impossibilitou que outras pessoas os vissem. Porém, não temos como ter controle dessa parte dos experimentos poéticos, o do contato com os espectadores. Os três experimentos poéticos que citei aqui tinha como principal característica o contato com o outro que não fazia parte da tribo teatral, e se fazia, que não fizesse parte da cidade de Pelotas.

## Conclusão

O GEPPAC possui como método de trabalho teatral o experimento poético. Toda a produção teatral e científica produzida pelo GEPPAC é apresentada para a comunidade universitária e de Pelotas. Em muitas oportunidades também foi apresentado em eventos teatrais e científicos. A preocupação do GEPPAC é difundir seus trabalhos realizados na UFPel e na região de Pelotas. Toda produção visa o diálogo com o outro, seja ele um espectador de teatro, ou um grupo de teatro de Pelotas e da região.

Todas essas ações devem culminar sempre para uma reavaliação sobre a forma como estamos fazendo teatro na cidade. Buscando sempre melhorar ou aprofundar naquilo que concerne as nossas pesquisas.

## Notas

1. As intimações do imaginário são as imagens que formam o repertório de ações de cada pessoa. No caso, aqui, dos atores e atrizes que participaram e participam do GEPPAC. Para maiores informações sobre o assunto recomendo a leitura da tese de doutorado do prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira: "As intimações do imaginário e a formação do ator-professor: cartas sobre a reeducação do sensível". Pelotas: PPGE/UFPel, 2011.
2. As cidades que receberam os experimentos poéticos foram: Piratini, Jaguarão, Pedras Altas, Amaral Ferrador, Santana da Boa Vista, Santa Vitória do Palmar, Cerrito, Herval, São Lourenço do Sul, Canguçu, Capão do Leão, São José do Norte, Pinheiro Machado e Rio Grande. Os encontros aconteceram nos meses de Junho e Julho de 2012 e Março de 2013.

## Referências

- GROTOWSKI, Jerzy. Em Busca de um Teatro Pobre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- GROTOWSKI, Jerzy & FLASZEN, Ludwik. O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- OLIVEIRA, Adriano Moraes de. As intimações do Imaginário na formação do ator-professor: cartas sobre a reeducação do sensível / Adriano Moraes de Oliveira; Orientador: Lúcia Maria Vaz Peres – Pelotas, 2011.
- OLIVEIRA, Adriano Moraes de; PINTANEL, Elias de Oliveira (ORG.); Sobre o teatro na região de Pelotas: primeira abordagem. Pelotas: UFPel - GEPPAC, 2014.
- PINTANEL, Elias de Oliveira. O treinamento de ator como método de pesquisa, trabalho e formação atoral. In: Congresso de Iniciação Científica, XX, Pelotas, 2011. Anais... Pelotas: UFPel, 2011. Disponível em: [http://ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/LA/LA\\_01365.pdf](http://ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/LA/LA_01365.pdf). Acesso em 08/out/13.

STANISLAVSKI, Constantin. A preparação do ator. Rio



# OS MATERIAIS PÉTREOS NA ARQUITETURA NEOCLÁSSICA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS

*COSTA VALLE, Edivania do Carmo*

Aluna do Bacharelado em Conservação e restauro de Bens Culturais Móveis/UFPeL, bolsista PBA/UFPeL

*SANTOS, Veronica Coffy Bilhalba dos*

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro/ICH/UFPeL, orientadora

*CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de*

Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro /ICH/UFPeL, coordenadora

As pedras ornamentais ou de revestimento que compõem os monumentos urbanos, a arte cimiterial e que estão integradas às edificações históricas, fazem parte do patrimônio cultural e artístico<sup>1</sup> (ALMEIDA, 2000). Apesar disso, esses elementos muitas vezes são alvos do descaso – evidente na falta de manutenção – ou são ameaçados pelo vandalismo e pelas descaracterizações provocadas por práticas de conservação e restauração inadequadas. Conforme indicam OLIVEIRA (2002), BRAGA (2003) e FIGUEIREDO (2012), o intemperismo, os maus cuidados e as depredações podem causar danos de difícil solução aos materiais pétreos.

O problema da falta de preservação do patrimônio público em pedra e dos memoriais tumulares é discutido na disciplina de Introdução à Conservação e Restauro de Materiais Pétreos do Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas desde 2013. A docente regente dessa cadeira é também coordenadora do Projeto Marmorabilia, que visa à preservação da arte cimiterial através da pesquisa histórica e da inventariação desse acervo. Os trabalhos desenvolvidos dentro deste projeto e os conteúdos teórico-práticos oferecidos na disciplina colaboram entre si e convergem no propósito de contribuir para a identificação, valorização e proteção dos materiais pétreos associados ao patrimônio coletivo.

No primeiro semestre do ano corrente, as atividades didáticas propostas nessa cadeira iniciaram o levantamento e o registro do estado de conservação de alguns elementos de pedra distribuídos no centro urbano de Pelotas. De acordo com OLIVEIRA (2008, p. 29), essa operação básica é de extrema importância para a preservação da memória e do patrimônio cultural; antecede “qualquer intervenção restaurativa, representando um ponto básico da metodologia da conservação e da restauração”. Nesse momento, apresentam-se os resultados parciais desse trabalho que envolveu nove alunas de graduação e três docentes<sup>2</sup>.

## Metodologia

Os estudos acadêmicos iniciaram com a revisão bibliográfica sobre as principais características das

rochas e os problemas associados à degradação das pedras de ornamento e de revestimento. De um modo geral, os materiais pétreos apresentam características similares, mas a compreensão de seu estado de conservação exige atenção às particularidades de seu uso nas edificações. Nessa etapa, o objetivo do trabalho foi instrumentalizar os alunos a reconhecer as pedras e seus danos superficiais, de modo que pudessem registrar na ficha de levantamento informações básicas ajustadas à terminologia técnica da conservação-restauração. Ao mesmo tempo, estudou-se a patologia dos materiais pétreos para poder apontar a ocorrência de problemas mais graves, quando isso fosse possível.

Após a fundamentação teórica, o grupo de alunas fez um levantamento histórico e uma inspeção nos elementos de fachadas e de escadarias de cinco edificações históricas de Pelotas: Teatro Guarany (1), Hospital Santa Casa de Misericórdia (2), a Antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel – FAEM (3), Clube Caixeral (4) e a Biblioteca Municipal de Pelotas (5). Os dados coletados nessa etapa foram registrados em uma ficha catalográfica, cujos campos de preenchimento em resumo são: descrição formal e caracterização do elemento em pedra (objeto de interesse); a localização do objeto na construção; informações sobre o autor e datação da obra; descrição do estado de conservação do objeto, com observações sobre a ocorrência de intervenções anteriores e de manifestações patológicas.

A ficha catalográfica inclui também a documentação fotográfica dos edifícios e dos materiais pétreos,

com destaque às zonas que apresentam degradações de maior relevância.

Ao fim do processo de catalogação, os dados foram analisados pela autora desse trabalho<sup>3</sup>.

## Resultados

Considerando que o trabalho de catalogação é apenas o início dos trabalhos voltados a conservação-restauração, as informações que nesse momento se destaca são parciais, na tabela 1.

Os dados coletados apresentaram materiais pétreos de cantaria de fachada e de revestimento de escadarias internas e externas: todos estão associados a importantes edificações históricas de Pelotas, pois essas construções datam do período neoclassista e representam um período político importante para esse município<sup>1</sup> (1861 – 1921).

Com relação aos danos evidentes que podem preocupar, no sentido que prejudicam a estética das obras ou porque podem facilitar a degradação das pedras, foram: microfissuras, fissuras, rachaduras; erosão e perdas do suporte; crostas negras e outros tipos de incrustações desconhecidas; manchas amareladas de origem desconhecida, manchas de umidade e de ferrugem, eflorescência de sais, grafitismo; presença de agentes biológicos, tais como musgos, algas e vegetação; resquícios de obras e de intervenções anteriores (resíduos de argamassa, cimento, tinta e outros).

Edificação	Pedra	Função	Data	Conserv.	Intervenções	Patologia
<b>Teatro Guarany</b>	Metamórfica: Mármore	Escadaria interna	15/04/2014	B	S	<b>1-3-4-5- 14-15</b>
<b>Biblioteca Púb. Pelotense</b>	Metamórfica: Mármore	Escadaria Interna	15/04/2014	R	N	<b>1-3-4-10</b>
<b>Antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel</b>	Metamórfica: Mármore	Escadaria externa	15/04/2014	R	S	<b>1-3-7-13</b>
<b>Clube Caixeral</b>	Ígnea Intrusiva: Granito	Embasamento da fachada	15/04/2014	R	N	<b>1-3-4-7-8- 11-16</b>
<b>Hospital Santa Casa</b>	Ígnea Intrusiva: Granito	Embasamento da fachada	15/04/2014	R	S	<b>1-2-3-4-5- 6-7-8-9- 10-11-12</b>

Dados de tabulação: B – bom; R – regular; P – péssimo; S – sim; N – não; 1 - sujidade; 2 - degradações diferenciadas; 3 - fissuras; 4 - microfissuras; 5 - perdas do suporte; 6 - algas; 7 - líquens; 8 - vegetação; 9 - insetos; 10 - manchas de corrosão de metais ferrosos; 11 - mancha de umidade; 12 - resíduos de obras; 13 - crosta negra; 14 - rachaduras; 15 - abrasão; 16 - grafitismo. Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir dos dados fornecidos pelo grupo da pesquisa.

## Conclusões

De um modo geral, as obras que foram inspecionadas durante a prática acadêmica apresentam um estado de conservação regular, bastando solucionar alguns problemas de maneira pontual. Por outro lado, certas evidências indicam manifestações patológicas bastante sérias.

Destaca-se, por exemplo, a eflorescência salina e as manchas de ferrugem, cuja causa é a umidade excessiva crônica, que se alastra por capilaridade. Os problemas evidentes apontam para estresses físicos internos, tais como a cristalização de sais e crostas da corrosão no interior da pedra. O efeito desses problemas é a fragilização do suporte – por aumento da porosidade e trincas, com a consequência de pulverização e destaque de partes. Dessa forma, parece ser necessário que os proprietários e/ou administradores dos prédios que foram inspecionados resolvam a origem dos problemas: a umidade.

Os resultados dessa pesquisa estão vinculados ao Projeto Marmorabilia. Entretanto, frente às características distintas dos materiais pétreos tumulares e do centro urbano, faz-se necessário cadastrar um projeto de extensão intitulado Materiais Pétreos na Arquitetura Pelotense. O grupo de trabalho percebe que não basta apontar os problemas: é necessário motivar soluções e envolver a comunidade nessa ação de preservação. Assim, o novo projeto terá por objetivos: inventariar os materiais pétreos de edificações históricas e de pontos urbanos importantes, tais como os monumentos localizados em praças; identificar a autoria e reafirmar a importância histórica e o valor artístico desses elementos para Pelotas; caracterizar de uma maneira geral os tipos de pedras que lhes constituem; estudar as causas e os efeitos de degradação, registrando alterações associadas à patologia; e indicar maneiras de estabilizar os danos conforme as referências recomendam.

## Notas

1. Entre as associações de estudiosos com interesses na preservação da arte cemiterial estão a ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Disponível em <http://www.estudoscemiteriais.com.br>, acesso em 12 abr. 2014; e a ASCE - Association of Significant Cemeteries in Europe. Disponível em: [www.significantcemeteries.org](http://www.significantcemeteries.org), acesso abr. 2014.

2. Ana Carolina Behling, Edivania do Carmo, Eduarda Peres, Julia Xavier Bastos, Márcia R. dos Santos Dutra, Mirella Moraes de Borba, Paula de Aguiar Azevedo e Priscilla Pinheiro Lampazzi; Prof.<sup>a</sup> Me. Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho; Prof. Me. Roberto Heiden e a Prof.<sup>a</sup> Me. Veronica Coffy Bilhalba dos Santos.

3. Orientação da Prof.<sup>a</sup> Veronica C. B. dos Santos.

## Referências

ALMEIDA, Frederico Faria Neves. Conservação de Cantaria: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

BRAGA, M. D. Conservação e restauro: pedra, pintura mural e pintura em tela. Rio de Janeiro: Rio, 2003.

FIGUEIREDO JR., J. C. D. de. Materiais Pétreos. In: FIGUEIREDO JR., J. C. D. de. Química Aplicada à conservação e restauração de bens culturais: uma introdução. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012, pgs. 136-142.

OLIVEIRA, M. M. de. Rochas Ornamentais (pedra). In: OLIVEIRA, M. M. de. Tecnologia da conservação e da restauração: materiais e estruturas. Salvador: EDUFBA/ABRACOR, 2002, pgs. 74-81.

OLIVEIRA, M. M. de. Cadastros e levantamentos. In: OLIVEIRA, M. M. de. A documentação como ferramenta de preservação da memória. Brasília, DF: IPHAN/ Programa Monumenta, 2008, Cadernos Técnicos nº 7, pgs.27 – 49.



# POÉTICAS DA DIFERENÇA NA UFPEL: PRÁTICAS DE 2013 E 2014

**TAVARES, Érika Macedo**

Aluna da Licenciatura em Dança em 2013/UFPEl, bolsista PROBEC/UFPEl

**GARCIA, Deivid**

Aluno da Licenciatura em Dança em 2014/UFPEl, bolsista PROEXT/UFPEl

**SANTOS, Leonora C. da M.**

Professora do Centro de Artes, Coordenadora do projeto e orientadora das atividades

**NASCIMENTO, Flávia M.**

Professora do Centro de Artes, Colaboradora do projeto e orientadora das atividades

Este resumo relata as ações dos alunos do Curso de Dança-Licenciatura, monitores bolsistas desde 2013/2 do projeto de extensão Poéticas da Diferença na UFPEl. O projeto é composto atualmente por 10 crianças de 07 a 12 anos que possuem diagnósticos de hiperatividade, dificuldades de relacionamento social, agressividade, entre outras características consideradas transtornos de comportamento. O trabalho é desenvolvido através da parceria com as psicólogas do Centro de Atenção à Saúde Escolar (CASE), instituição do município de Pelotas ligada à Secretária Municipal de Saúde.

Temos, por objetivos gerais: desenvolver inteligência/consciência do movimento (possibilidades e limitações); exercitar a criatividade, a expressão corporal e o convívio em grupo; favorecer a disponibilidade cognitiva para múltiplos processos de aprendizagem; romper com rótulos pré-estabelecidos; possibilitar, aos monitores, experiência de prática pedagógica em dança relacionada à temática da diversidade.

O projeto Poéticas da Diferença na UFPEl existe desde 2010 e, no período aqui relatado, vem trabalhando com práticas pedagógicas a partir dos gêneros das Danças Urbanas, buscando realizar um trabalho que possibilite não só a experiência em contato com o extenso campo dessas danças, mas com a investigação artística e criativa em relação a vida cotidiana dos alunos, oportunizando a eles experiências e construção de conhecimento pelo viés crítico da arte.

## Metodologia

As ações do projeto envolvem aulas de dança, com 2 horas de duração, que acontecem uma vez por semana, nas dependências da Associação de aposentados da CTMR (também parceiro do projeto) e envolvem práticas diretivas de dança que partem das movimentações nos diferentes subgêneros das Danças Urbanas (a exemplo do Hip Hop). Associa-se a este trabalho, a exploração de jogos e brincadeiras do universo infantil como estratégia para exercitar a técnica da dança, a improvisação com o conteúdo apreendido e composição coreográfica visando o exercício da expressividade artística da dança. Além disso, procuramos associar estas práticas ao universo escolar e ao nível de escolaridade de cada aluno, buscando favorecer uma compreensão do aprendizado de dança que seja estendida

ao contexto mais ampliado da criança e que permita instrumentalizá-la a experimentar outras formas de reconhecer, lidar e explorar suas competências e dificuldades.

Em outras palavras, a metodologia praticada nos processos das aulas arrisca buscar estabelecer diferentes maneiras de relacionar a vida cotidiana dos alunos com as Danças Urbanas e desenvolver conhecimentos mais específicos, tais como: conhecer as articulações do corpo através de brincadeiras, jogos e técnicas das Danças Urbanas; estimular a memória, agilidade, flexibilidade, força e a resistência; exercitar a atenção, a concentração e a coordenação motora; treinar o desenvolvimento do equilíbrio e a liberdade de criação dos alunos; desenvolver atenção e percepção sobre o colega enquanto se dança, entre outras competências.

Ocorrem reuniões mensais no CASE com os pais e responsáveis dos alunos junto com a coordenação do projeto, as psicólogas e os bolsistas para que haja um acompanhamento compartilhado do processo das aulas, procurando compreender como o trabalho desenvolvido nas aulas pode estar relacionado a mudanças de comportamento e desses alunos dentro do âmbito das aulas de dança e em seu contexto mais ampliado (família, escola, relações de amizade, etc.).

## Resultados

Desde 2010 o projeto trabalhou conteúdos e metodologias diferentes do que as aqui relatadas. Eram aplicadas atividades pedagógicas com a dança trabalhando a improvisação e a exploração individual de movimento e expressão corporal associados aos jogos e brincadeiras do universo infantil. Desenvolveu-se também a relação do movimento-significado através da estratégia de criação de um alfabeto corporal, ou seja, formas corporais associadas às letras do alfabeto, o que favoreceu a muitos alunos a facilitação do desenvolvimento da escrita, da leitura e da memorização.

As propostas desenvolvidas até então não criaram interesse no grupo de alunos associado ao projeto no início do ano de 2013. Por isso e também pela manifestação do grupo de alunos do referido ano, no 2º semestre de 2013 o projeto focou as atividades nas Danças Urbanas. Neste trabalho podemos ver a evolução das crianças do projeto com os movimentos deste gênero da dança, onde elas aprenderam a ter uma melhor percepção e desenvolvimento do autocontrole.

Após algumas semanas de trabalho no projeto Poéticas da Diferença já recebemos retornos dos pais e

responsáveis pelos alunos, indicando melhora no desempenho escolar dessas crianças, além de também ter sido notado união e esforço nas mudanças de relacionamento entre o grupo de alunos, acreditamos que ocorre por meio da influência instigada pelo trabalho de criação coletiva e competitiva nas aulas.

## Conclusão

As Danças Urbanas ajudam no desenvolvimento motor, sendo assim, a criança desenvolve a percepção corporal e a coordenação motora através de passos básicos dos subgêneros da dança.

Ao as crianças despertamos o interesse dos alunos pela dança através da Cultura Hip Hop aplicado nas aulas desde o ano passado, reconhecemos positividade na ação de extensão e, com isso, avanços do projeto, sobretudo no que tange à capacidade de relacionar a experiência da sua organização pessoal com a dança com as situações de relações afetivas nos demais âmbitos do seu contexto de vida.

Através das reuniões ocorridas no CASE com os responsáveis das crianças do projeto, psicólogas, coordenadora e monitores (bolsistas), desde o ano passado é relatado um progresso no comportamento, na aprendizagem escolar e no desenvolvimento motor dos alunos, tendo a observação dos ótimos resultados que as Danças Urbanas oferecem no campo da aprendizagem.

O interesse na continuidade do projeto por parte de todos os envolvidos: instituição CASE, pais e/ou responsáveis, alunos participantes, docente e discentes da UFPel motiva a continuidade da ação. Sobretudo porque o processo deste projeto procede a uma união e estreitamento nas relações entre pais e filhos, e entre família, instituição CASE e universidade.

## Referências

- RIBEIRO, Ana; CARDOSO, Ricardo: Dança de Rua: Campinas SP: Átomo, 2011.
- CAMARGO, Emerson: A dança de relações e experimentação: Curitiba: Ithala, 2013.
- OXLEY, Tauana: DANÇAS URBANAS NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PELOTAS: diagnóstico e possibilidades pedagógicas. TCC, UFPEL, 2013.

# POLVO POVO BRASILIS: MOSTRA DIDÁTICA DE AUTORRETRATOS

*PERIN, Murilo Alves*

Aluno do curso de licenciatura em artes visuais/UFPel, monitor da disciplina de Desenho de Figura Humana/UFPel

*SENNÁ, Nádia*

Profª Drª em Ciências da Comunicação Centro de Artes/UFPel, orientadora

O relato contempla reflexões e práticas decorrentes de projetos integrados que envolvem ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos junto ao Ate-liê de Desenho de Modelo Vivo, com a participação de alunos dos cursos de Artes Visuais, Design e Cinema de Animação, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Os projetos realizados nos últimos anos foram concebidos em torno do autorretrato, conteúdo da disciplina de Desenho de Figura Humana (que integra a grade curricular de diferentes cursos do CA). O trabalho é transdisciplinar, articulando professores de pintura, fotografia, história da arte, entre outros, para invocar saberes e repertórios pertinentes às representações/apresentações, discursos e visualidades dos indivíduos que constituem a comunidade acadêmica.

Procurando compreender e interpretar a complexidade de processos que envolvem a construção da identidade na contemporaneidade, centramos o foco no povo brasileiro, em função da “desregionalização” que o ENEM provocou junto aos acadêmicos do curso. Interessa ao projeto destacar a miscigenação racial e cultural fundantes da identidade nacional, diversidade e singularidade que comparecem nos autorretratos desenhados pelos alunos participantes. Como referência artística prioritária selecionamos a série “Polvo” elaborada pela artista plástica Adriana Varejão, exibida esse ano no país, cuja pesquisa se detém na representação da cor da pele dos brasileiros e nas ambiguidades em torno das definições de raça, colonialismo e mestiçagem. CANTON (2009) e FABRIS (2004), entre outros, fundamentam a discussão conceitual.

## Metodologia

Em função da natureza híbrida das ações, elencamos metodologias diferenciadas, que melhor atendam aos objetivos propostos nas várias etapas do projeto: comparecem a pesquisa imagética e documental, pesquisa de materiais e técnicas, processos criativos e produção artística, exibição e montagem, produção gráfica, mediação, registro visual e documental, avaliação e desdobramentos pedagógicos. O autorretrato desempenha papel crucial na produção artística fornecendo dados e corroborando para a construção da história da arte. Das experimentações como “espelho do artista”, que alude ao autoconhecimento, verdade

e iluminação do Renascimento, até as encenações contemporâneas que ultrapassam a mera contemplação, para ensejar posições engajadas e projeções sociais, o tema fornece parâmetros para desvendar a imagem que os artistas forjaram de si, atualizando e/ou reformulando arquétipos, e, sobretudo, como promovem a legitimação de si como profissionais e indivíduos. Permeia a produção o elo que se estabelece entre identidade e imaginário, os artistas investem em autorrepresentações assumindo diferentes papéis, exatamente para questionar as imagens que a cultura midiática põe em circulação.

Ao longo dessa prática, que vem sendo desenvolvida junto às turmas desde o ano 2000, comparecem as proposições que se apoiam em artistas referenciais, personagens reais e ficcionais, na história da arte e da cultura para instigar a pesquisa e o fazer artístico, instaurando novos modos de ver e de darse a ver. A linha conceitual que norteia o projeto desenvolvido em 2014 se apoia na noção de identidade e alteridade, buscando discutir a questão a partir da produção na arte contemporânea brasileira. Canton nos oferece um panorama onde salienta a liberdade para “brincar” com a própria imagem, a recriação e a subversão presentes nos autorretratos que dão a ver múltiplas identidades de um mesmo sujeito. Fabris aponta a estrutura discursiva, os sentidos e normas que incidem sobre o retrato fotográfico quando assume uma função de identificação decorrente do uso pela jurisdição.

## Resultados

A construção do autorretrato partiu da discussão sobre etnia brasileira presentes na obra de Adriana Varejão, e sua pesquisa com base na declaração dada ao IBGE sobre “Qual a cor de sua pele?” Diante do exotismo e inusitado das respostas, onde a cor configura um suposto social, a artista construiu uma caixa com 33 tons de pele. A série é acompanhada de retratos com inserções de uma das cores sobre a face da artista, que lembram pinturas tribais, contudo predominam os tons acinzentados na pintura. Escolhemos mostrar as “tribos” que circulam pelo ateliê, seguindo essa estratégia, retrato em P&B, com inserção de escala de cores pessoais. Um colega fez as fotos no ateliê, focando só o rosto, tipo um retrato de identidade, incluindo perfil e frente, tal quais as fotos de identificação realizadas em departamentos policiais. De posse da imagem, prepara-se uma matriz que servirá para ampliar e construir o autorretrato. Cabe salientar o aspecto fantasioso,

expressivo ou sutil que se alcançou em determinadas construções, ao mesmo tempo o conjunto se instaura como alegoria do coletivo.

## Conclusão

As experiências junto ao ateliê demonstram o quanto à imagem do corpo é fundamental na construção dos discursos que os indivíduos forjam para si mesmos; essa imagem é, sobretudo, um projeto lúdico, uma celebração móvel e artificiosa que reivindica a pluralidade de identidades pós-modernas.

## Referências

- CANTON, Kátia. *Corpo, Identidade e Erotismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

# PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL EM JAGUARÃO ATRAVÉS DE UM PLANEJAMENTO URBANO VOLTADO AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E DA ECONOMIA LOCAL

*PEREIRA, Franciele Fraga*

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

*BANDEIRA, Giovana de Matos*

Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo/UFPeL, bolsista do PROEXT/UFPeL

*ZECHLINSKI, Ana Paula Polidori*

Professora do Departamento de Arquitetura /FAUrb/UFPeL, orientadora

*FARIA, Ana Paula Neto de*

Professora do Departamento de Arquitetura /FAUrb/UFPeL, coordenadora

Este trabalho está vinculado ao projeto de extensão “Planejamento urbano, inclusão social e patrimônio ambiental urbano”, voltado para o desenvolvimento urbano da cidade de Jaguarão-RS, buscando auxiliar os órgãos de gestão urbana na compreensão das dinâmicas sociais e urbanas que interferem na inclusão social e na preservação patrimonial. O projeto apresentado busca aprimorar o processo de trocas de informação e a formação dos gestores públicos. Para isso, é necessário desenvolver e treinar novos conhecimentos e habilidades para os gestores urbanos e também facilitar a participação da população nas discussões sobre o futuro da cidade.

O trabalho aqui apresentado pretende apoiar o planejamento urbano da cidade, com foco para as ações que visam o desenvolvimento econômico e turístico como uma das formas de valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. O objetivo do trabalho consiste em entender as possibilidades de incrementar a atividade turística, através de oficinas com os gestores da cidade, buscando trazer a tona discussões sobre questões importantes do planejamento. Jaguarão situa-se sul do estado, fazendo fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai. A fundação da cidade em 1832 está relacionada à sua posição estratégica, importante para o Brasil durante a Guerra do Paraguai. A cidade, que conta com acervo significativo de patrimônio histórico arquitetônico, teve parte de sua área urbana tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2011. Além disso, a cidade sofre com mudanças sociais e econômicas, causadas pelos novos polos de atração (UNIPAMPA, IFSUL, Centro de Interpretação do Pampa). Nesse panorama, emerge a necessidade de pensar e elaborar diretrizes de planejamento urbano para a conciliação dos polos de crescimento e do patrimônio histórico e cultural da cidade.

A proposta de trabalho busca contribuir com o planejamento da cidade, enfocando a relação entre as atividades turísticas e o patrimônio histórico. As ações pretendem transformar não só a realidade atual da cidade, mas principalmente pautar o desenvolvimento futuro, buscando integrar os diferentes setores re-

ferentes à cultura e à economia local. Para que isso aconteça, a equipe composta por acadêmicos e professores busca uma aproximação com a cidade e com os órgãos de gestão pública, possibilitando encarar a problemática atual e discuti-la de modo amplo e integrado.

## Metodologia

O trabalho organiza-se a partir de um estudo da cidade passando pelas etapas iniciais de fundamentação teórica; levantamento e organização dos dados referentes às atividades presentes nos lotes urbanos e classificação do uso do solo. Em seguida, são realizadas oficinas com os profissionais técnicos de diferentes secretarias da Prefeitura Municipal de Jaguarão. O objetivo dessas oficinas é promover a integração entre os setores de gestão, buscando avaliar a realidade a partir da análise e interpretação dos dados de uso do solo urbano, para então discutir possíveis ações conjuntas de planejamento urbano. Por fim, está previsto um período de discussões com a comunidade para compreender os anseios e dificuldades em relação à preservação patrimonial, tendo como produto a elaboração e divulgação de material educativo sobre o patrimônio histórico.

A etapa inicial está pautada por estudos que enfocam as relações entre o turismo e a preservação patrimonial (FUNARI e PINSKY, 2001; BRANCO, s.d.), encontrando suporte também nas abordagens de morfologia e economia urbanas.

O levantamento das atividades presentes em cada lote, considerando toda a área urbana de Jaguarão, foi realizado no local, por alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, em 2012 e 2013, sendo que em algumas áreas esses dados foram conferidos e atualizados no início do ano de 2014. Os dados coletados foram organizados em um SIG (Sistema de Informações Geográficas), tendo como suporte o software QGIS. Esses dados referem-se às atividades específicas identificadas a campo, sendo necessário classificar novamente as informações segundo categorias adequadas aos objetivos do trabalho. Essas categorias referem-se aos tipos de atividades que podem estar associadas ao turismo na cidade.

Nas oficinas realizadas com os órgãos gestores da cidade são construídos mapas temáticos, que possibilitam realizar análises espaciais e interpretar os resultados. Assim, busca-se identificar situações em

que o turismo pode contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade. A elaboração desses mapas é de grande importância nas oficinas e posteriormente irá contribuir na elaboração de materiais educativos para a divulgação da importância da preservação do patrimônio histórico da cidade.

## Resultados

A etapa do levantamento a campo está concluída. Além de ser importante para a coleta de dados, essa etapa contribuiu para o reconhecimento da cidade e do contexto urbano no qual a área de estudo está inserida, sendo fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

Neste momento, o trabalho encontra-se na fase de organização dos dados referentes às atividades presentes nos lotes urbanos e classificação do uso do solo. A categorização está sendo feita por tipos de uso, sendo eles: lazer, gastronomia, cultura e comércio típico. A definição das categorias ainda pode ser alterada conforme o desenvolvimento do estudo, pois à medida que esta etapa do trabalho avança pode surgir a necessidade de criar novas categorias para a classificação dos dados.

As oficinas com os técnicos da prefeitura já estão agendadas e espera-se realizar as análises através da construção de mapas temáticos, nos quais seja possível identificar o padrão espacial da presença de atividades relacionadas ao ramo turístico e cultural. Para, em seguida, investigar a possibilidade de incrementar a atividade turística, de modo a contribuir na valorização do patrimônio histórico e cultural de Jaguarão. O trabalho visa auxiliar no planejamento urbano da cidade, através da instrução aos órgãos gestores e meios educativos a comunidade, buscando alternativas para reforçar o desenvolvimento da economia local.

## Conclusão

O projeto tem a intenção de promover a integração dos técnicos de diferentes secretarias da Prefeitura Municipal de Jaguarão, viabilizando o diálogo e a discussão entre os setores encarregados das questões urbanas, culturais e econômicas da cidade. Além disso, pretende-se compreender como o planejamento urbano pode contribuir para que se estabeleça uma relação positiva entre as atividades turísticas e culturais e a preservação do patrimônio arquitetônico e urbano. Os levantamentos de disposição das ativida-

---

des nos lotes da cidade podem auxiliar para o melhor entendimento dessa proposta de planejamento, que valorize o patrimônio da cidade.

## **Referências**

FUNARI, P.P e PINSKY, J. Turismo e Patrimônio Cultural. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

FUNARI, P.P. e PELEGRINI, S.C.A. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

## **Referências eletrônicas**

BRANCO, P.M.C. Patrimônio Histórico e Turismo: Uma Construção Social. Fundação de Cultura Catarinense, Florianópolis. Acessado em 24 jul. 2014. Online. Disponível em: [http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/2008101302Artigo\\_-\\_Patrimnio\\_Histrico\\_e\\_Turismo.pdf](http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/2008101302Artigo_-_Patrimnio_Histrico_e_Turismo.pdf)



# PRÓ-BICHO PELOTAS

## *SANTOS, Midiã Reichow*

Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais/UFPe e bolsista PROBEC/UFPe

## *MOREIRA, Andressa Vasconcellos*

Aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais/UFPe e bolsista PROBEC/UFPe

## *FAGUNDEZ, Alan Rafael Roja*

Aluno do curso de Bacharelado em Artes Visuais/UFPe e bolsista PROBEC/UFPe

## *ANGELI, Juliana Corrêa Hermes Angeli*

Professora de Fotografia e de Produção Cultural do Centro de Artes da UFPe e professora coordenadora

O projeto de extensão Pró-Bicho Pelotas atua desde 2012 através da obtenção, do tratamento de imagens e da divulgação de fotografias de animais que se encontram para adoção na cidade de Pelotas e região. O Pró-Bicho Pelotas presta serviços gratuitos aos protetores independentes da cidade e possui parceria com a ONG SOS Animais Pelotas, a ONG A4 (Associação de Amigos dos Animais Abandonados do Município de Capão do Leão) e o Canil da Prefeitura Municipal de Pelotas. O objetivo principal do projeto é a divulgação de fotografias de animais adultos, sem raça definida e que estejam para adoção, com qualidade profissional na captação e no tratamento das imagens. Além disso, são objetivos do projeto oferecer experiência profissional aos alunos que cursaram as disciplinas de Introdução à Fotografia e Fotografia dos cursos de graduação do Centro de Artes e através da veiculação de imagens produzidas pelos alunos, diminuir a população de animais de rua. Desde o ano de 2012, o projeto já fotografou mais de quinhentos animais entre cães e gatos e destes, cerca de 50% já encontraram novo lares.

## Metodologia

Entre as atividades exercidas pelos bolsistas do projeto, temos primeiramente o agendamento de sessões fotográficas que acontecem semanalmente, sempre aos sábados no Centro de Artes da UFPe. O agendamento é feito através do email do projeto (probichopelotas@gmail.com) ou através da nossa página na rede social Facebook (<https://www.facebook.com/ProBichoPelotas>). Para as sessões de fotografias dispomos de figurinos doados pela comunidade e de um fundo infinito branco desmontável construído especialmente para ser utilizado na obtenção das imagens. Após serem obtidas com câmeras profissionais, as fotografias são selecionadas e tratadas em programas de edição de imagens. Posteriormente, entre cinco e dez imagens são postadas em álbuns na página do projeto e são divulgadas junto com os contatos da pessoa responsável pelo animal. Após as postagens, a página é monitorada com o objetivo de tirar dúvidas sobre os animais e sobre o contato do protetor responsável. Quando o animal é adotado, seu álbum é atualizado e é acrescentada a informação "Adotado". Além das imagens produzidas no projeto, o Pró-Bicho Pelotas

também compartilha imagens enviadas por protetores e pedidos de ajuda ou casa de passagem para animais em situação de risco.

A fotografia de Pets vêm sendo exploradas no mercado já há algum tempo. Imagens bem produzidas e tratadas eternizam os momentos vividos pelo cão (ou gato) e seu dono (LIMBERGER:2011). Porém, nem sempre esses serviços possuem um preço acessível. Para protetores que precisam de imagens de inúmeros animais, esses valores acabam sendo impraticáveis. Notamos que no caso de animais sem raça definida para adoção, uma imagem com boa qualidade técnica chama a atenção e aumenta consideravelmente as possibilidades deste de conseguir um novo lar. As imagens que apresentam animais de forma singular, com figurinos personalizados e utilizando recursos tais como pose e enquadramento, que remetem à tradição do retrato fotográfico de seres humanos (FABRIS, 2004), acabam tendo repercussão maior e conseqüentemente maior compartilhamento na rede social. A humanização dos bichinhos através destes procedimentos confere aos animais uma individualidade que parece sensibilizar mais as pessoas (Figura 1). Conseqüentemente, as chances de adoção aumentam. O animal de rua, antes visto como comum, agora adquire status especial.



Figura 1: Cão Amarelinho, fotografado pelo projeto e que está para adoção responsável  
Fonte: Pró-Bicho Pelotas, 2014.

Estamos entrando no terceiro ano de atuação do projeto. Durante os anos de 2012 e 2013 tivemos cerca de 10 voluntários envolvidos nas sessões fotográficas e no tratamento de imagens. Em 2012, pudemos contar com uma bolsista PROBEC/UFPEL; em

2013 contamos com duas bolsistas PROBEC/UFPEL; e devido ao aumento da demanda das fotografias e da formação das parcerias com as ONGs locais e com o Canil Municipal, em 2014 estamos atualmente com três bolsistas atuantes.

Conforme o gráfico abaixo (Gráfico 1), em 2012 foram fotografados 167 animais, entre cães e gatos, Destes 107 foram adotados e 56 ainda aguardam um lar. Já no ano de 2013, o projeto Pró-Bicho Pelotas fotografou 278 animais e destes 130 foram adotados.

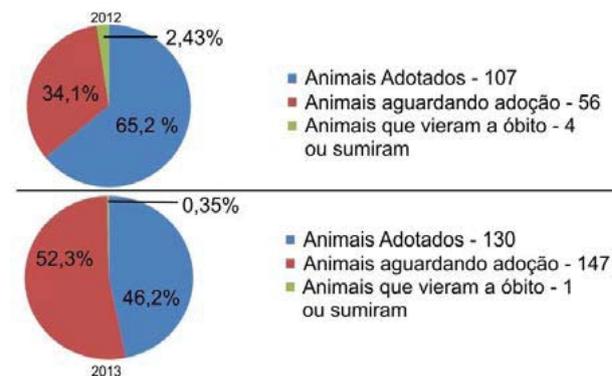


Gráfico 1: Gráfico comparativo do Projeto Pró-Bicho Pelotas nos anos de 2012 e 2013.

Fonte: Pró-Bicho Pelotas, 2014.

Os números apontam o êxito do Projeto, porém pode-se notar uma pequena diminuição na porcentagem de adoções em 2013 com relação ao ano de 2012. Acreditamos que isso ocorreu porque nem sempre temos retorno imediato dos padrinhos se o animal foi adotado ou não, o que dificulta a atualização dos dados. Outro fator que contribuiu foi o aumento da quantidade de animais fotografados em 2013 e ao aumento de álbuns postados no mesmo dia, o que acarretou com que alguns não fossem visualizados em detrimento de outros.

Através das parcerias e do aumento da quantidade de bolsistas, aumentamos nossa capacidade de atendimento com relação ao ano de 2012, quando foram fotografados 167 animais entre cães e gatos. Em 2013 este número subiu para 278 animais

## Conclusão

O projeto Pró-Bicho Pelotas vem crescendo a cada ano. Já contribuimos para mudar o destino de 237 animais de rua que foram resgatados por ONGs ou por protetores independentes. Entre os desafios encontrados ao longo deste período, buscamos em 2014 soluções para o grande volume de fotos postadas na

---

página. Os álbuns antes apresentados aos domingos tiveram suas postagens divididas ao longo dos dias da semana. Optamos por postagens diárias de dois ou três álbuns com o objetivo de não saturar a rede social e para que todos os fotografados tenham as mesmas chances de serem vistos.

Notamos que as parcerias têm surtido efeito positivo nas adoções dos animais divulgados pelo Projeto. Igualmente, o aumento de visitas e do alcance da página, que atinge mais de 15 mil pessoas semanalmente, e o aumento na quantidade de seguidores (que passou de 2.000 pessoas em 2012, para mais de 4.000 em 2013), fez com que inúmeras pessoas se interessassem e se engajassem na causa dos animais de rua. Muitas vezes, somos procurados por pessoas, que mesmo não podendo adotar, se interessam por maneiras de auxiliar na causa animal, seja através de doações para as ONGs parceiras, seja através de ações de voluntário.

Neste terceiro ano de Projeto, notamos que o perfil do Pró bicho Pelotas vem se definindo e se afirmando. Somos referência na cidade de Pelotas de projeto que auxilia a causa animal de forma criativa e sensível.

## Referências

ANGELI, Juliana. A resignificação do retrato fotográfico na arte contemporânea. In: CATTANI, Icleia (Org.). *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Pg. 167-181.

BUSSELE, Michael. *Tudo sobre Fotografia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. FABRIS, Annateresa. *Identidade Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

LIMBERGER, Fernanda Müller. *Fotografia de Estimulação: um estudo de caso que aborda a recordação como desejo de consumo*. Porto Alegre, 2011. Projeto de Graduação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 92p.

## Referências Eletrônicas

ASSOCIAÇÃO dos amigos dos animais abandonados. Disponível em: <http://www.a4amigos.com>. Acesso em 13 de junho. 2013.

SOS Animais Pelotas. Disponível em: <http://sosanimaispelotasrs.blogspot.com.br>. Acesso em 15 de junho. 2013.



# PROPOSTAS DE DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO PARA A CIDADE DE PIRATINI-RS

*SILVA, Sarah Juliane Domeles da*

Aluna do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

*OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de*

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/FAUrb/UFPeI, orientadora

*SILVEIRA, Aline Montagna da*

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/FAUrb/UFPeI, coordenadora.

A atuação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no estudo, registro e preservação dos centros históricos das cidades que integram o distrito geoe educacional da UFPeI tem como premissa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. No campo da preservação do patrimônio cultural, pauta-se em experiências que vêm sendo realizadas com essa preocupação, sendo as mais recentes os relatos apresentados por FABRIZZI (2004).

A inserção na realidade local tem suas origens em viagens de estudo realizadas pela disciplina de Arquitetura Brasileira, desde os anos 80 do século passado. Piratini integrava o roteiro de cidades estudadas, por possuir um acervo representativo da tipologia da arquitetura e do urbanismo luso-brasileiros.

O reconhecimento desse acervo foi a gênese da primeira experiência da disciplina de Técnicas Retrospectivas na cidade, realizada em 1998 (OLIVEIRA, 1998). Nessa época, os alunos e professores realizaram estudos na área histórica delimitada pela Portaria nº 19/1991, que delimitava o perímetro do centro histórico de Piratini. Os estudos resultantes do Plano de Diretrizes desse trabalho auxiliaram na elaboração de um instrumento legal de preservação que regulamentava o aparato publicitário na área do centro histórico.

As repercussões desse trabalho originaram uma parceria entre a FAUrb-UFPeI, o IPHAE e a Prefeitura Municipal, que resultou na atividade de extensão denominada Qualificação do Espaço Urbano de Piratini (OLIVEIRA, OLIVEIRA e SARTORI, 2001), que apresentava estudos e propostas de aplicação da cor para o tratamento das edificações que estavam localizadas na área definida pela perimetral de preservação da cidade.

O reconhecimento e a valorização do acervo desta área faz parte das ações de preservação que visam à conscientização sobre a sua importância desses bens. Dentre eles, destaca-se a Linha Farroupilha, que define um trajeto a ser percorrido pelo pedestre

na cidade. A Linha Farroupilha apresenta uma linha do tempo com os principais momentos da história (relacionando Piratini com o Rio Grande do Sul, o Brasil e o Mundo, desde 1500 até 1890) e um breve histórico das edificações que integram o trajeto, indicando o nível de proteção de cada bem (federal, estadual ou

municipal). O percurso é indicado por um conjunto de elementos: dois painéis com o trajeto proposto, linha do tempo (painel na praça da igreja), elementos metálicos indicadores da trilha a ser percorrida e placas fixadas nas edificações, salientando a história e as características arquitetônicas de cada bem (STORCHI e ROMAN, 2012).

A ampliação recente da área de preservação do centro histórico de Piratini (RIO GRANDE DO SUL, 2013) e a regulamentação do aparato publicitário (RIO GRANDE DO SUL, 2011) levou a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto a solicitar novamente a participação da universidade nas discussões sobre a preservação do patrimônio histórico de Piratini (Figura 1).



Figura 1: Poligonal de preservação do centro histórico de Piratini

Fonte: RIO GRANDE DO SUL, 2013.

A necessidade de adaptação à nova legislação, assim como a regulamentação do aparato publicitário e da colorística foram as demandas mais importantes apontadas pela administração local e constatadas pela equipe de trabalho. Nessa perspectiva, a conscientização da população sobre as possibilidades de preservação do patrimônio edificado, atendendo às normas dos órgãos de preservação, mostrou-se necessária e pertinente, instigando a elaboração de novas ações.

A necessidade de adaptação à nova legislação, assim como a regulamentação do aparato publicitário e da colorística foram as demandas mais importantes apontadas pela administração local e constatadas pela equipe de trabalho. Nessa perspectiva, a conscientização da população sobre as possibilidades de preservação do patrimônio edificado, atendendo às normas dos órgãos de preservação, mostrou-se necessária e pertinente, instigando a elaboração de novas ações do projeto.

## Metodologia

A metodologia de trabalho consiste na organização e sistematização do material produzido pela disciplina de Técnicas Retrospectivas – Projeto de Arquitetura e Urbanismo, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, com o intuito de disponibilizar o material para a prefeitura solicitante. Nesse processo, a análise e a reflexão sobre os resultados obtidos encaminham as atividades a serem desenvolvidas no próximo semestre.

Os trabalhos de Levantamento Urbano, Projeto Urbano e a aplicação de questionários sobre as necessidades da população, assim como a apresentação dos resultados à comunidade (Figura 2) identificaram e apontaram aspectos a serem trabalhados no projeto.



Figura 2: Apresentação dos resultados do trabalho da disciplina para a comunidade local de Piratini

Fonte: Fotografia das autoras, 2014.

## Resultados

A partir da apresentação dos resultados da primeira etapa do trabalho e do contato com a comunidade local, foi detectada a necessidade de elaborar materiais que possibilitem o entendimento da arquitetura luso-brasileira (Figura 3), da importância da colorística para a valorização do patrimônio edificado e de ações de educação patrimonial que tenham como premissa a preservação da arquitetura e do urbanismo da cidade.



Figura 3: Arquitetura luso-brasileira em Piratini  
Fonte: Fotografia das autoras, 2014.

## Conclusão

A primeira etapa do projeto de extensão possibilitou a realização de um diagnóstico qualitativo de possibilidades de atuação da equipe, visando contribuir para a preservação do patrimônio cultural da cidade. A partir dessas constatações, os encaminhamentos para a próxima etapa consistem na elaboração de propostas de ações educativas e de material de apoio para a conscientização da comunidade sobre a importância de preservar seu patrimônio cultural.

## Referências

- FABBRIZZI, Fabio. *Itinerari di progetto urbano: 11 ipotesi per Borgo San Lorenzo*. Florença: Alinea, 2004.
- JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. *Renovação Urbana e Reciclagem: orientações para a prática de ateliê*. Pelotas: Ed. Gráfica Livraria Mundial, 1996.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de (Coord.). *Piratini - RS. Levantamento e projeto dos acadêmicos da disciplina de Técnicas Retrospectivas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel*. Pelotas: UFPel, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; OLIVEIRA, Dóris Maria; RODRIGUES, Miriam Sartori (Coords.). *Qualificação do Espaço Urbano de Piratini*. Pelotas: SEDAC/IPHAE/FAUrb- UFPel, 2001.
- STORCHI, Ceres; ROMAM, Vlademir. *Centro histórico de Piratini: preservação e valorização*. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Portaria Nº 19, de 1991. Tombamento da área identificada como Centro Histórico de Piratini.

RIO GRANDE DO SUL. Portaria SEDAC Nº 097, de 12 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a delimitação e definição de entorno de bens tombados no Município de Piratini. *Diário Oficial do Estado*, Porto Alegre, 17 de dezembro de 2013, p.51-52.

RIO GRANDE DO SUL. Portaria SEDAC Nº 78, de 27 de dezembro de 2011. Dispõe sobre as normas para colocação de anúncios e veículos publicitários no Centro Histórico do Município de Piratini. *Diário Oficial do Estado*, Porto Alegre, 29 de dezembro de 2011.



# REESTRUTURAÇÃO DO PERIÓDICO “CADERNOS DO LEPAARQ” E A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO

*QUADRADO, Chaiane Alves*

Aluna da Licenciatura em História ICH/UFPEL, bolsista PROBEC. Secretária editorial dos Cadernos do LEPAARQ

*MILHEIRA, Rafael Guedes*

Professor do Departamento de Antropologia/ICH/UFPEL, coordenador do LEPAARQ- UFPEL, editor chefe dos Cadernos do LEPAARQ

O projeto de extensão “Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ” (53007011) traz como objetivos: o estímulo à pesquisa nas áreas de Antropologia e Arqueologia, proporcionando acervo bibliográfico, estrutura física, instrumentos para pesquisa e orientação de professores colaboradores; constituição de acervo museológico tanto de material arqueológico como etnográfico; divulgação do conhecimento referente às áreas de pesquisa que abrange - com destaque para Arqueologia pré-colonial e histórica da região sul - por meio de exposições, visitas, programa de educação patrimonial e publicações.

Neste último item se encaixa o periódico vinculado ao laboratório “Cadernos do LEPAARQ”, existente desde 2004. A publicação busca a divulgação dos resultados de pesquisas nas áreas de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio - inclusive aquelas realizadas no próprio LEPAARQ -, debates acerca de teorias e metodologias, desenvolvimento de uma consciência patrimonial e questões acerca de estudos produzidos, divididos em cinco sessões: artigos; relatórios e notícias institucionais; resenhas; notas de pesquisa; e ensaios visuais.

## Metodologia

Desde sua criação, em 2004, até o ano de 2008 o periódico “Cadernos do LEPAARQ” teve sua publicação de maneira impressa, sob o ISSN 1806 9118, em 5 volumes e 10 números. Nessa primeira fase, a publicação do periódico contava com uma equipe variada, de acordo com a disponibilidade de discentes e docentes relacionados ao laboratório, assim sendo, houve uma dificuldade de manter a periodicidade semestral, preterida originalmente, intensificada pela falta de pessoas experientes com um sistema de publicações. Outro agravante foi a falta de recursos financeiros para a manutenção das impressões em tempo hábil para atender à periodicidade adequada. Somando aos problemas que afetaram a periodicidade, a revista, embora tenha sido cadastrada no Qualis, inicialmente no estrato C, passou ao estrato B5, mantendo-se ainda hoje nessa classificação.

Assim sendo, em 2012 o “Cadernos do LEPAARQ”

passou por uma reestruturação, abandonando a modalidade impressa e sendo inserido no Portal de Periódicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) (através do projeto Guaiaca<sup>1</sup>) – vinculado ao Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) –, sob o e-ISSN 2316 8412. Acompanhando a mudança de modelo, o periódico reformulou também seu conselho editorial, o conselho consultivo e passou a atuar com um número maior de pareceristas. Além disso, ampliou a administração com a inserção de uma chefia editorial e uma secretaria editorial.

Com a adição do periódico no SEER foi fundamental a criação de uma secretaria editorial, responsável pela editoração e projeto gráfico do periódico. Num primeiro momento, a prioridade foi regularizar a periodicidade de publicação dos volumes e após regularizar a frequência da publicação, estava em tempo de pensar novas metodologias e procurar qualificar o periódico.

A secretaria editorial exerce a administração do sistema eletrônico, bem como auxilia os autores na submissão de novos documentos, organiza a parte gráfica, tanto do sistema como da publicação, facilita a resolução de eventuais dificuldades que a equipe (avaliadores, editores, autores, etc.) possa ter, faz a verificação dos textos (referências bibliográficas, ortografia, gramática), ajuste de imagens e tabelas para a publicação, padroniza o documento no visual que o periódico adota, e deixa a edição pronta para a conferência do editor e finalmente a publicação final.

O SEER também possibilitou o processo de avaliação por pares e às cegas, também conhecido como duplo-cego – onde o editor designa dois ou mais avaliadores para apreciarem os documentos submetidos pelos autores e enviarem seus pareceres, sem ter conhecimentos de nomes, em ambos os lados –, esse tipo de avaliação proporciona maior credibilidade ao periódico. Os pareceres são analisados por um dos editores associados que emitirá um relatório final enviando-o ao editor-chefe.

## Resultados

Com a mudança do meio impresso para o sistema eletrônico foi possível executar algumas melhorias que agregaram na qualificação do periódico “Cadernos do LEPAARQ”, como:

1) A avaliação por pares é pré-requisito para a inserção de periódicos em diversas bases indexadoras, ao utilizar este sistema foi possível adicionar o “Cader-

nos do LEPAARQ” em indexadores como Periódicos CAPES, Latindex, LivRe! e Cengage Learning [Inc.]. A indexação permite uma maior visibilidade das publicações, além da qualificação dos periódicos. Segundo Maria Ribeiro:

Para uma revista, a indexação num desses órgãos significa reconhecimento de mérito, aval à qualidade de seus artigos e conseqüentemente para seus autores, que normalmente, estão submetidos a processos de mensuração de desempenhos de atividades, tanto acadêmicos ou de serviços (RIBEIRO, 2006).

2) Tanto o processo editorial como a publicação são completamente realizados sem custos, o que permite manter a política de acesso livre.

3) Com a comunicação pelo sistema eletrônico o contato entre autores, editores, pareceristas e público leitor é mais dinâmico e abrangente, facilitando o esclarecimento de dúvidas e solução de problemas. Há de se destacar também o controle de todos os processos editoriais por parte da chefia editorial e da secretaria editorial, além do controle de estatísticas do periódico, que permite averiguar quais os artigos, autores e temas são mais requisitados.

4) O acesso eletrônico permite uma acessibilidade maior ao periódico, alcançando não só a comunidade acadêmica, mas qualquer um que tenha interesse nos temas abordados pela publicação. Como evidencia Tenopir e King:

A oportunidade de acesso a artigos de periódicos através do computador propicia a todos os cientistas maior volume de leitura a partir de uma maior variedade de fontes, embora haja um limite máximo para o tempo que eles podem dedicar à leitura. Esse limite é atingido, quer os artigos estejam sujeitos a alguma taxa, quer estejam disponíveis de graça. Finalmente, a informação que os cientistas obtêm dos periódicos referendados resulta em melhor desempenho, conforme evidenciam os prêmios e os resultados obtidos pelos cientistas que mais leem (TENOPIR, KING, 2001).

4) Com o sistema de publicação impressa o periódico contava com uma média de 6 artigos por número publicado, com a mudança para o sistema eletrônico a média teve um crescimento de 50%, e aumenta a cada número publicado.

## Conclusão

Tendo uma equipe mais organizada e uma pessoa designada para o encargo do periódico foi possível retomar e manter a periodicidade conforme a política da revista, podemos buscar novas formas de aprimorar a publicação, como indexadores e novas ferramentas do sistema.

Conseguimos através desta pequena parte do projeto LEPAARQ, levar até a comunidade os resultados de projetos e pesquisas que a envolvam, garantir que autores nacionais e estrangeiros, que muitas vezes encontram dificuldade de expor seus estudos, tenham um espaço para discussões e que outros tenham seu conhecimento enriquecido através da leitura dos mesmos. O “Cadernos do LEPAARQ” sempre teve por objetivo a disseminação do conhecimento e aproximação daqueles que produzem o mesmo, e pouco a pouco vamos aprimorando a maneira de fazê-lo, projetos como o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia estimulam o envolvimento e comprometimento de mais pessoas com a pesquisa e ensino além da divulgação dos resultados obtidos com estes.

## Notas

1. Repositório Institucional da UFPel, que visa reunir todo o acervo de produção científica da Universidade Federal de Pelotas, para mais informações é possível acessar o site: <[guaiaca.ufpel.edu.br](http://guaiaca.ufpel.edu.br)>.

## Referências

- KING, D.; TENOPIR, C. A importância dos periódicos para o trabalho científico. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 15-26, 2001.
- KRZYŻANOWSKI, R.; FERREIRA, M.C.G. Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 165-175, mai./ago. 1998.
- MARZIALE, M.H.P.; MENDES, I.A.C. Avaliação por pares em divulgação científica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 9, n.6, nov. 2001.

## Referências eletrônicas

- MÁRDERO ARELLANO, M.A.; SANTOS, R.; FONSECA, R. SEER: disseminação de um sistema eletrônico para editoração de revistas científicas no Brasil. *Arquivística.net*, v. 1, n. 2, p. 75-82, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003949&dd1=d2fa6>>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- RIBEIRO, M.P.F. A importância da indexação para a difusão do conhecimento comunicado nas revistas técnico-científicas. *REME*, v. 10, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/376>>. Acesso em: 02 ago. 2014.



# TATÁ: VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS NA DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE

*FERREIRA, Gabriela Gonçalves da Rosa*

Aluna do Bacharelado em Administração/UFPeI, bolsista PROEXT/UFPeI

*VILELA, Lizandra Oliveira*

Aluna do Curso de Bacharelado em Jornalismo/UFPeI, bolsista PROEXT/UFPeI

*SILVA, Daniel Furtado Simões da*

Professor Cearte/UFPeI, coordenador

O Tatá – Núcleo de Dança-Teatro, criado em 2010 pela professora dos cursos de artes cênicas da Universidade Federal de Pelotas, Maria Falkembach, é um dos programas de extensão da universidade. Sendo atualmente financiado pelo PROEXT, tem como intenção ser uma ponte entre as pesquisas, reflexões e as práticas desenvolvidas nos cursos de Licenciatura em Dança e Teatro e a comunidade da cidade de Pelotas e região. Isto ocorre, através da vivência artística de seus integrantes.

O contato do projeto com as escolas, que se dá através da pré-produção dos espetáculos, oficinas e na conversa que acontece momento após o espetáculo, tem gerado maior articulação com o futuro campo de trabalho dos egressos dos cursos de dança e de teatro, produzindo dados para a avaliação e reformulação do projeto pedagógico dos cursos. Para a realização das oficinas para professores e a comunidade, são trabalhados diversos textos que elucidam aos alunos do Núcleo o seu papel perante a sociedade.

Outro ponto a destacar é a necessidade de pesquisa que o projeto gera e provoca, ajudando constantemente na atualização constante nas experiências de ensino. O Núcleo se configura como um projeto de extensão, pois está voltado para a democratização da arte e do saber acadêmico, mas não deixa de ser um espaço de ensino e construção de conhecimento para alunos e professores da universidade. As atividades do Tatá são espaços importantes onde se pode perceber a diluição da dicotomia entre teoria e prática e entre arte e educação. O desenvolvimento do projeto de doutorado “Compor com o que se tem, um modo de compor de práticas performativas na perspectiva de oscilação entre efeitos de presença e de significado: o Tatá nas escolas e as escolas no Tatá.”, da coordenadora do Tatá, Maria Falkembach, é um exemplo da integração entre extensão e pesquisa.

Alunos integrantes do Tatá também têm desenvolvido pesquisas relacionadas às atividades realizadas no Programa. Em 2013, a ex-aluna do Curso de Dança e integrante do Tatá, Tais Chaves Prestes, desenvolveu sua pesquisa tendo como referência o trabalho do grupo Tatá. Juntamente com a integrante do programa Gessi Konzgen, apresentou no Congresso Extensión y Sociedad 2013, ocorrido em Montevideu, Uruguai, o

trabalho Tatá Núcleo de Dança-Teatro: Arte e Responsabilidade Social. No fim do mesmo ano, a também ex-aluna do Curso de Dança e integrante do Tatá, Alexandra Latuada, passou na seleção da Pós Graduação Lato Sensu em Educação com Habilitação para Docência do IFSUL campus Pelotas, com o projeto “A relevância do grupo Tatá Núcleo de Dança-Teatro da UFPEL na formação do artista-educador em Pelotas-RS”, também com proposta de pesquisar o grupo.

## Metodologia

O projeto apresenta princípios e conceitos da construção da linguagem artística, ferramentas fundamentais para o desenvolvimento deste campo na educação, possibilitando aos professores das escolas que possuem parceria com o Tatá uma maior aproximação e compreensão do campo de conhecimento da dança e do teatro. Identificamos a dança-teatro como uma vertente da dança em que alguns elementos do teatro fazem uma interface de maneira dramaturgica, criando uma nova e única forma de dança. Somando a este conceito temos de acrescentar contribuições de Pina Bausch (1940-2009) a esta arte e como influência ao Tatá. O uso da repetição, a alternância, a simultaneidade e os bailarinos como interpretes de suas vivências caracterizam o processo de criação dos espetáculos. Pina afirmava que dançava as relações humanas:

Eu só posso fazer algo muito aberto, eu não estou mostrando uma visão. Há conflitos entre as pessoas, mas eles podem ser olhados de cada lado, de ângulos diferentes. Ou você pode assistir isso assim ou assim.”(1998 p.28 apud CALDEIRA, 2010, p.2)

Saímos de uma ideia de dança e teatro enquanto entretenimento, para compreendê-los enquanto arte e ciência, enquanto linguagem. É possível perceber no contato com as escolas que, após os alunos assistirem aos espetáculos ocorre a concretização da linguagem. A experiência de cognição é realizada. O novo espetáculo do Tatá, “Terra de Muitos Chegares”, estreado em outubro de 2013, é muito próprio para isto, pois, traz pela via do corpo, a abertura da sensibilidade para questões culturais e filosóficas. Importante deixar claro que o espetáculo não busca ilustrar, apresentar ou representar tais questões, mas busca, na presença viva dos corpos dos artistas e espectadores, a mobilização destes corpos, mobilização que pressupõe transforma-

ção e reflexão sobre a vida.

Desde que foi criado, é possível perceber que o projeto se fortaleceu, amadureceu e ampliou sua rede de atuação. Isto ocorreu principalmente porque o incentivo à autonomia dos integrantes do programa tem produzido novas parcerias e contribuído com a criação de projetos individuais e a criação de outros coletivos. Apropriando-se dos trabalhos desenvolvidos, através das atividades de criação, de ensino, de pesquisa e produções executadas, o Tatá vem instigando aqueles que participam do programa cada vez mais ao comprometimento.

Destaca-se na forma de trabalhar do projeto a liberdade de criação dos atoresbailarinos que compõe o grupo. Nos últimos anos, este fato fez com que houvesse a ampliação da interdisciplinaridade em seus processos artísticos, criando novas relações com a música, o cinema, a moda, a literatura e a educação. Através da troca de experiências e conhecimentos, atividades práticas, pesquisas e trabalhos conjuntos tem se apresentado um espaço de troca entre cursos, não apenas os das artes-cênicas. Agregando ao programa estudantes de jornalismo, administração, música e do cinema, o Tatá tem produzido diálogos em novos espaços de reflexões. Isto é possível perceber quando o grupo entra nas escolas. O “Terra de Muitos Chegares”, por exemplo, por onde tem passado, tem se apresentado como estopim de reflexões sobre história, filosofia e temas interdisciplinares como corpo, identidade e cultura. A proximidade dos integrantes do grupo com a realidade da escola, seu futuro espaço de trabalho, gerou atitude de compromisso com a educação do país de um modo geral. Isto também provocou consciência sobre o papel e a importância da arte na educação. Neste mesmo sentido, percebe-se reflexão dos alunos sobre a função e o papel da arte, principalmente da arte do corpo, na vida das pessoas.

O modo como o grupo está se constituindo tem levado a aproximação com teorias e práticas da educação popular e com uma metodologia de pesquisa desenvolvida nessa área: sistematização de experiências. Esta teoria é coerente com as práticas do Tatá, sempre atentas ao diálogo com o saber popular. Exemplo disto foi a oficina de Sopapo (tambor de origem afrodescendente com origem na cidade de Pelotas presente no espetáculo do grupo) pelo griô Dilermando de Freitas.

A ideia do integrante como produtor cultural consolidou-se este ano. Produção em termos básicos são as tarefas que precedem o espetáculo: contatar pessoas, propor reuniões com pretensos parceiros,

negociar local de apresentação e planejar a estada do grupo no local pretendido. Todas as apresentações foram realizadas a partir de uma produção dos próprios integrantes. O projeto também viu a necessidade de agregar bolsistas que pudessem ajudar os artistas nessas produções, contando agora com uma bolsista de administração e outra da comunicação.

Outra busca do Tatá são as residências artísticas. Possibilitando a troca de experiências entre os componentes do grupo e profissionais das áreas que abrangem o programa. Em 2013, houve duas residências. A primeira foi com Ramiro Silveira, Bacharel em Artes Cênicas: Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Direção Teatral (MFA Theatre Directing - distinction) pela Middlesex University em Londres. E outra com a coreógrafa, interprete e professora costarriquenha Vicky Cortés. Estas residências contribuíram com a qualificação artística dos grupos, a partir da imersão destes no processo de criação dos artistas convidados.

## Resultados

Para quem nunca teve esta experiência, pode parecer irrelevante: estar presente diante do corpo de um ator-dançarino que coloca toda sua vivência, toda sua experiência, toda sua emoção com o objetivo de expressar algo que lhe é muito caro, que lhe é necessário. É uma experiência muito intensa. Este projeto proporciona esta experiência ao público, com foco nos professores e alunos de escolas públicas do Sul do Rio Grande do Sul. É esta experiência que gera o impacto: impacto individual que se faz social. As reflexões geradas após a apresentação do espetáculo tratam de temas importantes: preconceito, racismo, cultura, multiculturalidade, identidade, diversidade, poder. Já nas primeiras apresentações do espetáculo “Terra de Muitos Chegares”, por exemplo, percebemos que os alunos conseguiram entender a proposta do grupo, ao ponto de questionarem os próprios professores que, por fazerem parte da estrutura escolar, preocupada com entender o modo pelo qual a arte traz a à tona as reflexões (de modo complexo e intenso, que passa não somente pela racionalidade, mas também pela sensibilidade e pelo sentido de comunidade. Tendo havido apresentações em várias escolas de bairros carentes de Pelotas e região, percebe-se que a apropriação e a compreensão dos temas tratados e da linguagem cênica ocorre de diversas formas. E o Tatá respeita isto. A linguagem do espetáculo contribui para que o especta-

dor amplie sua escuta e chegue a um estado aberto às emoções. Em uma das cidades que o projeto alcançou, Pinheiro Machado, o Teatro Municipal foi aberto depois de muito tempo fechado. As condições do lugar talvez não fossem as mais adequadas, mas a importância mostrada pelas pessoas da cidade que constituíram a parceria, que acreditaram no projeto, foi tão gratificante que as condições do lugar ficaram em segundo plano. São exemplos assim que fazem o projeto ir em frente e conquistar novas parcerias ao longo dos anos. Percebemos, assim, que o projeto gera espaços de discussão sobre assuntos que a escola, na atualidade, sente necessidade de abordar. O projeto cria estes espaços, porque os temas abordados deixam de ser apenas conteúdos e se apresentam como questões fundamentais que atravessam a vida de cada um de nós. O impacto pedagógico promovido pelo Programa está relacionado com a busca pela excelência artística nas suas produções, além da significativa produção de material didático e de oficinas de capacitação.

O principal veículo de difusão do conhecimento desenvolvido no projeto são as apresentações das obras artísticas. A presença de artistas e público é uma das especificidades das artes performáticas. Além da circulação das obras criadas no Programa (em Pelotas, região e Rio Grande do Sul), o Programa contribuiu com o acesso da comunidade de Pelotas a obras de outros artistas. Apresentaram-se a Cia Terpsí – Teatro de Dança (principal grupo de dança-teatro do Rio Grande do Sul, com reconhecimento nacional) e a bailarina e coreógrafa Vicky Cortés (artista costarriquenha com carreira na Europa e Latino América). O blog do grupo ([grupotata.blogspot.com](http://grupotata.blogspot.com)), ferramenta de difusão e divulgação das reflexões e atividades do grupo Tatá foi utilizado, além de chamadas em rádios, entrevistas para jornais e redes sociais.

Percebe-se, portanto, que algumas comunidades começam a apresentar uma certa familiaridade com a linguagem das artes cênicas contemporâneas. Isto aconteceu tanto nas escolas que no ano anterior havíamos apresentado o espetáculo Tatá Dança Simões como nas escolas que se apresentou, neste mesmo ano de 2013, o espetáculo Terra de Muitos Chegares.

A procura nas redes sociais também aumentou: os adolescentes usaram este espaço para perguntar coisas que gostariam de saber e que não perguntaram na conversa imediatamente após as apresentações, o que nos mostra que os espetáculos têm ressonância, deixa rastros. É possível destacarmos no último ano alguns eventos que o Tatá esteve presente, assim

como, parcerias realizadas, que nos fazem comprovar a importância que o projeto está conquistando.

No início de 2013, a convite da Universidade da Fronteira Sul, o Tatá apresentou o espetáculo Tatá Dança Simões nas cidades de Erechim e Chapecó, para alunos da universidade e comunidade. Concretizando também uma parceria com o Sest Senat Pelotas para a realização da estreia do novo espetáculo em Pelotas, o projeto permitiu que os alunos das escolas assistidas pudessem ter a experiência de assistir o espetáculo em sua plenitude, com iluminação, sonoplastia e espaço cênico. Fato que irá se repetir neste ano de 2014. Houve ainda a participação em atividades culturais da UFPel, como o Quartas no Lyceu, apresentando-se duas sessões. Ainda em 2013, depois de muita dedicação com esta produção, conseguimos Parceria com o Núcleo de Estudos Fronteiriços da UFPel, para apresentação do espetáculo Terra de Muitos Chegar, no "Teatro 15 de Febrero" em Rivera, para alunos que estudam em Livramento e na cidade Uruguiaia. Em 2014, além de participar e conquistar prêmios no Festival Bajeense de Teatro, com os prêmios de melhor espetáculo, melhor direção e iluminação, o Tatá firmou parceria com a SMED em Pelotas, conseguindo número significativo de professores alcançados nas oficinas. O grupo ainda realizou turnê pelo estado de SC, tanto em 2013 quanto neste ano de 2014, tendo conquistado novas parcerias no estado vizinho.

## Conclusão

Em quatro anos de existência, é perceptível que o Tatá hoje consegue assumir as atividades que desempenha com propriedade. Adquirindo novos conceitos práticos a cada passo que se desafia a dar, aposta em momentos de reflexão em grupo. Em 2014, reuniões e atividades extras fizeram o Núcleo entender que, um programa de extensão, requer que as relações ultrapassem as vigentes no edital. Buscando consolidar uma metodologia de trabalho e de resultados, onde a liberdade de criação e a interdisciplinaridade vai além das propostas pré-estabelecidas, busca sempre novos meios de desenvolver o projeto e as atribuições que possui. Essa visão do Tatá amplia o conhecimento dos integrantes em todos os aspectos do grupo, possibilitando uma análise de inserção na sociedade tal como ela é. Esta união de fatores sustenta não só o gerenciamento das atividades, como as produções culturais e a circulação dos espetáculos, mas também se transforma em resposta por parte da comunidade

atendida. A busca que o projeto empreende pela democratização da arte através da parceria com escolas, secretarias municipais de cultura e educação, universidades, teatros e outros parceiros onde estão presentes o futuro público-alvo das artes em geral, compreende a construção do papel extensionista do programa. Esta visão agrega não só valores aqueles que recebem o projeto, mas também os integrantes do Tatá que estão abrangendo e buscando novos meios de se fazer e aprimorar a arte-educação.

## Referências

- CALDEIRA, Solange. Revista Poiésis: A Construção Poética de Pina Bausch. nº 16. página 118-131 2010
- FALKEMBACH, Maria. FERREIRA, Tais. Teatro e dança nos anos iniciais. Editora Mediação, 2012.

## VAGA VIVA FAURB

### ZANIN, Marina Brandão

Aluna do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO/  
UFPel, bolsista PET FAURB/UFPel

### RITTER, Carolina

Aluna do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO/  
UFPel, bolsista PET FAURB/UFPel

### FONSECA, Leandro Ferreira

Aluno do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO/  
UFPel, bolsista PET FAURB/UFPel

### SCHUMANN, Luana

Aluna do Curso de ARQUITETURA  
E URBANISMO/UFPel, bolsista PET FAURB/UFPel

### FARIA, Ana Paula Neto de

Professora do Departamento DAURB/FAURB/UFPel,  
orientadora

**O**Vaga Viva FAURb é uma atividade de extensão e de pesquisa integrada, de caráter coletivo envolvendo todo o Grupo. O projeto surgiu como resultado da reflexão sobre dois tópicos: a primazia do automóvel nas decisões de planejamento e desenho urbano e a falta de espaços de convívio e interação social no Campus das Ciências Sociais. A atividade foi inspirada no movimento mundial chamado Parking Day, onde cidadãos, artistas e ativistas unem-se para ocupar e transformar temporariamente espaços usados para estacionamento de veículos motorizados em um lugar de expressão artística, política e cultural, assim como cenário para interações sociais imprevistas. Como objetivos da atividade, pretende-se: Explorar a gama de possíveis atividades para um espaço que originalmente é destinado a veículos; Chamar a atenção para a necessidade de espaço urbano aberto para uso comunitário, como esses espaços são criados e qual a sua finalidade; Contribuir com o ambiente acadêmico de Arquitetura e Urbanismo, questionando alunos e professores sobre como esses segmentos de infraestrutura podem ser reinventados, ainda que temporariamente, de forma criativa e coletiva para o uso humano, projetando ideias de um desenho urbano livre e com acesso a todos; Promover a utilização de formas alternativas de locomoção – sobretudo a bicicleta. Queremos mostrar como ações como esta tem o poder de alterar o cenário e o espírito de uma universidade e até cidade, pois acreditamos que o primeiro passo é a conscientização das pessoas e, como futuros arquitetos e urbanistas, devemos estar atentos aos danos que nossa profissão causa ao meio ambiente e, sobretudo, as estratégias que podemos utilizar para amenizar esses problemas.

### Metodologia

Metodologicamente, o projeto de extensão foi dividido em oito etapas: a) Estudo de referenciais, histórico e exemplos sobre o projeto; b) Escolha do local e da data a ser realizado, levando em consideração o impacto causado e as necessidades do entorno; c) Criação da arte do evento e divulgação de cartazes em pontos estratégicos da cidade de Pelotas; d) Levantamento e preparação do material a ser utilizado, levando em consideração o que um bom lugar público ao ar livre necessita; e) Montagem da instalação a partir das

7h30min do dia previsto; f) Desfrute dos usuários e registro do evento; g) Desmontagem da instalação, por volta das 20h, abrangendo os três turnos de aulas na universidade; h) Organização do material de registro e avaliação do evento.

## Resultados

Com duas edições realizadas, foi possível a percepção do cumprimento dos objetivos para o projeto e teve repercussão significativa entre os alunos, professores e funcionários do campus porto da UFPel, moradores do entorno da intervenção, jornais locais e redes sociais. Criou-se no local, um ambiente de conscientização, de ideias críticas, de conversação, de generosidade, de expressão cultural, socialização e lazer. A comunidade acadêmica e mesmo visitantes e moradores da região, puderam desfrutar de um dia diferente, e perceber que com atitudes como essa podemos mudar a visual da cidade, melhorando também nossa saúde e o meio ambiente. É notório o contínuo crescimento dos adeptos da bicicleta em Pelotas, sobretudo na região do porto e na própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. É comum que em meio às motos, carros e ônibus, bicicletas estejam presentes, ainda que as necessárias melhorias em infraestrutura e em educação de trânsito não tenham ocorrido. Acreditamos que com esse projeto, estamos trazendo mais informação e motivação para dentro da universidade, além de promover o contato e integração de alunos, professores, funcionários e a comunidade em geral.

## Conclusão

A iniciativa tem contribuído com outros projetos de extensão incentivadores da melhoria da mobilidade urbana pelotense, muitos deles idealizados dentro da própria FAUrb pelo Laboratório de Urbanismo ou por Trabalhos Finais de Graduação.

Conseguimos perceber que a ideia agradou as pessoas frequentadoras do bairro, e mesmo nossa intenção ter sido de um ajuste temporário na cidade, durando apenas um dia cada edição, muitos participantes se prontificaram a ajudar na realização de um projeto para o alargamento permanente do passeio público em frente à FAUrb, ocupando as vagas de automóveis, pensando criticamente sobre como o tecido urbano é construído. Com isso, fica claro que o projeto contribui com os processos urbanísticos que alteram permanentemente a paisagem urbana.

## Referências

GEHL, Jan. *Cities for People*. London: Hardcover, 2010.

## Referências eletrônicas

Associação Ciclo Urbano: vaga viva reforça a necessidade de se pensar a cidade, 2012. Disponível em: <http://www.ciclourbano.org.br/tag/vaga-viva>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

Cities for People, 2014. Disponível em: <http://www.citiesforpeople.net/about.html>. Acesso em 10 de março de 2014.

Conexões Globais. Daniel Cassol, 2013. Disponível em: <http://conexoesglobais.com.br/vaga-viva-teradicao-durante-o-conexoes-globais>. Acesso em 26 de dezembro de 2013.

Portfolio Rebar Group, 2014. Disponível em: <http://rebargroup.org/parking>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

Transporte Ativo: consagração Vaga Viva, 2012. Disponível em: <http://transporteativo.org.br/wp/2012/09/29/vaga-viva-2012-consagracao>. Acesso em 14 de março de 2014.

Vaga Viva: espaço de convivência no lugar de carro. Ana Fish, 2011. Disponível em: <http://www.nossa-saopaulo.org.br/portal/node/13224>. Acesso em 28 de dezembro de 2013.



